

Universidade De São Paulo
Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas
Departamento De Geografia

Trabalho de Graduação Individual II

Geografia(s) do Futebol Contemporâneo em São Paulo

Espaços do Jogar e do Torcer na Metrôpole



DANILO HEITOR VILARINHO CAJAZEIRA
N° USP 3719171

Orientação: Amélia Luísa Damiani

São Paulo
Abril de 2009

Em 25 de janeiro o Corinthians fez-se hepta na juventude.

Em 25 de janeiro meu pai partiu.

Nosso último jogo valeu título.

Nosso último jogo valeu tudo.

Eternamente em nossos corações.

São Paulo, de aniversário, chamou São Pedro e, juntos, choraram até não poder mais pela noite de domingo.

Partia um grande amigo.

Pai de muitos, mais do que os dois filhos que teve, e que sempre terá.

Em qualquer dimensão, a qualquer tempo.

Lutadores como você foi.

Que te lembram mais do que espelho.

Se fica o vazio, só não é maior do que a sua presença.

Eterna.

Em tudo.

Em cada vírgula deste texto.

Em cada poro da minha pele.

Em cada hemácia do meu sangue.

Pai, descansa.

Que nunca mais o ar vai faltar pra você.

Te amei mais do que qualquer coisa dizível ou indizível.

Te amo mais do que nunca.

“Para Pedro Arispe, a pátria não significava nada. A pátria era o lugar onde ele tinha nascido, e dava na mesma, porque ninguém o tinha consultado, e era o lugar onde ele se arrebatava trabalhando como peão para um frigorífico, e também dava na mesma ter um ou outro patrão em qualquer outra geografia. Mas quando o futebol uruguaio ganhou a Olimpíada de 1924 na França, Arispe era um dos jogadores triunfantes; e enquanto olhava a bandeira nacional que se levantava lentamente no mastro de honra, com o sol em cima e as quatro barras celestes, no centro de todas as bandeiras e mais alta que todas, Arispe sentiu que seu peito estufava.

Quatro anos depois, o Uruguai ganhou a Olimpíada da Holanda. E um dirigente uruguaio, Atilio Narancio, que em 24 tinha hipotecado sua casa para pagar as passagens dos jogadores, comentou:

- Agora já não somos mais aquele pequeno ponto no mapa do mundo.

A camisa celeste era a prova da existência da nação, o Uruguai não era um erro: o futebol havia arrancado aquele minúsculo país das sombras do anonimato universal.”

“A segunda descoberta da América”, Eduardo Galeano

Agradecimentos

É quase impossível agradecer sucintamente em um pedaço tão pequeno de papel a todos que foram fundamentais para este trabalho; de toda forma, tentemos, e se eu me esqueci de você, caro leitor, escreva seu nome aqui: _____.

Se o primeiro Fla-Flu aconteceu quarenta minutos antes do nada, como disse Nelson Rodrigues, esta pesquisa começou muito antes do meu nascimento: talvez em 1976, quando meu pai foi ao Maracanã e se surpreendeu com a Invasão Corinthiana, passando a respeitar aquele time alvinegro que não tinha uma torcida, pertencia à ela; talvez em 1977, quando minha mãe foi ver essa mesma torcida comemorar o fim de uma agonia de 23 anos, na maior festa que São Paulo já conheceu; talvez mesmo em 1910, quando operários do bairro do Bom Retiro se reuniram para dar início ao Sport Club Corinthians Paulista, instituição sem a qual eu não sei definir onde começa e onde termina esta pesquisa – e mesmo a minha vida. O primeiro agradecimento, portanto, vai para Ronaldo, Neto, Viola, Ezequiel, Giba, Marcelo, Jacenir, Paulo Sérgio, Tupãzinho, Sócrates, Casagrande, Biro-Biro, Wladimir, Zé Maria, Romeu, Zenon, Rivellino, Basílio e tantos outros que meu pai fez fazer parte da minha história quando me levou ao Pacaembu e me fez apaixonar pelo preto e branco daquela festa. De jogo em jogo, a tradição oral se fez passar, e criou este pesquisador em meio a dias e mais dias de futebol.

A família, é claro, não poderia ficar de fora. Se já citei meu pai, Cleber, que mesmo sem ter lido nos deixou sabendo tudo que está dito aqui, minha mãe, Célia, e sua inestimável ajuda na correção ortográfica, sintática e mesmo de conteúdo de meus textos, desde criança; minha irmã, Luciana, e suas reações que falavam por si só ao lê-los, sem precisar comentá-los; minha avó, corinthianíssima avó, Ortência, e suas histórias da cidade e do time; todos fundamentais para qualquer coisa que eu faça, incluindo este trabalho. Os amigos de infância, também não posso esquecer, imprescindíveis que foram na criação do conteúdo aqui apresentado – notadamente

Wlado, Fê, Rafa e Arthur, pai e irmãos sem ser de sangue, palmeirenses que, na posição de outro da minha paixão, fizeram parte enorme da construção dialética do pesquisador e da pesquisa. Geca, a mãe, apesar de flamenguista, seguramente também participou do que segue, com seus comentários sempre ponderados sobre o que discutimos.

E falando em Flamengo e Rio de Janeiro, adentramos a Universidade de São Paulo e aqueles que estiveram sempre ao lado durante este percurso: os flamenguistas Júnior e Kaká, os tricolores Renata e André. Muito obrigado pela leitura, pelas discussões, e mesmo pela ajuda teórica, uma vez que seus trabalhos acadêmicos me foram muito úteis. Camila e Felipão, além da irmandade corinthiana, também tiveram papel central por aqui, principalmente na ajuda com os mapas. Paulão, o técnico, o jornalista, o geógrafo, o são-paulino, foi nada mais do que o responsável pela minha descoberta da possibilidade do futebol na academia; este trabalho tem muito de você. Carol, sua companheira, tem também meus agradecimentos pela paciência literária quando lhe mostrava algum texto, mesmo sem ter a mesma paixão pelo futebol – mas sim pelas Letras – que eu tenho. E Léa, mais do que amiga, companheira, sempre pronta a ouvir, a opinar, a dar carona, a emprestar livros, o que seria de mim na Geografia sem você? Por fim, aos colegas do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF), que impulsionaram minha paixão pela pesquisa, também devo contas, pelos textos, pelas dicas, pelas discussões, apesar do pouco tempo juntos.

Em termos de jogar bola e de torcer, fizeram e fazem parte constante deste trabalho (que não acabou aqui) os amigos do Autônomos FC, MACD, Tô Ti Vênu, Hermanos de Pelé, divididos em suas famílias corinthianas (valeu Gabri, Zau, Sema, Daniel, Ribas, Ale, Guga, Thi, Chico, Pedrão e tantos outros), são-paulina (valeu Bona, Jay, Rick, Olívia), palmeirense (valeu Valdívia, Bruno, Leandrão, Gueme), portuguesa (valeu Lipe, Élcio, Rodrigo), andreense (valeu Mau e Jão), juventina (valeu Piva, Toro, Trafani) e até vascaína (valeu Clasher). Sid, Franz, Danilo e Lelê, as arquibancadas do Pacaembu (e do Morumbi, e do Maracanã, e do Olímpico, e da Bombonera) não teriam me dito tanto quanto disseram sem vocês juntos. Assim como a pesquisa não existiria sem o privilégio que tive de ter aulas com alguns professores desta instituição.

Dieter; Anselmo, Valéria, Fani e Ariovaldo; Grenspan, Zé Sérgio, Élvio e Maria Laura; Odette e Amélia; técnico: Aziz Ab'Saber. Que timaço! Principalmente pela dupla de ataque infernal, Odette com a obra base desta pesquisa e Amélia com muito mais do que a orientação, mas o incentivo, a amizade e a crença necessária de que sim, se pode pesquisar futebol e ter algo importante a se dizer sobre a Geografia. Impossível avaliar o quanto de vocês está aqui, e estará para sempre no modo como enxergo o mundo – e todas as suas abstrações reais...

Por fim, o mais importante: pessoas sem as quais não existiria nem pesquisa e nem pesquisador. Davi, você sabe que é mais que um amigo, é o irmão que eu nunca tive, companheiro de idéias, de luta, de tudo; Eveline, os Oliveira e os Vilarinho Cajazeira são praticamente filiais da mesma família no Rio Grande do Sul e em São Paulo; e Camila, meu amor, companheira de arquibancada e de sonhos, mãe da família (Preta, Branca e Boquita), alguém que nunca, em hipótese alguma, conseguirá se ausentar de meu coração. Obrigado pela paciência com meus devaneios futebolísticos e por me colocar de volta na realidade sempre que eu comecei a idealizar na pesquisa os romantismos com os quais sonho.

Enfim, este trabalho simboliza o fim de uma graduação, mas nunca o fim de uma pesquisa; aqui, se encontra apenas um momento dela. Se a comecei cheia de incertezas, termino-a com uma certeza absoluta: impossível desenhar uma única Geografia quando se fala de futebol, a tragédia grega da modernidade.

E vai Corinthians! E vamo Auto!

Sumário

1. Aquecimento: uma introdução necessária.....	08
1.1 Da cidade à metrópole, do jogo ao negócio.....	10
2. Primeiro Tempo: Espaços do Jogar.....	19
2.1 “Futsal” e futebol society: formas urbanas de jogo.....	21
2.2 Copa Autonomia.....	26
2.3 “FutLiga”: a “nova várzea” e a Internet.....	31
2.4 Autônomos FC.....	43
2.5 Taça Brahma e Copa Kaiser: entre o jogo e o negócio, o negócio do jogo.....	65
2.6 Jogos da Cidade e “Arena do Vale”: a mediação estatal.....	79
2.7 Do trabalho ao trabalho.....	87
3. Segundo Tempo: Espaços do Torcer.....	98
3.1 As Torcidas Organizadas e a Cidade.....	101
3.2 O espetáculo da violência e a violência do espetáculo.....	106
3.3 Sport Club Corinthians Paulista.....	110
3.4 Esporte Clube Santo André.....	125
3.5 Associação Portuguesa de Desportos.....	129
3.5.1 Clube de Regatas do Flamengo.....	133
3.6 Clube Atlético Juventus.....	135
3.7 As <i>hinchadas</i> argentinas e as “barras mansas” brasileiras: o espaço sem memória ou a memória sem espaço?.....	143
4. Pós-Jogo: Considerações Finais.....	149
4.1 De meio a fim: normas e formas.....	152
4.2 O Morumbi, o Palestra Itália e o conceito de arena: rumo à 2014.....	153
5. Bibliografia.....	160
6. Anexos.....	165

1. Aquecimento: uma introdução necessária

É difícil dizer se escolhi meu tema de pesquisa ou fui escolhido por ele. Tendo eu crescido no “país do futebol” e, mais especificamente, na cidade que é o “centro econômico” do futebol e do país, não sei precisar a partir de que momento comecei a refletir no e com o esporte bretão as coisas da vida. Desde pequeno jogo futebol, e desde pequeno torço para um clube de futebol profissional; delimitar essas duas esferas é também outra tarefa complicada, tanto quanto indesejável – já que, de acordo com BORDIEU, “o campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa” (1983, p. 142). Crescendo na metrópole, eram o jogar e o torcer os únicos diálogos que conseguia estabelecer com uma cidade até então muda. Adolescente, ingressei no futebol de várzea, o mesmo que escutava dizer que não mais existia, que os campos minguavam conforme crescia a cidade. Cidade que passei a conhecer através do futebol, de bairro em bairro, de campo em campo, como se fossem segredos que as grandes avenidas escondiam do olhar comum. Escutava histórias da várzea, folclores que passavam de geração para geração, que ecoavam nos estádios profissionais, onde também cedo comecei a torcer e a ouvir as narrações emocionadas de gols anteriores ao meu nascimento, mas já parte do meu ser – narrações carregadas de uma tradição oral, já que, nas palavras de Walter BENJAMIN, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (1996, p. 198).

Enquanto pesquisador, portanto, mais do que imerso no próprio objeto, sou eu mesmo objeto de minha pesquisa; e sendo tanto o pesquisador quanto o objeto oriundos da cidade, e mais especificamente do espaço urbano, um dos primeiros momentos de análise da pesquisa diz respeito à relação intrínseca entre o futebol e o urbano – para, depois, refazer esta relação à luz da modernização do esporte, entendida como momento de metamorfose de todas as esferas que

envolvem a prática do futebol e que acompanha o processo de metamorfose da cidade em metrópole através do urbano.

Quando, então, finalmente decidi estudar o futebol, mal sabia eu a miríade de pontos de vista sobre o esporte que iria encontrar – eram a prática do jogo e de suas atividades adjacentes temas de um número maior de pesquisas e debates do que eu imaginava. Em se tratando de Geografia, no entanto, e mais especificamente da Geografia Urbana, poucos foram os trabalhos que encontrei¹. Dentro deste contexto, vi-me frente à tarefa de ler diversos trabalhos de outras disciplinas parcelares, ao mesmo tempo em que fazia um esforço para conseguir “encontrar a Geografia” do meu objeto. Este embate não se deu sem conflitos, ao contrário, e é até por isso que esta pesquisa trouxe mais dúvidas para as minhas certezas do que certezas para as minhas dúvidas. E foi em meio à dificuldade em encontrar embasamento teórico que ligasse o futebol ao urbano que acabei por me deparar com a obra que viria a ser a principal bibliografia para esta pesquisa: a tese de livre-docência de Odette SEABRA, “*Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole a partir das transformações do Bairro do Limão*” (2003), que discorre sobre o início da urbanização modernizadora de São Paulo e o papel centralizador do futebol nesse processo². É partindo desta bibliografia que pude encontrar os reflexos da urbanização no futebol e na cidade (e vice-versa) que transformaram definitivamente a prática do jogo e o espaço urbano, e ter um ponto de partida para conseguir pensar o futebol contemporâneo na metrópole. Assim, é na reflexão sobre este espaço urbano, sobre a contextualização de sua produção e reprodução e sobre o lugar do futebol neste processo que situo o foco inicial desta pesquisa, para poder conceituar, antes de mais nada, o que consegui entender por *futebol contemporâneo na metrópole*: uma dimensão da reprodução do espaço urbano que, conforme apontamento de

1 Dentre os trabalhos produzidos por geógrafos que utilizei, merece destaque a obra de MASCARENHAS de JESUS (2001 e 2004).

2 A tese de SEABRA coloca-se como momento ímpar de reflexão sobre a relação entre o futebol de várzea, através de seus clubes de bairro, e a (re)produção do espaço urbano, sendo por isso escolhida como primeiro momento de análise para este trabalho por apresentar a conceituação teórica que coloca o futebol como constituinte e constituído do urbano, conceito a partir do qual pude pensar a metamorfose do jogo em negócio acompanhando a metamorfose da cidade em metrópole.

SEABRA, promove uma clivagem entre amadorismo e profissionalismo. Tendo feito isso, parti para explorar o trabalho de campo, onde acabei por adotar um método de pesquisa “não-tradicional”, por assim dizer, já que o objeto de pesquisa está em mim e eu nele a todo tempo – algo que pode se aproximar da idéia de *implicação* de LOURAU³, o que pretendo expor no decorrer do trabalho. Minha intenção, citando BENJAMIN, é a de produzir um conhecimento em movimento, que possa trespassar o momento acadêmico, como um “conselho” para aqueles que me lêem, tendo em mente que “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (1996, p. 200).

Vamos, então, dar o pontapé inicial nesta pesquisa contextualizando a ligação entre futebol e urbano que pude estabelecer a partir do levantamento e leitura bibliográficos⁴.

1.1 Da cidade à metrópole, do jogo ao negócio

O futebol, da forma como é jogado atualmente, tem sua origem na Inglaterra do século XIX, quando padronizou-se suas regras e começou a sua popularização. Segundo HOBBSAWN, o crescimento do futebol na Grã-Bretanha acompanhou o processo de formação da cultura da classe operária britânica, que por sua vez só se fez possível com a aceleração da urbanização, atrelada à “primeira fase da primeira de todas as 'revoluções industriais” (2000, p. 260) pela qual passava o país. Ainda segundo o autor, “é impossível, no entanto, localizar os padrões característicos da cultura da classe operária como um todo até o período anterior a 1848. Eles surgiram durante o

3 Tive contato com a obra de René LOURAU durante o curso de graduação, mais especificamente na disciplina “Trabalho de Campo I”. Porém, não me arrisco a dizer que o que fiz aqui foi adotar a teoria da implicação simplesmente por não ter acúmulo prático e teórico suficiente para poder afirmar isso.

4 Aqui, cabe dizer que boa parte da bibliografia encontrada se deve ao meu ingresso no GIEF – Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Futebol, o que multiplicou em muitas vezes a amplitude teórica desta pesquisa.

decurso dos trinta anos seguintes, quando o capitalismo industrial tornou-se o modo de vida comum e aceito das classes trabalhadoras” (p. 263). “O futebol como esporte proletário de massa – quase uma religião leiga – foi produto da década de 1880, embora os jornais do norte, já ao final da década de 1870, houvessem começado a observar que os resultados de jogos de futebol, que eles publicavam somente para preencher espaço, estavam na verdade atraindo leitores. O jogo foi profissionalizado em meados da década de 1880, quando desenvolveu suas estruturas – os jogos da *Liga*, a competição arrasadora pela Taça, o domínio quase completo do jogo por atletas de origem proletária (que recebiam salários como todos os trabalhadores, embora os dos atletas fossem mais altos que o dos restantes), a curiosa polarização que dividia as cidades industriais acima de um certo porte em partidos rivais que apoiavam times rivais: Sheffield United contra Sheffield Wednesday, Nottingham County contra Nottingham Forest, Liverpool contra Everton, Glasgow Rangers contra Glasgow Celtic (com um forte tom de católicos contra protestantes, ou irlandeses contra não-irlandeses, em cidades onde havia divisão de nacionalidades)” (p. 268).

A disseminação da prática do futebol se deu, portanto, a partir do momento em que, em um contexto já urbano, houve a possibilidade material e humana de concentração espacial de várias determinações específicas da própria criação do urbano. Nas palavras de FRANCO JÚNIOR: “Não é casual que a Inglaterra tenha sido o berço da Revolução Industrial e do futebol. Os dois (...) baseiam-se em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados, fixação de regras” (2007, p. 25). Só com a popularização de um “modo de vida” oriundo da difusão do capitalismo industrial, padronizado de forma exemplar na Grã-Bretanha nas últimas décadas do século XIX, é que o futebol pode se estabelecer como prática comum – embora ainda dividida entre os padrões do amadorismo, reservados à elite, e os do profissionalismo, ligados ao proletariado pela oportunidade de uma ocupação com alta remuneração e prestígio e introjetados da ética do trabalho burguesa, que colocava como rivais trabalhadores de centros industriais diferentes. “A estratificação característica à classe operária”, diz HOBBSAWN, “foi o produto conjunto de uma forma arcaica de

industrialização e do sistema de valores de uma confiante burguesia liberal, que se tornaram dominantes à medida que as contra-ideologias perdiam seu impacto entre as classes trabalhadoras com o declínio dos movimentos de massa anteriores a 1848, bem como da expansão econômica” (2000, p. 264). Conforme o cotidiano da classe operária ia sendo privatizado, tal estratificação social se refletia tanto nas práticas dos trabalhadores britânicos, entre as quais a aposta nas loterias como forma de atividade intelectual – “ela era provavelmente a única forma de estudo regular para homens que não liam livros” (p. 270) –, quanto na produção do espaço urbano, com a criação dos subúrbios operários com jardins, pertencentes à “aristocracia operária”.

Se na Grã-Bretanha a configuração do futebol como prática comum se deu atrelada à urbanização industrial, em São Paulo, lugar desta pesquisa, ela aconteceu juntamente à “modernização conservadora”⁵ que possibilitou a criação dos bairros operários no começo do século XX. SEABRA caracterizou o nascimento do futebol como prática urbana destes bairros: “Clube, futebol e política formam uma unidade problemática que acompanha a modernidade desde a origem e compreende níveis de estruturação que vão do âmbito local ao internacional. Relativamente ao futebol, o clube de bairro chegou a ser o nível mais elementar dessa articulação. (...) Nos alvares da industrialização, quando a população proletária se acomodava nos arrabaldes da cidade, formaram-se lideranças locais que se envolveram desde muito cedo, aqui em São Paulo, com o futebol” (2003, p. 337).

O futebol era, portanto, assim como na Grã-Bretanha, embora por conteúdos espaciais diferentes, uma forma de encontro político dos trabalhadores na cidade, sendo os clubes de bairro uma primeira instituição de formação social laica, que competia com a igreja pelo poder local. É importante contextualizar essa afirmação.

5 A idéia de “modernização conservadora” aqui apresentada é oriunda de um acúmulo de debates e leituras acontecidos durante a graduação, não sendo possível especificar exatamente um ou outro autor como fonte de citação para tal. Assim, me arrisco a dizer que entende-se a modernização como conservadora no Brasil no sentido de que não levou a uma reconfiguração das relações sociais de trabalho, com a formação de uma classe trabalhadora bem constituída, como na Inglaterra, mas sim a um reforço da configuração de poder anterior, advinda da escravidão, criando uma classe trabalhadora miserável e desprovida do acesso ao urbano, entendido aqui enquanto materialidade espacial, social, política, econômica e ideológica do processo de modernização – o “proletário destituído de tudo” de Robert KURZ.

Nas palavras de SEABRA, antes de mais nada precisa-se entender “a urbanização como um processo total que progride em extensão e em profundidade. E, também, como um processo que avança no sentido de redefinir os modos de vida” (2006, p. 23). Na São Paulo do início do século XX, “os bairros se formavam em função das necessidades da industrialização em curso (...). Isto implicava na modernização da cidade (energia e transportes), no estabelecimento de indústrias, no assentamento habitacional dos operários com suas famílias. O que deu margem ao surgimento de vilas operárias próximas às fábricas e ao surgimento dos subúrbios-estação ao longo das ferrovias, até por volta dos anos vinte” (2006, p.13). É nestes bairros que uma população majoritariamente composta por caipiras, negros, índios e caboclos, em uma sociedade que seguia um ritmo de vida ditado pelo tempo do campo e pelo catolicismo rústico, e não ainda o da cidade industrial e urbana, começa a se formar como unidade coletiva. Continua SEABRA: “o Bairro era caracterizado por uma unidade orgânica de vida, um em si, que aparecia como uma comunidade de bairro. (...) Produziu enraizamentos profundos os quais, no limite, quando experimentavam o excesso do outro (a presença dos de fora, os que chegavam depois...), deixava florescer o bairrismo, que era um sentimento de unidade, de auto-afirmação das particularidades (fosse Bairro fabril, fosse Bairro étnico...), sentimento que era também uma negatividade em relação ao sentido que a modernidade atribui aos processos que desencadeia. O processo de urbanização de São Paulo produziu enraizamentos territoriais que foram capazes de germinar uma vida de bairro. Cada bairro com suas especificidades” (2006, p.11).

Nesta “sociedade de bairros”, o futebol surgia como forma de diálogo, de encontro, já que “para cada um dos bairros que se formava, a Cidade era o outro, era a própria sociedade” (2006, p.11). Era “a primeira festa do povo fora da perspectiva da Igreja” (p. 14). Uma festa que envolvia todos os membros da comunidade: os dias de jogos eram dias de festivais, com músicas, gincanas, brincadeiras, e envolviam não só os jovens do sexo masculino, mas também mulheres, crianças e idosos. As desavenças em campo eram resolvidas com novos convites para jogos futuros, e consequentemente festas futuras; o futebol era, então, produto e produtor do ócio. Estabelecia-se um

primeiro contexto político oriundo das coisas do povo na cidade: “conhecidos por paredros, os articuladores do futebol nos times, grêmios e clubes faziam política a partir do nível local. Nesse sentido, essas organizações voluntárias, como eram os clubes, serviam à formação e estruturação da vida civil e pública. Os contingentes de população migrante encontravam nos clubes a porta de entrada nessa sociedade mais complexa criada pela industrialização” (2003, p. 337).

Como, então, algo tão enraizado nas origens da urbanização de São Paulo se transformou de constância em raridade? A resposta a essa questão é fundamental para poder estudar a atualidade dessa raridade, que é, afinal, o objetivo desta pesquisa. E ela segue por uma combinação de fatores intrínsecos à modernização e à produção e reprodução do espaço urbano neste contexto.

Na década de 30, o Brasil vive o Estado Novo de Getúlio Vargas, e com ele tem início as ações de ordenação e unificação territorial do país para adequá-lo ao movimento do capital internacional em expansão. Tal ordenação tem a sua dimensão urbana: um primeiro projeto de funcionalização espacial e de criação de instituições *mediadoras* do urbano – instituições que produzem normas e formas para o cotidiano, criando a *cotidianidade*⁶. Na São Paulo de bairros de então, isso significou a imposição de uma ordem distante, de um tempo discrepante, não mais do ócio mas cada vez mais do negócio. Nos clubes de bairro, essa imposição se dá na forma do embate entre profissionalização e amadorismo e na necessidade de cumprir um sem-número de leis para continuar existindo: “as normas que incidiram sobre o futebol hierarquizavam, classificavam, criavam certas obrigações de registros e taxas, repercutindo no ambiente do futebol (...). Um exemplo daquilo que repercutiu como cruel sobre o futebol amador e de várzea foi a imposição aos jogadores da condição de alfabetizados para poderem jogar, participar de disputas. Enfim era uma

6 O termo “cotidianidade” aqui apresentado é compreendido a partir da leitura de diversos autores, notadamente LEFEBVRE (1999) e CARLOS (1994, 1999), e do acúmulo teórico de diversos debates acadêmicos, principalmente os acontecidos nas disciplinas “Geografia Urbana I”, “Geografia Urbana II”, “Trabalho de Campo I” e “Planejamento”. Por ele, arrisco-me a dizer que compreendo a dimensão espacial na qual a reprodução do capitalismo deixa de ser apenas reprodução de seus meios de produção e passa a se realizar “também em outros planos, colocando-nos diante de ‘novas produções’ capazes de explicitar o mundo moderno: o espaço, o urbano, o cotidiano (cotidianidade)” (CARLOS, 2004, p. 25). Em outras palavras, o capitalismo industrial passa a se apropriar também do espaço, e não mais apenas do tempo, para se reproduzir, criando normas espaciais e ditando um tempo industrial para o cotidiano, reproduzindo-se a partir de então de forma simultânea nas esferas social, ideológica, política etc – e reiterando, assim, a econômica.

disposição que incidia sobre uma sociedade de analfabetos, e isso era real! Além disso, a profissionalização impedia que jogadores continuassem a exercer seus ofícios” (SEABRA, 2003, p. 351). Nada, no entanto, que impedisse a explosão do futebol de várzea atrelada à expansão industrial, explosão que tornou-se também midiática: jornais da época publicavam convites de festivais e relatos dos mesmos, numa correspondência local do que fora observado na Grã-Bretanha de HOBBSAWN. A relação entre mídia e futebol, desde então, acompanhou a metamorfose do jogo em negócio, e é hoje uma das principais forças norteadoras da relação entre futebol, espaço urbano e sociedade.

A oposição entre profissionalismo e amadorismo, então, era objeto de intenso debate no mundo político da época. O movimento anarquista, por exemplo, para cá trazido principalmente pelos imigrantes italianos, denunciava o profissionalismo como um mecanismo de produzir miséria: “a questão que arrepiava os anarquistas era o ‘profissionalismo’ desencadeado e assentado sobre a base de uma sociedade agrária, com excedentes demográficos os quais podiam garantir um fluxo contínuo de jogadores, que poderiam, como sujeitos-objetos das relações, ser rapidamente consumidos” (SEABRA, 2003, p. 352). O conflito entre profissionalismo e amadorismo, no entanto, era algo incipiente desde o início da concepção do futebol enquanto constituinte e constituído do urbano: “em termos formais, o conjunto de leis, normas e decretos tem sido a forma de distinguir uma coisa da outra: de pensar um futebol profissional, empresarial, de atletas e de lazer, em suma, profissional em oposição às práticas amadoras e lúdicas de jogar. Na verdade, o futebol cresceu, foi penetrando as estruturas de lazer da sociedade, compondo uma esfera da divisão do trabalho social, a partir de certas relações internas que já estavam inscritas no seus fundamentos, enquanto atividade. Nesse fundamento, lá atrás, por separações sucessivas, foram se figurando e ganhando realidade, componentes monetarizados da atividade: a primeira descoberta foi a de formar times e organizar disputas; isto já permitiria apostas. A segunda foi a cobrança de ingressos para assistir aos jogos, proporcionando renda destinada a custear as disputas com a participação dos clubes. De modo que o profissionalismo fora sendo gestado no interior do amadorismo,

atravessando-o por relações monetárias. Mas o processo de organização interna, lógica e como um domínio de negócios ligados ao futebol, formando o sistema do futebol, iria muito mais longe, continuaria sendo aprofundado (...). As práticas do amadorismo continuariam a fornecer os quadros para alimentar o futebol profissional, mas sob a premissa da separação completa de um e outro” (SEABRA, 2003, p. 353-354; grifo meu).

Não cabe aqui repetir pormenorizadamente os argumentos da tese de SEABRA ou todo o processo de urbanização de São Paulo que transformou a cidade em metrópole. Ao mesmo tempo, a idéia não é desprezar ou desvalorizar ambos. A intenção desta introdução é a de explicitar a relação intrínseca entre futebol e urbano que permitiu o surgimento do que SEABRA chamou de *sistema do futebol*. É este o conceito que estrutura toda esta pesquisa, e que não me permitiu restringi-la apenas ao jogar ou ao torcer, uma vez que ambos, assim como profissionalismo e amadorismo, tem como origem comum a (re)produção do espaço urbano, entendida como apropriação pelo capitalismo do espaço da cidade através da reprodução crítica da contradição entre trabalho e capital, reprodução esta que permitiu a criação do urbano enquanto ideologia e materialidade e que passou a opor ócio e negócio na cidade da mesma forma com que opõe valor de uso e valor de troca e absolutiza e institui este último como mediação totalitária da vida cotidiana⁷. É este urbano (que LEFEBVRE determina enquanto *materialidade* e também enquanto *virtualidade*, no sentido de maior obra da humanidade que, em potencial, pode conduzir a um novo humanismo integrador entendido como superação do atual paradigma crítico da reprodução do capital) que circunscreve a metrópole, forma contemporânea da cidade, produto da apropriação do espaço pelo capital e da sua reprodução crítica. No caso específico de São Paulo, a cidade implodiu (no sentido de que as relações ociosas,

7 Nas palavras de CARLOS: “O urbano é um produto do processo de produção num determinado momento histórico, não só no que se refere à determinação econômica do processo (...) mas também as sociais, políticas, ideológicas, jurídicas que se articulam na totalidade da formação econômica e social. Desta forma, o urbano é mais que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir; enfim, é um modo de vida . (...) Assim, a cidade aparece como um bem material, consumida de acordo com as leis da reprodução do capital. Este processo tem por característica fundamental produzir um produto fruto do processo de trabalho considerado como processo de valorização, que seja mercadoria e que se realize no mercado. No caso do espaço urbano ele é um produto que possui um valor de uso e de troca específicos: como produto do processo, ele é mercadoria, como condição para produção é capital fixo” (1994, p. 84).

de uma sociedade de Bairros entendidos enquanto coletividade, deram lugar às relações de negócio, individualistas e mediadas pela mercadoria) e explodiu (no sentido de extrapolar seus limites físicos e instituir relações de produção e reprodução do espaço urbano que ultrapassam àquela cidade circunscrita pelos rios Pinheiros, Tietê e Tamanduateí onde o futebol de várzea se tornou sinônimo de futebol amador), partiu de uma industrialização urbanizadora para uma urbanização simultânea e interdependente à industrialização capaz de fazer minguar os campos de várzea e minar a possibilidade do lúdico através da instauração avassaladora da ética do trabalho trespassando todos os momentos da vida cotidiana, normatizando-a, disciplinando-a, um processo tão potente em relação ao sistema do futebol que criou a máxima de que “a várzea acabou”, a mesma que instigou este pesquisador a realizar esta pesquisa. O sistema do futebol, entendido por SEABRA como mecanismo de integração entre os bairros da cidade, produto e produtor do urbano, viu na clivagem entre amadorismo e profissionalismo, entre jogar e torcer, entre ócio e negócio o seu equivalente da transformação da cidade em metrópole; nesta metrópole, qual o lugar do futebol? Ou, em outras palavras, quais as mudanças na Geografia do futebol que acompanham essa transformação da cidade em metrópole?

Transitando à deriva⁸ pelo sistema do futebol, descobri então não uma Geografia nova, muito menos uma nova Geografia. Descobri que, em um mundo à primeira vista totalitário, espetacular⁹ e fragmentário, é possível inscrever Geografias diferentes, não no sentido de isolar e fragmentar as experiências vividas ou as transformações percebidas, mas enquanto complementaridades que remetem às contradições oriundas de um mesmo processo: o da reprodução crítica do capital. Dentro desta diferenciação, optei por dividir este trabalho em dois capítulos, *espaços do jogar* e *espaços do torcer*, para depois tecer considerações na tentativa de

8 A deriva, aqui, assim como a implicação, se refere a um método de pesquisa creditado aos situacionistas, igualmente debatido durante a graduação e abordada neste trabalho da mesma forma incipiente e incompleta que usei para me aproximar da teoria da implicação.

9 Na concepção de DEBORD: “O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por ‘coisas supra-sensíveis embora sensíveis’, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se faz reconhecer como o sensível por excelência” (1997, p. 28).

reunir de forma reflexiva o que na verdade nunca se separou, partindo de uma aparente coincidência inicial entre a decadência dos clubes de bairro, amadores, e o surgimento das torcidas organizadas de clubes profissionais.

2. Primeiro Tempo: Espaços do Jogar

A cidade, então, torna-se metrópole ao passo em que o capitalismo industrial, se apropriando do espaço, autonomiza o urbano enquanto processo e enquanto ideologia. O espaço invadido pelo valor de troca, transformado ele mesmo em mercadoria, torna-se produto e reproduzidor do urbano, com a propriedade privada da terra tendo papel fundamental neste processo, impondo uma nova ordem à estrutura de Bairros existente em São Paulo: “através dos negócios com terras, a questão era de poder, pela via da propriedade territorial, participar da produção do excedente social que a economia em expansão estava podendo gerar em função da industrialização em curso. Os proprietários (...), ao parcelar suas propriedades e vendê-las aos poucos, encontravam um meio de inserir-se no processo urbano, pela capitalização da renda” (SEABRA, 2003, p. 431), sendo os proprietários, aqui, os moradores dos bairros que, por meio de uma relação de confiança e de valorização social (ser de família influente, participar ativamente do clube do bairro etc), viam no crescente negócio de terras uma chance de “subir na vida”. A esta estrutura, entretanto, se sobrepujam simultaneamente os interesses dos grupos econômicos – engenheiros, advogados, indústrias, bancos, etc – que agiam tanto na produção de novos lotes urbanos quanto na de infraestrutura. Era o início da sobredeterminação da especulação imobiliária no processo produtor e reproduzidor do espaço urbano, sobredeterminação possibilitada também pela ação do Estado em suas diversas “eras modernizadoras”, de Getúlio aos tempos atuais, passando pelos “50 anos em 5” de Kubitschek e desembocando na noção atual de deterioração urbana, “(...) operativa nos quadros da administração estatista, sendo freqüentemente suporte de práticas políticas, científicas e técnicas de engenheiros e de urbanistas” (SEABRA, 2003, p. 432).

O processo de valorização/desvalorização das terras que se dá através desse movimento na cidade transforma em velocidade incrível o espaço urbano. O campo de várzea naquele rincão esquecido torna-se terreno cobiçado pelo capital imobiliário quando uma grande avenida que liga dois centros econômicos da cidade é construída passando ao seu largo. Os moradores dos bairros,

antes com tempo ocioso suficiente para fazer uso de um espaço coletivo, agora se vêem violentamente expulsos espacial e temporalmente de um cotidiano possibilitador de festa e encontro para um outro privatista, comandado pela propriedade privada, e homogeneizador de uma práxis urbano-industrial. O local de trabalho muda-se para quilômetros de distância, o bairro torna-se lugar de passagem, de circulação – de mercadorias, pessoas, informações –, as normas e formas do capital industrial restringem a possibilidade do jogo, fragmentam a vida e o corpo. Vive-se na e a metrópole, se é que há nela alguma vida (urbana) possível: a metrópole é a anti-cidade, fragmenta, separa, divide. E o sistema do futebol, antes integrador de bairros e constituinte da vida na cidade, dilacera-se pela metrópole, adquire novas formas, capturado e negociado em todas as suas dimensões, mas ainda presente no novo cotidiano que se conforma.

É nesse movimento que compreende o encontro entre o sensível, o vivido, o perceptível e a pesquisa pelo lugar do futebol e de seu sistema na atualidade que cheguei à necessidade de relacionar o processo de surgimento de novas modalidades de futebol e de transformação das já existentes com o processo de produção e reprodução do urbano enquanto materialidade e ideologia. E ao fazê-lo, encontrei uma metrópole que proporciona diversos espaços do jogar, mais ou menos enraizados no movimento de produção e reprodução do urbano, mais do que menos autonomizados do mesmo processo e sobredeterminados pelo econômico.

O primeiro destes espaços é a própria rua. Nos bairros de periferia, é elemento constituinte da infância jogar bola na rua, algo próprio da metrópole, bastante enraizado em seu cotidiano. Este jogar por jogar, pelo prazer do jogo, sem campo demarcado ou bola oficial, representa um início de socialização na vida de uma criança – que, nos bairros ricos, se dá na quadra do condomínio. Mas mesmo este jogar lúdico não está livre das influências do jogar organizado: as regras da rua são, quase sempre, as regras do jogo organizado adaptadas. No meio do desviar dos automóveis e dos gols feitos de chinelo estão embutidas formas de jogar urbanas, mais ou menos introjetadas nas mentes e nos corpos das crianças conforme sua idade, condição social e sua iniciação no futebol amador, que normalmente se dá nas quadras existentes em cada escola e em cada condomínio. Se a

várzea foi (e ainda é) a adaptação dos negros, pobres, caipiras e operários do *football* oficial da elite paulistana, o jogar na rua e nas quadras de periferia hoje tem muito de uma adaptação periférica do jogar central, seja ele amador ou profissional. E, na metrópole, esse jogar central é cada vez mais o jogar *futsal* ou futebol *society*, formas produzidas e reproduzidas pelo próprio urbano.

É por essas novas formas urbanas de jogo, portanto, que começa esta pesquisa.

2.1 “Futsal” e futebol *society*: formas urbanas de jogo

Ao iniciar esta pesquisa, me coloquei frente a um dilema: de onde partir para definir um recorte que possibilite enxergar o urbano através do futebol? De certa forma, encontrar a tese de SEABRA ajudou neste processo, mas foi só ao voltar-me para o meu próprio envolvimento com o objeto de pesquisa – o futebol na cidade contemporânea, ou melhor, o futebol na metrópole – que pude definir um movimento dialético possível para a pesquisa.

Assim, ao decidir partir do vivido, do contemporâneo, do perceptível para chegar ao concebido, ao histórico e ao estrutural, pude perceber o lugar do futebol no urbano e a possibilidade – ou não – de afirmação da existência de um sistema do futebol contemporâneo. Desta forma, a pesquisa faz um movimento que vai do vivido para o teórico, colocando em situação anacrônica o objeto de estudo, uma vez que este pré-existe no vivido do pesquisador em relação à própria idéia da pesquisa.

É neste sentido que posso dizer que a metodologia de pesquisa utilizada se aproxima da idéia de LOURAU de *pesquisador implicado*, que se coloca entre a instituição (o futebol) e o instituído (os jogadores e torcedores, o equipamento urbano de jogo, o próprio jogo), agindo portanto como um instituinte¹⁰. Se por um lado julgo não ter tido o acúmulo teórico necessário para afirmar ser um pesquisador implicado, consegui durante a pesquisa identificar muitos aspectos

10 “Por ‘instituinte’ entenderemos, ao mesmo tempo, a contestação, a capacidade de inovação e, em geral, a prática política como ‘significante’ da prática social”. LOURAU, René. *O instituinte contra o instituído*. IN: ALTOÉ, Sônia (org.), 2004, p. 47.

metodológicos relativos a tal método: desde sempre, fui e estive instituído no futebol, e desde que comecei a pesquisá-lo, passei a enxergar melhor sua instituição no urbano. Desta forma, me vi por vezes quase que nas mesmas armadilhas metodológicas que a teoria de LOURAU possibilita, notadamente a da *sobreimplicação*¹¹.

Uma vez decidido pela pesquisa, então, e tendo definido uma “quase-metodologia” para a mesma, me deparei com a primeira das muitas questões a não serem resolvidas aqui: enquanto SEABRA fala de uma cidade articulada pelo sistema do futebol *de várzea*, encontrei à minha frente uma metrópole onde duas outras formas urbanas – ou modalidades, em termos estritamente esportivos – de futebol se expressam: o *futsal* (abreviação para futebol de salão) e o *futebol society*.

Diferentemente do futebol de várzea, essas duas novas formas não pré-existem nem se constituem em processo fundante e fundador da transformação da cidade em metrópole: elas se inscrevem durante este processo, em épocas nas quais o mesmo já se consolidava, mesmo que fragmentariamente. Assim, são produto direto do processo de metropolização, tendo em todas as suas dimensões a expressão do urbano, e se inserem no sistema do futebol de maneiras diferentes, mas já muito mais autonomizadas do próprio urbano e sobredeterminadas pelo econômico. Novidades que são no urbano, não foi fácil encontrar bibliografia impressa sobre ambas as formas; sendo assim, acabei por trilhar um caminho entre o discurso oficial das instituições representativas dos dois e o discurso de seus praticantes.

O *futsal*, segundo o próprio sítio na internet da Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), tem suas origens incertas entre duas versões: uma delas firma a invenção da modalidade na década de 1940 em São Paulo, por freqüentadores da Associação Cristã de Moços (ACM), “(...) pois havia uma grande dificuldade em encontrar campos de futebol livres para poderem jogar e

11 Sobre o problema da sobreimplicação, diz LOURAU: “A implicação é um nó de relações; não é ‘boa’ (uso voluntarista) nem ‘má’ (uso jurídico-policial). A sobreimplicação, por sua vez, é a ideologia normativa do sobretrabalho, gestora da necessidade do ‘implicar-se’” (LOURAU, René. *Implicação e sobreimplicação*. IN: ALTOÉ, Sônia (org.), 2004, p. 190).

então começaram a jogar suas ‘peladas’ nas quadras de basquete e hóquei”¹². Outra versão, que a própria CBFS em seu sítio trata como mais provável, diz que o *futsal* foi inventado em 1934 na ACM de Montevideu, no Uruguai, e introduzido aqui por professores da própria Associação na década de 1940. Nas duas versões, porém, conta-se que o *futsal* começou sendo jogado por equipes de 5, 6 ou 7 jogadores e rapidamente teve sua regulamentação definida – data da década de 1950 já a criação da primeira liga de futebol de salão em São Paulo, a Liga da ACM, e é de 1956 o primeiro livro de regras sobre a modalidade editado no mundo¹³.

O futebol *society*, por sua vez, chamado oficialmente de *futebol 7 society*, em alusão ao número de jogadores em cada equipe, tem sua origem, segundo o sítio na internet da Federação Paulista de Futebol Society (FPFS, mas que aqui será chamada de FPF7S para termos de diferenciação com a Federação Paulista de Futebol de Salão), no ano de 1985, quando “os primeiros campos de grama natural foram construídos dentro das mansões do Morumbi, onde executivos encontravam-se para jogar futebol”¹⁴. Ainda segundo o mesmo sítio, “o Futebol Society tomou um grande impulso devido ao fechamento dos campos de futebol de várzea, pois ocupavam um grande espaço, enquanto o Society, por ser menor e não necessitar de grandes áreas, foi se adaptando a essa nova realidade. No início, a maioria de seus participantes eram pessoas com idade girando em torno de 40 a 50 anos, que gostavam de futebol mas não se adaptavam ao Futebol de Salão, preferindo o Society por ser mais parecido com o Futebol de Campo”¹⁵.

Só a própria descrição institucional das origens das duas modalidades já denunciam por si só o quanto estas estiveram condicionadas pela urbanização da cidade de São Paulo. Mas essa correlação com o urbano não se nota apenas em sua história, ou melhor, se nota muito mais em sua própria forma.

O *futsal* é praticado em quadras cujo piso pode ser de cimento, madeira ou mesmo asfalto,

12 <http://www.cbfs.com.br/new/origem.asp>, acessado em 29/10/2008 às 21h.

13 Ibidem.

14 <http://www.fvfs.com.br/historico.asp>, acessado em 29/10/2008 às 21h10.

15 Ibidem.

todos produtos do urbano, e tem enquanto espaço de jogo um campo bem menor do que o futebol de várzea. Além disso, se por um lado necessita de menos espaço, por outro necessita de um equipamento urbano muito mais presente – não por acaso encontram-se campos de futebol de várzea, mesmo que cada vez menos, em qualquer terreno baldio, enquanto as quadras se restringem aos lugares já *urbanizados*, no sentido de urbanismo enquanto intervenção estatal no espaço. Dessa forma, estabelece-se uma contradição entre formas: se uma dá a impressão de sumir aos poucos por demandar mais espaço em uma metrópole cada vez mais fragmentada, outra torna-se cada vez mais presente nas escolas, universidades, clubes, condomínios e praças públicas; ao mesmo tempo, a primeira é possibilidade potencial latente muito mais forte nos lugares onde o equipamento estatal urbano não chegou, lugares para onde cada vez mais o próprio urbano expelle população. Tem-se, então, que o futebol de várzea, de elemento constituinte e agregador do urbano, de produto de uma urbanização em princípio, torna-se impossibilidade de uma urbanização já crítica¹⁶, e conseqüentemente “foge” para os lugares mais segregados da cada vez maior e mais fragmentada metrópole.

Quanto ao *futebol society*, cabe notar como o surgimento do mesmo tem relação não só com uma época em que a metrópole já apresentava espaços de segregação social bem consolidados (“mansões do Morumbi”) como também estreita ligação com o *futsal* – segundo o sítio na internet da Confederação Brasileira de Futebol 7 Society (CBF7S), “em 1996, exatamente em 30 de outubro, o Professor Milton Mattani, ex-árbitro de Futebol de Salão, fundou a Confederação Brasileira de Futebol Sete Society, usando as regras oficiais já criadas por ele mesmo para

16 Segundo DAMIANI (2005, p. 80): “A partir da urbanização crítica, supõe-se como premissas: a) a compreensão da miserabilidade potencializada neste momento da história da formação econômico social capitalista: definida como processo de proletarização (destituição do lugar produtivo do trabalhador). Sequer a funcionalidade de um mercado informal de trabalho é suficiente para explicar o que as crises social e econômica atuais apontam, nos termos de seu sentido histórico mais amplo; b) a riqueza tornada processo expressivo de financeirização implicada nesta economia; c) o envolvimento da urbanização neste processo de modo nuclear: então se trata de urbanização crítica e não desordenada. Há, inclusive, concentração de novos migrantes – dos últimos dez anos – na fronteira periurbana da metrópole de São Paulo. Os dois fundamentos anteriores são incluídos no sentido de vinculá-los à urbanização crítica e permitir a superação do limite da urbanização ser compreendida como ‘urbanização desordenada’”.

uniformização da prática desse esporte em todo território nacional”¹⁷.

Se relacionarmos tal fato com a afirmação anterior de que no início a maioria de seus praticantes eram homens na faixa etária dos 40 e 50 anos que não se adaptavam ao *futsal*, podemos fazer uma constatação bastante ilustrativa das diferentes velocidades do urbano durante o século XX: enquanto o futebol de várzea demorou décadas para ser profissionalizado, e criou raízes amadoras tão profundas que até hoje transparecem em meio à metrópole, o *futsal* teve sua padronização e conseqüente profissionalização bem mais rápido, expelindo determinadas faixas etárias de sua prática “oficial”; surge então o futebol *society*, que de início absorve essas faixas etárias mas rapidamente também entra em um processo de padronização e exclusão – espacial, social, etária – que já estava indicado em seu próprio lugar de origem, as mansões do Morumbi. Um processo que, nos casos do futebol de várzea e do *futsal*, significou pouco a pouco o fim dos clubes de bairro e a drástica diminuição no número de sócios dos clubes sobreviventes frente ao crescimento dos condomínios privados com quadras igualmente privadas e da obrigatoriedade e normatização do ensino de Educação Física nas escolas, o que demandou toda uma instalação de equipamentos esportivos; e, no caso de ambas as três modalidades, notadamente a do futebol *society*, reproduz formas de jogo cada vez mais sobredeterminadas pelo econômico e autonomizadas do urbano, com seus espaços sendo apropriados pelo capital imobiliário e transformados em mercadoria, em espaços segregados, em não-lugares¹⁸ - o que tem reflexos até mesmo nos corpos e equipamentos dos praticantes (chuteiras, penteados, comemorações de gol, dribles, gritos das torcidas, olhar sobre o outro).

Ambas as três formas, portanto, tem sua produção e reprodução em um primeiro momento definida pelo urbano, pela possibilidade do encontro (seja entre pobres, caipiras e negros no caso do futebol de várzea, seja entre freqüentadores de um clube privado no caso do *futsal*, seja entre executivos no caso do futebol *society*), pela possibilidade de um cotidiano coletivo, ou de um

17 <http://www.7society.com.br/historico/historico.htm>, acessado em 29/10/2008 às 21h16.

18 O conceito de não-lugar exprime a idéia de um espaço sem história, sem identidade, efêmero, em trânsito – como um estacionamento ou um shopping, onde a teia de relações que se estabelece se esgota ao ser criada.

momento coletivo no cotidiano; mas, conforme essas possibilidades vão sendo esgotadas pelo processo de metropolização, o sistema do futebol, agora já fragmentado em três formas que não necessariamente se excluem ou relacionam, despedaça-se cada vez mais.

Os relatos que seguem são, de certa forma, o que foi possível extrair de trabalhos de campo a todo tempo confundidos com momentos de lazer na cabeça de um pesquisador ao mesmo tempo quase-implicado e quase-sobreimplicado, trabalhos de campo que pré-existiam à pesquisa na condição de espaços do cotidiano do pesquisador que, ciente disso, resolveu transformá-los em objetos de estudo, por representarem pontos de partida privilegiados para a busca pelo “sistema perdido”, ou melhor, a busca por um sistema do futebol possível – ou pela impossibilidade de um sistema do futebol – na metrópole.

2.2 Copa Autonomia

Em fins de 2005, após conversas com amigos que, assim como eu, eram apaixonados por futebol e pelo anarquismo, fiz parte da organização de um campeonato de *futsal* que chamamos de I Copa Autonomia. Tal campeonato era, na verdade, uma tentativa de superação de um fracasso recente, a organização de um outro campeonato¹⁹ que duraria cerca de quatro meses com jogos em todos os fins de semana mas que não passou do terceiro em virtude de uma briga generalizada na quadra entre duas equipes que, mesmo sem se conhecer, se odiavam – num movimento bastante parecido com o que rege a violência entre as torcidas organizadas de futebol e que tem, com certeza, relação com a metrópole fragmentada onde, diferentemente dos festivais de futebol de várzea do começo do século XX, onde o futebol em si era apenas pano de fundo para o encontro entre populações de bairros diferentes, o jogo (antes forma) tornou-se conteúdo e o outro (antes

19 Tal campeonato tinha origem e conteúdo intrinsecamente urbanos: era o Punk e Gol, disputado por equipes com alguma relação com o punk e suas múltiplas expressões na metrópole de São Paulo. Punk que, assim como as torcidas organizadas, tem na espetacularização de seus atos violentos a imagem midiática e totalitária de sua existência no urbano, que vai muito além disso – mas esse tema, “o punk no urbano” ou “o punk na cidade”, expressões quase redundantes, podem – e devem – ser objeto de outras pesquisas.

encontrado) tornou-se inimigo (agora confrontado).

A Copa Autonomia, então, se adequava à velocidade da cidade ao ser disputada em apenas um fim de semana, o que não dava tempo para o cultivo de ódios mas também não permitia ir muito além do jogar. Não haveria juiz, e os times deveriam decidir as jogadas entre si, “como acontece na rua”.

A primeira edição contou com 6 times – parte deles oriunda da tentativa anterior fracassada – e terminou sem maiores problemas²⁰, tendo inclusive uma mudança de regulamento em meio aos jogos sendo decidida por todos os times – um momento, de certa forma, de encontro, coletivo. O anexo I mostra a tabela e o regulamento desta edição.

Animados com o sucesso, resolvemos continuar organizando a “copinha”, como a chamávamos, com uma regularidade mensal, sempre na quadra da Escola Estadual Rodrigues Alves, situada na Avenida Paulista, alugada através de vaquinha entre todas as equipes. O número de times cresceu, chegou a 16, mas acabou fixando-se em 12 e seguiu assim por outras 10 edições. Essa continuidade acabou por gerar momentos para além do jogo entre os times, criando novas amizades, algumas inimizades, mas deixando sempre a possibilidade de um re-encontro em alguma edição futura que, mesmo quando tenso, não terminava nunca em briga – o resto dos times não permitia. Permitiu também a criação de um regulamento novo, adaptado às dificuldades encontradas durante cada edição, fruto de uma vivência coletiva, como mostra o anexo II.

Essa experiência, de certa forma, acabou servindo para esta pesquisa como um ponto de partida. Primeiro porque entre os times da Copa Autonomia encontravam-se pessoas de diversos lugares da metrópole e segundo porque a partir dela pude conhecer melhor o funcionamento do *futsal* pela cidade. Além disso, da Copa Autonomia surgiu o Autônomos FC, equipe que agregava jogadores de várias das equipes participantes e que começou a jogar futebol *society* pela cidade para, depois disso, ingressar no futebol de várzea – movimento que a estrutura desta pesquisa

20 Um vídeo foi feito durante esta primeira edição. Ele pode ser visto em http://br.youtube.com/watch?v=1D_Jeir8BAk

seguiu.

Situando-se em algum lugar entre o *amadorismo espontâneo* (sem juiz, sem uniformes, sem regras padronizadas, sem premiações em dinheiro) e o *amadorismo organizado* (que simula ou se espelha na estrutura organizacional do profissionalismo), a Copa Autonomia atraía diversos tipos de equipes: desde as formadas dias antes apenas para o campeonato (que em geral gostavam do caráter anti-burocrático do torneio) até as acostumadas a disputar campeonatos amadores organizados. Porém, de certa forma como um perfeito exemplo da alienação espacial da metrópole, nunca uma equipe formada por alunos ou professores ou funcionários da EE Rodrigues Alves participou – dividíamos um mesmo espaço, mas sem qualquer tipo de encontro.

Dentre tais equipes (e as chamo de equipes e não de times porque muitas vezes traziam consigo pessoas que não iam jogar, e sim torcer, assistir, orientar ou participar de alguma maneira durante o jogo), privilegiei as que participaram do torneio com maior frequência – o que permitiu a criação de um universo em comum entre elas e a descoberta por uma de fragmentos da metrópole trazidos pela outra – nesta análise; equipes mais ou menos homogêneas, mas com características cruzadas entre si. A partir disso, tentei traçar uma relação com os lugares de origem de tais equipes, e conseqüentemente com a metrópole e suas fragmentações e alienações sócio-espaciais.

Em um primeiro momento, nas primeiras edições, havia um grupo de equipes cujos membros se conheciam não de um espaço público comum, mas sim de um espaço privado: o colégio, o clube, o condomínio. Em geral, eram equipes que tinham um apelo pelo “jogo limpo”, pela pontualidade, pela disputa justa, pelo cumprimento fiel do regulamento (numa relação muito próxima a de cliente/consumidor) e que, entre si, se cobravam pelas performances individuais muito mais do que pela coletiva. Como exemplo, podemos citar os Hermanos de Pelé e o GV (abreviação para o condomínio onde vivem, o *Green Village*).

Em seguida, num segundo grupo, surgiram no campeonato equipes que se formavam por algum tipo de ideologia ou discurso em comum, seja em relação ao futebol, seja fora dele, não sendo necessariamente seus membros originários de um mesmo lugar (escola, bairro, trabalho). Em

geral, eram equipes que prezavam pelo coletivo mais do que pelo individual (mas que mesmo assim cobravam individualmente em relação ao jogo) e que cobravam de si e das outras equipes um compromisso ideológico maior com a Copa Autonomia e com a idéia de apropriação coletiva daquele momento, de ir além do futebol. Quase sempre, eram equipes oriundas do campeonato predecessor à “copinha”²¹, e essa cobrança ou busca pelo coletivo pode ser entendida de certa forma, em comparação com as primeiras equipes, pelo fato de não terem um cotidiano comum em um mesmo lugar de origem, sendo o momento do futebol a sua possibilidade de tê-lo, mesmo que em uma instância bastante reduzida, delimitada temporal e espacialmente pela estrutura e duração do campeonato. Exemplos destas equipes podem ser encontrados na Tô Ti Vênu, formada por alunos da FFLCH e amigos, e na A na Bola, formada por punks, anarquistas e amigos politicamente envolvidos com ideais em comum.

Num último grupo, podemos falar ainda das equipes cujos membros se confundiam com seu coletivo, originárias de um mesmo espaço público em comum, em geral as ruas de seu bairro, quase sempre um bairro tido como periférico. Não prezavam pela pontualidade ou pelo regulamento, mas não começavam o jogo sem ter toda sua equipe em quadra (ao contrário das outras equipes); prezavam pelo jogo disputado, mas não abriam mão da malícia para ganhar; defendiam um ao outro o tempo todo e se cobravam individualmente, mas em relação à solidariedade/responsabilidade com companheiro de equipe, e não com o jogo em si. Muitas vezes, assumiam uma postura de confronto com o adversário. O exemplo máximo destas equipes era a equipe do Escurilândia, que tinha esse nome exatamente por ser composta quase que totalmente por negros ou descendentes de negros.

É importante ressaltar que a formação destes grupos não estabelece ou visa estabelecer um determinismo espacial ou social. Ela é meramente para fins de pesquisa, estando quase todas as equipes compostas também por alguns membros de outras origens que não àquela definida

21 O Punk e Gol contava com 9 equipes, sendo que algumas mistas entre gêneros e duas apenas de mulheres, seguindo assim a idéia de “igualdade entre os sexos” que se faz presente a todo tempo – ao menos enquanto idéia – nos espaços punks. Estas duas equipes foram, ao mesmo tempo, as que sofreram as maiores derrotas durante o torneio e as mais fiéis ao compromisso ideológico por trás do mesmo – algo, talvez, revelador da condição da mulher no urbano, racional e masculino.

enquanto “padrão” para seu grupo. Posto isso, sigamos.

Estando eu, enquanto organizador e membro de equipe, em meio a esses grupos, me vi muitas vezes fazendo papel de um mediador: metaforicamente, eu era o Estado, eles eram a metrópole. Ouvia cada equipe, seus argumentos, e costumava sempre identificar seu discurso com seu lugar de origem: equipes do terceiro grupo negociando o pagamento da vaquinha, chegando atrasadas; equipes do primeiro grupo reclamando do atraso e do jogo malicioso; e equipes do segundo grupo quase sempre ao lado daquelas do terceiro, por identificar no lugar de origem destas uma ligação social ou cultural com seus ideais (mesmo que muitas vezes tais ligações não fossem mais do que consumo de uma cultura periférica, notadamente o *hip-hop*). Ao mesmo tempo, as equipes do primeiro e do segundo grupo, aparentemente opostas, ostentavam em seus equipamentos (tênis, bolas, camisetas) símbolos em comum, símbolos de consumo – mesmo que muitas vezes os produtos daquelas do segundo grupo fossem cópias “piratas” das do primeiro.

Pesquisador de Geografia Urbana, eu me via sempre “teorizando” sobre as situações que mediava, e muitas vezes arbitrava (mesmo que a contragosto): tendia a enxergar no comportamento das equipes do terceiro grupo uma sobredeterminação oriunda de seus lugares de origem; eram fugazes, inconstantes, tensos, intempestivos: e não é assim, por ser cheia de constrangimentos, a periferia? Por sua vez, as equipes do primeiro grupo, sempre cobrando o cumprimento dos regulamentos, o jogo limpo, me interpelando aos berros por justiça mas sem nunca intervir diretamente por aquilo pelo que clamavam me faziam lembrar os condomínios privados e os movimentos por direitos do consumidor. Já as equipes do segundo grupo, mesmo que ligadas ideológica e culturalmente – mesmo que através do consumo – às do terceiro, defendendo-as durante os jogos, não podiam deixar de estar social, material e economicamente inseridas muito mais na realidade daquelas do primeiro grupo. Longe de um determinismo social, o que pude encontrar foi uma certa determinação espacial urbana, comum a todos, que fragmentava as equipes em grupos da mesma forma que o capitalismo industrial fragmenta a cidade e cria a metrópole.

De certeza para além de tais inflexões, apenas uma eu tinha: a Copa sustentava-se em mim.

Nada mais contraditório para uma Copa chamada Autonomia do que sustentar-se em um “Estado” personificado – a contragosto. Um Estado que, cansado de ser re-eleito automaticamente após 11 mandatos seguidos, enxergou nas equipes outras pessoas com as mesmas vontades e aos poucos deixou a Copa de lado para organizar o Autônomos FC, uma tentativa de união de tantos fragmentos urbanos em uma equipe só, de futebol *society* – não sem antes, tal qual a Prefeitura de São Paulo e suas Sub-Prefeituras, tentar delegar ao campeão de cada edição da Copa a responsabilidade de organizar a próxima edição, o que não deu certo. A “copinha” chegava a um fim – mas não “o” fim, necessariamente.

Por fim, cabe apontar que a Copa Autonomia tinha como meio de organização a internet. Tudo era feito através de uma lista de emails, da qual participavam alguns membros de cada equipe interessada em jogar. Da mesma forma, assim foi organizado o Autônomos FC. Porém, neste caminho, este pesquisador descobriu que a internet não servia apenas para organizar internamente uma equipe de futebol, mas também como ferramenta veloz o suficiente para organizar fragmentos do que um dia foi um sistema do futebol de bairros, tão implodido e explodido²² quanto a cidade.

O computador, privado, individual e segregador por natureza, tornava-se ferramenta técnica para uma organização coletiva do futebol – ainda que não pública e nem comum a todos. E a pesquisa necessitou dar uma guinada para entender esta nova e importante descoberta.

2.3 “FutLiga”: a “nova várzea” e a internet

“O espírito padronizador da Revolução Industrial não poderia deixar de se manifestar no futebol. Em 1872 definiu-se medida e peso da bola do jogo, fato permitido pela recente técnica de vulcanização descoberta por Charles Goodyear. Em 1875 impôs-se uma inovação de Sheffield: o travessão de madeira que substituiu a fita usada desde 1865 para unir traves e melhor

22 Segundo LEFEBVRE (1999), a implosão-explosão da cidade se dá pela enorme concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisa e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamentos) simultaneamente à uma imensa explosão, à projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferias, subúrbios, residências secundárias, satélites etc.).

delimitar a meta.”

(FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 33).

Desde seu início, o futebol teve na transformação técnica e material da sociedade uma dimensão própria de transformação. Conforme mudavam a orientação e a velocidade produtivas, conforme se descobriam novas técnicas, modificava-se o jogo. Em cada lugar, o futebol adquiria uma particularidade, como dito na introdução desta pesquisa quando da distinção do início do futebol inglês e do futebol paulista. Em cada espaço, uma velocidade.

Na metrópole, isso se expressa em diversas esferas, todas ligadas ao econômico: desde a qualidade do material esportivo de cada equipe amadora até a qualidade ou a localização de seu campo de jogo, ou mesmo o fato de ter um campo de jogo. Desta forma, a “várzea”, como ficou conhecido o amadorismo do futebol de campo em São Paulo, subdividiu-se em diversos subgrupos, quase sempre delimitados espacialmente pela própria estrutura urbana. Há ligas de futebol na zona norte que desconhecem por completo as ligas de futebol da zona sul. Há equipes de Guarulhos que nunca visitaram alguma equipe de São Paulo, e vice-versa.

Quando se fala do *futsal* e do futebol *society*, modalidades que, segundo estatísticas antigas e/ou não-oficiais, representam a maioria dos praticantes de futebol amador em São Paulo²³, essa fragmentação se torna ainda maior. A técnica, neste sentido, tende a sempre reforçar a segregação. Mas nenhuma tendência é livre de brechas. E, no caso do futebol, a internet proporciona uma delas.

Quando deu-se a idéia de fundar o Autônomos FC para jogar futebol *society*, as primeiras coisas a se pensar eram: onde se joga futebol *society*? Com e contra quem? Quanto custa (pergunta imprescindível numa metrópole onde tudo é comprado e vendido, inclusive os espaços de lazer)?

Foi na busca por estas respostas que encontramos a FutLiga, um sítio na internet que se

23 Segundo o sítio da FPF7S, são 3.500.000 praticantes de futebol *society* na Grande São Paulo (<http://www.fpf7s.com.br/historico.asp>, acessado em 31/10/2008 às 11h45); segundo artigo na Wikipedia, esta é a modalidade com maior número de praticantes no Brasil, 12.000.000 (http://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol_Society, acessado em 31/10/2008 às 11h49); e segundo a revista Placar de 1º de junho de 1984, o *futsal* é o esporte mais praticado do Brasil, embora o futebol de campo continue sendo o mais popular.

dedica a organizar o futebol amador. E que se auto-intitula “A 1ª Liga de Futebol Amador Nacional 100% Interativa”²⁴.

Paremos aqui um pouco para examinar esse título. A Liga denomina-se nacional, mas uma rápida pesquisa pelas equipes filiadas mostra que quase não há equipes de fora do estado de São Paulo. Em uma sociedade urbana (83% do Brasil vive na cidade, segundo a última Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio, feita pelo IBGE), cada vez mais fragmentada, um sítio propor-se nacional já dá a idéia da falta de uma estrutura integradora de um sistema do futebol. A complementação “100% interativa” define ainda mais esse quadro: se há a necessidade da estampa da interatividade como atrativo, é porque vive-se um espaço pouco ou nada interativo – o espaço do urbano cindido. Ainda mais em se tratando de um sítio de internet, lugar virtual, ou seja, não-lugar, ou ainda, ferramenta técnica que necessariamente, no plano material e físico, não permite encontro nem interatividade.

Examinando mais um pouco a FutLiga, vemos que ela se propõe a marcar jogos para quatro modalidades de futebol: de campo, *futsal*, *society* e de areia. Há também uma sub-divisão em cada modalidade em categorias (sub-10, sub12-, sub-14, sub16, sub-19, adulto e veterano) e por sexo. Representação que é da metrópole, e por ser uma ferramenta utilizada quase que exclusivamente por equipes paulistas (em sua maioria paulistanas), não há nenhuma equipe de futebol de areia, modalidade pouco praticada por aqui; nenhuma equipe veterana e muito poucas abaixo dos 19 anos; e quase nenhuma equipe feminina. A constância é, portanto, de equipes masculinas, da categoria adulto e de uma das três modalidades restantes – campo, *society* e *futsal*..

O futebol de campo tem muito poucas equipes cadastradas. Assim, a imensa maioria das equipes é praticante de *futsal* ou futebol *society*. E é a partir disso que a FutLiga se torna uma representação possível da metrópole, mais especificamente do futebol na metrópole. Sendo assim, parti desta representação para descobrir mais sobre a dinâmica de um possível sistema do futebol na metrópole.

24 <http://www.futliga.com.br/>, acessado em 29/10/2008 às 23h16.

A internet, enquanto técnica, nasce em meio a um mundo onde a velocidade de circulação – de dados, de mercadoria, de pessoas – cresce a todo instante. Ao mesmo tempo, promove ela também uma aceleração nas relações sociais, tornadas cada vez mais imediatistas e privatistas. Ao se pensar nisso em relação ao urbano, fragmentado e com diversos espaços com velocidades diferentes, nem sempre possíveis de serem conectados, tem-se que tal técnica – ou melhor, toda técnica sob a égide do capital industrial – ajuda a aumentar ainda mais a clivagem sócio-espacial da metrópole. Separa ainda mais as pessoas, as coisas, os lugares, ao mesmo tempo em que promove uma imagem de “tudo ao alcance de um *click*”, transformada em reivindicação social através da máxima da “inclusão digital”.

É claro que, por um lado (maior), o alcance propagandeado pela internet é completamente virtual, totalmente em descompasso com a realidade (material, espacial) de seus usuários. Mas há uma dimensão real na massificação dessa técnica que age em dois sentidos: de um lado, permite a criação de novas esferas de sociabilidade, mesmo que virtual, e de participação em um mundo de certa forma coletivo; de outro, cria ainda mais constrangimentos sociais – para conseguir um emprego, por exemplo, já se fazem entrevistas e provas virtuais antecedendo – e às vezes mesmo substituindo – as presenciais.

Em se tratando do futebol, articulado no espaço urbano agora através de um sistema parcelado, se é que isso é possível, a internet se movimenta dialeticamente para direções opostas: uma, a de segregar ainda mais os praticantes do futebol amador (e também os torcedores do futebol profissional), que cada vez mais necessitam ter acesso à técnica para adentrar a estrutura organizacional do esporte; outra, a de reaproximar fragmentos da cidade separados pela própria produção e reprodução do urbano, enquanto materialidade e ideologia. As duas direções, porém, encontram no próprio urbano certas resistências espaciais.

No caso da FutLiga, o baixo número de equipes de futebol de campo cadastradas tem um porquê: a várzea sempre teve uma estrutura organizacional própria, anterior, pré-existente à massificação da internet – estrutura herdada do sistema do futebol definido por SEABRA. Mas

mesmo assim há equipes utilizando o serviço – pelo qual é cobrada uma taxa mensal – para marcação de jogos. Tais equipes, no entanto, por terem poucas possibilidades de encontrar adversários através do sítio da FutLiga, são isentas do pagamento da taxa.

Já o *futsal* e o futebol *society* têm inúmeras equipes cadastradas – reflexo da popularização de tais formas urbanas de jogo pela metrópole – de forma que pode-se estabelecer um *ranking* no próprio sítio de acordo com os resultados dos jogos. Ao cadastrar-se no sítio, há inúmeras maneiras de se marcar um jogo: como equipe mandante (desde que, no ato do cadastro, tenha-se indicado uma quadra, dia e horário de jogo), como equipe visitante, por data, por dia da semana. Feita essa escolha inicial, abre-se um leque de equipes divididas, assim como a cidade, em sub-regiões: Zona Leste, Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste, Centro, Guarulhos, Osasco, Taboão da Serra etc (figura 1). Percebe-se nessa divisão uma maior concentração de equipes nas zonas Sul e Leste, acompanhando o próprio movimento de expansão da metrópole (figura 2).

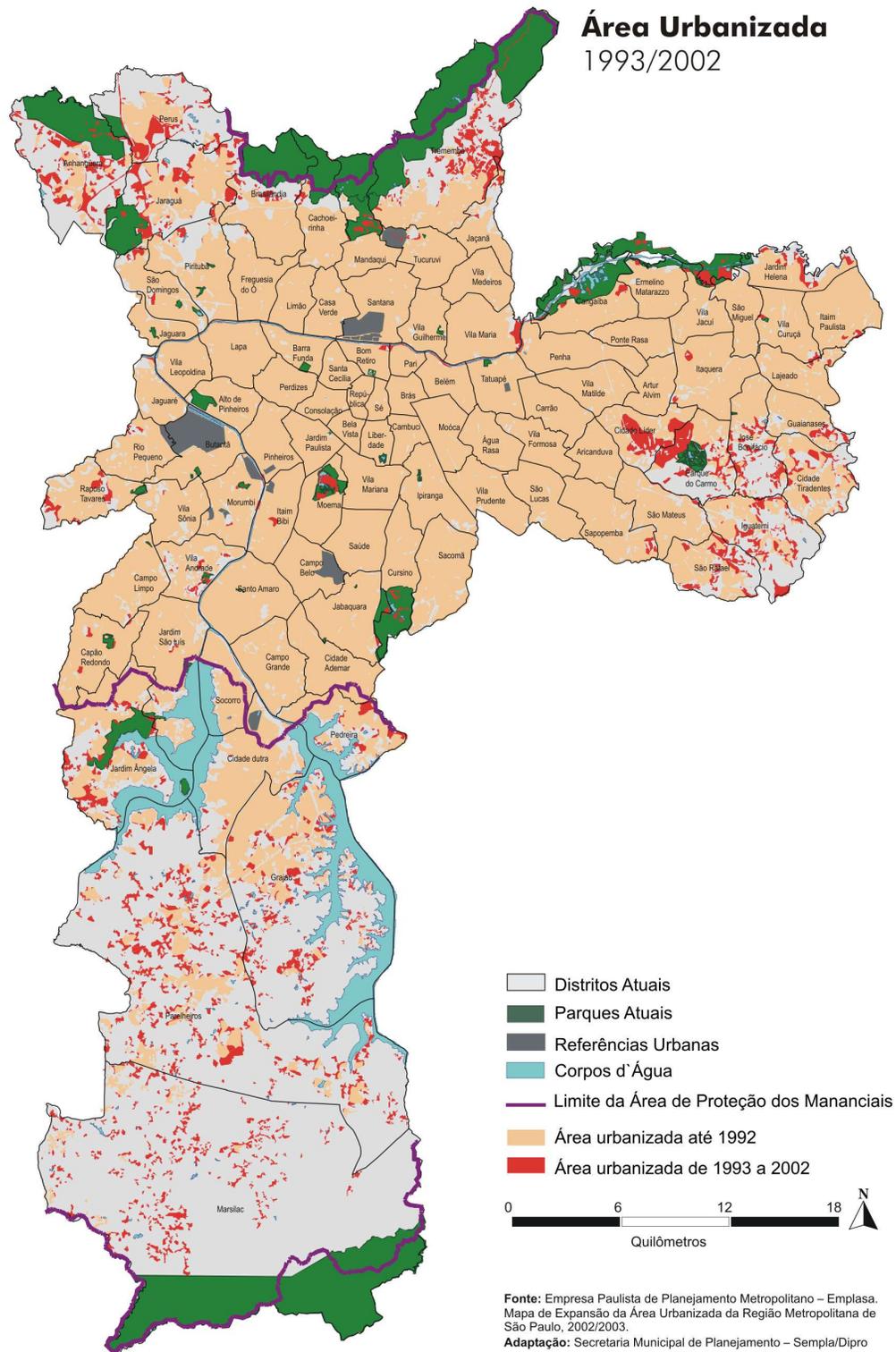
Figura 1 – Tela das equipes de *futsal* da FutLiga agrupadas por sub-região da metrópole

The screenshot shows the FutLiga website interface. At the top, there is a logo for 'FutLiga' with the tagline 'Liga de Futebol Amador' and '1ª. Liga de Futebol Amador Nacional 100% interativa'. Below the logo is a navigation menu with options: 'Autônomos Futebol Clube', 'Danilo Cajazeira', 'LOGOUT', 'Home', 'O que é FutLiga?', 'Anuncie Aqui', 'Equipes Associadas', 'Divulgação', and 'Inscrição de Equipes'. The main content area displays the title 'Resultado da Busca' and a table with search results.

Selecionar	Estado	Cidade	Região	Qtde
	SP	São Paulo	Centro	11
	SP	São Paulo	Norte	15
	SP	São Paulo	Sul	31
	SP	São Paulo	Leste	55
	SP	São Paulo	Oeste	10

(fonte: www.futliga.com.br - acessado em 22/03/2008 – adaptada por Danilo H. V. Cajazeira)

Figura 2 – São Paulo – Área Urbanizada 1993/2002



(fonte: <http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/historico/img/mapas/urb-2000.jpg> -

acessado em 21/04/2009)

Penetrando no sítio e analisando o calendário de jogos de algumas equipes, pode-se perceber também que há muitas marcando jogos estritamente em sua região de origem. Mas há igualmente muitas marcando jogos por toda a metrópole, num movimento de mobilidade urbana que faz com que se desloquem todo fim de semana para jogar em lugares desconhecidos. Um movimento, inclusive, que é o principal motivador de muitas dessas equipes.

Neste sentido, a internet serve como ferramenta de superação (mesmo que efêmera) da fragmentação social. Ao experimentar o bairro do outro, correndo inclusive por conta própria os riscos de fazê-lo, uma vez que na metrópole implodida o outro é muitas vezes motivo de confronto²⁵, estas equipes de certa forma recriam os laços da cidade de bairros do início do século XX, onde o sistema do futebol servia à integração entre os bairros. De certa forma porque, neste caso, a relação se resume ao jogo, ao cumprimento de um serviço estabelecido mediante pagamento, à realização do futebol enquanto forma sem conteúdo, enquanto forma descolada do conteúdo, o jogo pelo jogo e não mais pela festa – mesmo que muitas vezes haja algum tipo de confraternização entre as equipes após os jogos. Uma dimensão que pode ser melhor compreendida ao analisarmos a proposta de interatividade do sítio.

A FutLiga serve, em realidade, apenas como ferramenta de busca por outras equipes dispostas a jogar. Para utilizá-la, o sítio cobra alguns deveres do cliente, que não é mais do que consumidor: responder aos convites de jogo com a maior antecedência possível, pagamento em dia, não faltar ao jogo ou cancelá-lo com menos de 7 dias de antecedência (sendo tais faltas passíveis de multa e de perda de pontos no *ranking*), preenchimento do placar do jogo de forma honesta (sendo os casos polêmicos decididos pelo próprio sítio, em uma de suas poucas ações de intervenção), preenchimento de uma avaliação da equipe adversária (que envolve desde pontualidade até qualidade do uniforme e comportamento da torcida e do árbitro). Brigas são punidas com a exclusão do site, assim como ocorre nos campeonatos amadores em geral, regulamentados de acordo com as exigências do profissional, mesmo que isso esteja na maioria dos casos em descompasso com a

25 Esta idéia será melhor explorada no capítulo seguinte, “Espaços do Torcer”

própria dinâmica ainda um tanto quanto espontânea e não tão disciplinada do amadorismo. A busca pelo *fair play*, conceito que expressa no futebol os valores de uma sociedade baseada na troca tida como “justa” por ser realizada entre entes juridicamente iguais – mas social, cultural, política e economicamente bastante desiguais –, impõe-se como norma reguladora do uso do próprio serviço e, conseqüentemente, reguladora também do próprio jogo. Uma tentativa de “apaziguar” os conflitos do urbano homogeneizando o comportamento de todos através de uma normatização moral. A mesma lógica que orienta o cliente a reclamar com *urbanidade*, termo que não poderia ser mais revelador da orientação homogeneizadora e normatizadora do capitalismo industrial, em contradição dialética com o próprio urbano, que por si só cria particularidades em cada lugar e os diferencia – sem necessariamente os fragmentar – através delas. Ao final do ano, as melhores equipes no ranking – ou seja, aquelas que, além da qualidade no jogar, tem no cumprimento exemplar das normas a possibilidade de se estabelecer no topo da tabela – são convidadas pela FutLiga para um campeonato organizado pela mesma, a Copa dos Campeões (anexo III). Como um prêmio para o consumidor que juntou mais tampinhas.

Por fim, cabe encontrar no urbano o porquê da internet ter inserção cada vez maior no *futsal* e no futebol *society*. E há diferenças entre as duas formas e sua relação com a internet.

No caso do *futsal*, mais antigo e surgido em uma época onde a sociedade ainda não era majoritariamente urbana nem tão veloz, sua prática pode enraizar-se por toda a cidade ao mesmo tempo em que esta conformava-se em metrópole. Assim como no futebol de várzea, criaram-se sub-centralidades em cada região, mas não uma centralidade sócio-espacial comum a todas. A Liga do Batalha²⁶, organizada pelo telefone, é hoje a maior expressão de uma tentativa de organização nesse sentido (embora a-espacial, virtual), mas mesmo assim abarca majoritariamente as zona norte e leste da metrópole (incluindo nisso Guarulhos e região). Há ligas regionais em cada canto da

26 Tal liga, que tem esse nome por ser organizada por uma loja de esportes de mesmo nome da zona leste, também abrange o futebol *society*, embora seja mais conhecida pelo *futsal*. Seu funcionamento é similar ao da FutLiga, com a diferença de que o atendimento é feito via central telefônica informatizada – recentemente, o sítio da empresa passou a fornecer a possibilidade de marcação de jogos via internet: <http://www.batalha.com.br/website/promocoes/>, acessado em 30/10/2008 às 15h06.

cidade, muitas tão enraizadas que suas equipes nem sequer saem da própria região para jogar. Porém, como a própria metrópole imprime um ar de conquista aos que vivem às margens dela (conquista que por vezes se dá através de atos violentos), é objetivo de quase toda equipe que disputa campeonatos regularmente ir ao centro – seja da cidade, seja da própria modalidade – para conquistá-lo. Assim, a Copa dos Campeões da FutLiga é alvo de todas as equipes associadas que jogam com regularidade, assim como era com as equipes que disputavam a Copa da Inglaterra nos fins do século XIX. Ou seja, mesmo na metrópole fragmentada, ou principalmente nelas, o urbano imprime movimentos contraditórios de expulsão dos trabalhadores do centro para a periferia e de motivação pela conquista do centro (através, no caso, do futebol) pelos mesmos trabalhadores da periferia, em seus momentos de lazer, mesmo que já transformado em mercadoria.

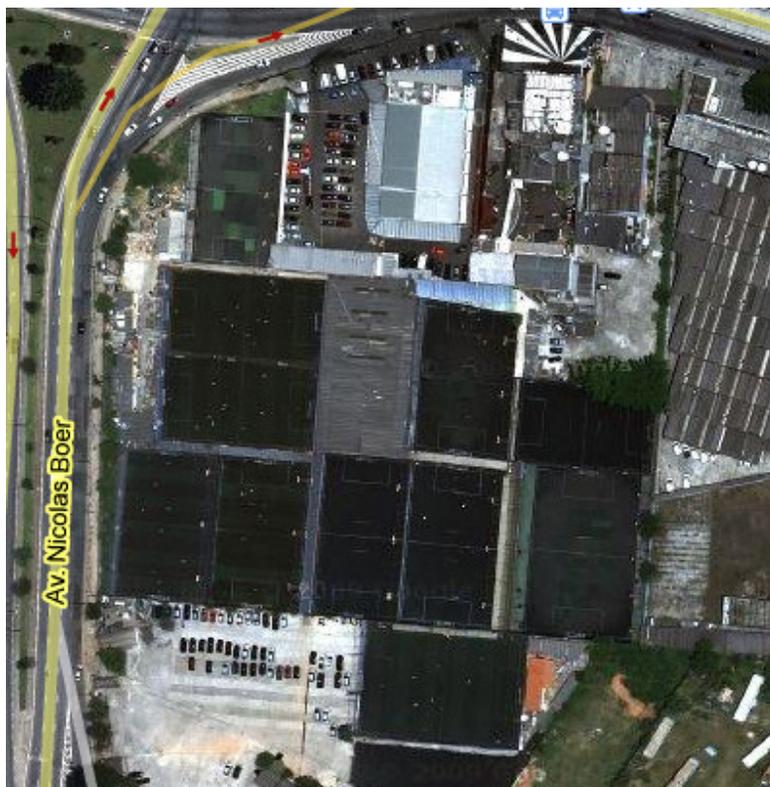
O caso do futebol *society* é mais emblemático neste sentido. Nascido já no seio de uma cidade majoritariamente de serviços, desde sempre a modalidade foi popularizada através da venda de todos os seus aspectos. As quadras são de grama artificial e demandam empresas especializadas para serem instaladas, criando assim já a partir do campo de jogo um espaço de troca, e não de uso - diferentemente do *futsal*, que cresceu e, ao mesmo tempo em que se tornou mercadoria (com as quadras modernas das diversas sedes do Serviço Social do Comércio – SESC, por exemplo), espalhou-se por todo lado, sendo jogado em qualquer tipo de terreno mais ou menos cimentado ou asfaltado. A organização dos campeonatos está quase sempre nas mãos de algumas poucas prestadoras de serviço, como a própria FutLiga, ou das instituições da modalidade – FPF7S, Associação dos Árbitros do Estado de São Paulo (AAESP)²⁷ e outras (em todas elas, os convites para jogar, anúncios, divulgação de resultados e toda a logística envolvida nos campeonatos é feita majoritariamente através da internet). E a própria difusão das quadras pela cidade obedece a uma centralidade desde cedo comandada por uma mesma empresa, a PlayBall²⁸, que tem quadras por

27 <http://www.aesp.com>

28 O sítio da empresa na internet diz que a Playball “é uma marca registrada com 25 anos atuando no Futebol Society e pioneira em pisos com grama sintética no país. Reconhecida nacionalmente, a marca Playball prima por trabalhar a padronização e expansão da atividade pela nação promovendo qualidade, para agragar (sic) valores no lazer de seus clientes”. Sítio: <http://www.playball.com.br/empresa.php>, acessado em 30/10/2008 às 15h10.

toda a cidade e que tem na sua filial na Barra Funda (figuras 3 e 4) o grande centro de jogos da modalidade – tanto na esfera amadora quanto na profissional, esferas que no caso do futebol *society* são delimitadas por uma linha tênue: em ambas, por exemplo, o nome das equipes, quando não é de uma empresa, é seguido pelo de uma empresa, no caso, a patrocinadora da equipe (como acontece também no *futsal* profissional onde, por exemplo, uma das equipas mais fortes do Brasil é a Malwee/Jaraguá, de Jaraguá do Sul, Santa Catarina).

Figura 3 – Foto área do complexo de quadras de futebol *society* da Playball Pompéia, na Avenida Nicholas Bôer, 66, Barra Funda, zona oeste de São Paulo.



Escala: 1:5000

(fonte: maps.google.com.br – acessado em 09/06/2008 – adaptada por Danilo H. V. Cajazeira)

Figura 4 – Localização do distrito da Barra Funda, na zona central de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Apesar disso, pode-se encontrar quadras de tamanho diminuto incrustadas em meio às periferias de São Paulo, com a grama artificial já bastante mal-cuidada, onde o time da casa por vezes não paga para jogar e em troca ostenta o nome da própria quadra na camiseta enquanto patrocinadora da equipe (prática muito comum a todas as equipes amadoras, seja qual for a modalidade). Inclusive, tais quadras são em muito maior número do que as quadras com um apelo “moderno”, ou seja, com visual e funcionamento elaborados e pré-concebidos como um produto. Uma diferenciação própria do urbano industrial, como a que cria cópias “piratas” de camisas de times de futebol profissional, ou como a que, desde o começo do futebol em São Paulo, diferencia as práticas e os espaços do amador e do profissional, ambos em conflito constante e ambos aproximados pelo processo homogeneizador do capital industrial.

Foi imerso nessa realidade que, em 1º de maio de 2006, surgiu o Autônomos FC. E, a partir de seu surgimento, foi possível continuar trilhando um caminho pelos espaços do jogar na metrópole que trouxe à pesquisa novas e importantes descobertas, notadamente sobre o futebol de várzea, fazendo assim um movimento de retorno ao início da tese que será demonstrado a seguir.

2.4 Autônomos FC

É importante ressaltar que assim como o futebol *society* não nasceu do *futsal* de forma cronológica ou temporal (e nem o *futsal* do futebol de várzea), também o Autônomos não surgiu da Copa Autonomia linearmente, como pode ficar parecendo ao se escrever. A equipe começou a existir dialeticamente durante a “copinha”, assim como as novas formas urbanas de futebol surgiram da apropriação do espaço da cidade pelo capital industrial e, conseqüentemente, da transformação dos espaços do futebol. A lógica aqui não pode ser formal, mas sim dialética²⁹: ela trabalha os conteúdos, não as formas, já que são deles que as novas formas surgem.

Então, em maio de 2006, a equipe começou seu caminho quase que à deriva pelo mundo do

29 A referência, aqui, é a obra de LEFEBVRE (1975).

futebol *society*. Cadastrada na FutLiga, já em seu primeiro jogo começou a descobrir sobre os mecanismos de funcionamento do futebol amador em São Paulo: jogo na zona leste, próximo à estação Guilhermina-Esperança do metrô, numa quadra de proporções menores que as oficiais da modalidade e as laterais em desnível em relação ao meio da quadra. Além disso, praticamente toda equipe de futebol *society* de São Paulo tem dois quadros, ou seja, dois times diferentes, normalmente nomeados de A e B, onde o B é o de pior qualidade técnica e/ou de jogadores mais velhos e o A é o time principal; o Autônomos chegou para seu primeiro jogo com 10 jogadores para enfrentar os dois quadros adversários – e sem goleiro. Apesar disso, a derrota esperada não veio no jogo contra o quadro B: empate em 8 a 8. No segundo, porém, a desorganização, a falta de reservas e de um goleiro e o cansaço falaram mais alto e o time foi derrotado por 8 a 2 – conhecendo pela primeira vez a prática comum no amador (e por não poucas vezes no profissional) da arbitragem favorável ao time da casa.

Daí em diante, a equipe trilhou um caminho bastante comum a todas as equipes iniciantes no futebol amador: jogar sempre como visitante (um meio de não arcar com as despesas da quadra) e com torcida e normalmente arbitragem desfavoráveis. E assim fomos conhecendo diferentes espaços da cidade, espaços que provavelmente nunca visitaríamos em outra oportunidade, ou ao menos nunca coletivamente e para uma atividade de lazer. A FutLiga, então, servia como uma ferramenta para desvendar a cidade “encoberta” pela metrópole, descobrir outros lugares, outras pessoas, outros espaços. O futebol era muito mais meio para essa deriva pelo urbano do que jogo em si – tanto é que, ao fim de 2006, o Autônomos FC tinha em seu quadro B a incrível marca de 1 vitória, 1 empate e 25 derrotas, com 88 gols marcados e 311 sofridos. O quadro A, por sua vez, ia mais longe e invertia as estatísticas das equipes constituídas a mais tempo, onde o quadro principal sempre se sai melhor do que o segundo quadro: 0 vitórias, 0 empates, 27 derrotas, 65 gols marcados e 220 sofridos³⁰. Jogávamos muito mais pela “aventura” que era conhecer a cidade do que pelas vitórias – que eram bastante raras.

30 Estas estatísticas são fornecidas automaticamente pelo próprio sítio da FutLiga a cada jogo.

Porém, o Autônomos – ou Auto, como o apelidamos – tinha suas origens na Copa Autonomia, sendo sua equipe formada por jogadores das equipes da “copinha”³¹ que viram naquele projeto coletivo algum atrativo. Depois de alguns – poucos – jogos, entretanto, a diferenciação que marcava – mas não necessariamente segregava – as equipes da “copinha” se fez presente e alguns jogadores, mais afeitos ao jogo em si (ou seja, a forma) do que ao projeto (o conteúdo) foram saindo, enquanto outros, atraídos pela idéia da equipe, chegaram. O Autônomos era, enfim, uma equipe ideológica, que queria desvendar a cidade jogando futebol por prazer, sem se importar – muito – com os resultados. De certa forma, éramos o centro indo à periferia, o circo mambembe chegando às cidades do interior, um *Harlem Globetrotters*³² às avessas.

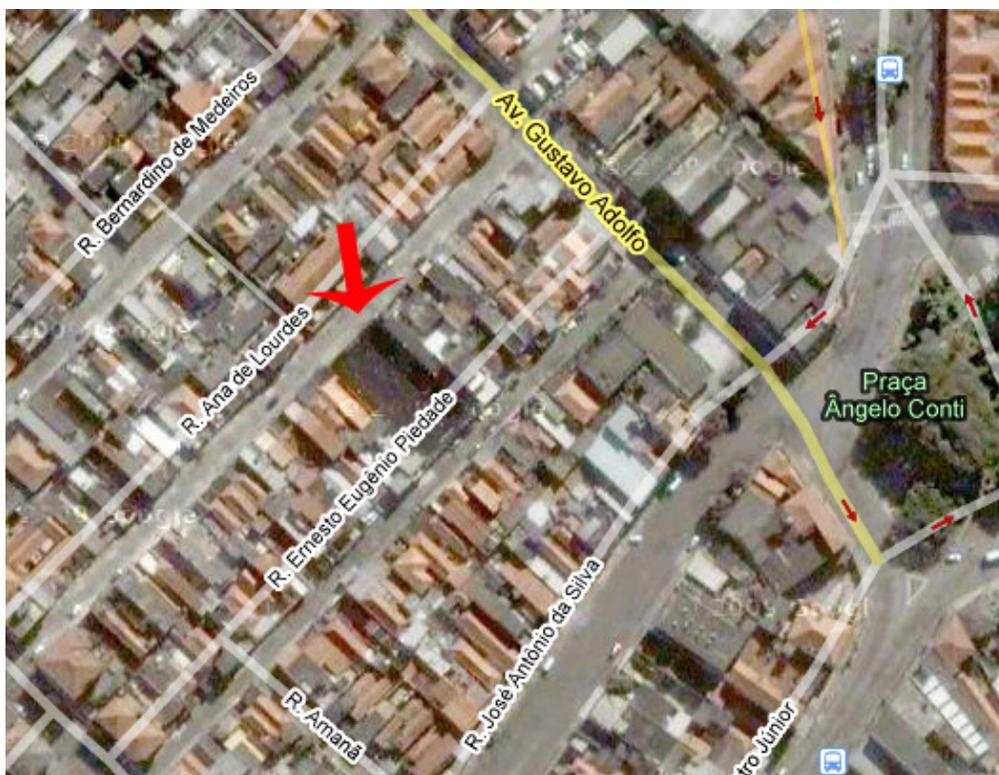
Mais homogêneo quanto ao conteúdo (ideológico), o Auto penetrava na cidade recriando nos espaços imagens do futebol da metrópole. Certa vez, apelidamos uma quadra de “Argentina”, por ser pequena e apertada no meio de algumas casas (figura 5) da Vila Medeiros, bairro periférico da zona norte (figura 6), dando uma sensação de clausura que nos remetia ao estádio do Club Atlético Boca Juniors, da Argentina, conhecido por *Bombonera* exatamente pelos mesmos motivos. Nesta quadra, inclusive, se deu um momentos mais circenses da trajetória autônoma: após perder para o quadro B da equipe da casa por goleada e escutando as tirações de sarro dos jogadores do quadro A, que chegavam aos poucos e viam aquele bando de “roqueiros loucos tatuados” (já que muitos punks compunham a equipe), o Auto causou surpresa ao mesmo quadro A quando este viu que iriam enfrentar os mesmos jogadores, que não havia outro quadro melhor para enfrentá-los. Então, tal qual os gladiadores romanos desarmados postos a enfrentar leões na Roma antiga, conquistamos a torcida da própria equipe da casa misturada aos jogadores do quadro B, que nos

31 Aqui, cabe dizer que, ao mesmo tempo em que se formava o Autônomos FC, outras equipes e membros da Copa Autonomia se juntaram ao Hermanos de Pelé e formaram uma equipe de futebol de várzea (da qual este pesquisador participou). Com membros oriundos majoritariamente do primeiro grupo das equipes da “copinha”, o Hermanos sofreu (e ainda sofre) na várzea um tipo de preconceito social “invertido” por ser um time “de condomínio” – é “inadmissível” para uma equipe de várzea da periferia perder para “moleques”, “branquelos”, “playboys”, entre outras coisas de que são taxados.

32 Os Harlem Globetrotters são uma equipe de basquete profissional americana constituída apenas por jogadores da raça negra. Fundada em 1927, a equipe excursionou o país e mais tarde o mundo, ficando famosa por suas acrobacias quase circenses em quadra. Estrelaram dois filmes longa-metragem e um desenho animado.

apoiavam como forma de brincadeira com os próprios colegas do quadro A. E saímos na frente do placar após três defesas sensacionais de nosso goleiro e um gol de letra de nosso atacante. A quadra explodia a nosso favor, e nós mesmos cantávamos em quadra (já que éramos torcida e time ao mesmo tempo), assustando o time adversário, que se perdia em nervosismo. Mas nada que não pudesse ter sido controlado a tempo e transformado em mais uma goleada imposta ao Auto.

Figura 5 – Foto aérea da quadra *Gold Ball*, na Rua Ernesto Eugênio Piedade, 31-A, Vila Medeiros, zona norte de São Paulo



Escala: 1:5000

(fonte: maps.google.com.br – acessado em 21/06/2008 – adaptada por Danilo H. V. Cajazeira)

Figura 6 – Localização do distrito da Vila Medeiros, na zona norte de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Assim, aos olhos do outro, éramos atração bizarra que rompia o cotidiano de enfrentar equipes “iguais”, ou seja, com as mesmas características, todo final de semana. A forma do futebol *society* esmagava pouco a pouco seus conteúdos, homogeneizava-o, tornava-o cada vez mais imagem retorcida do futebol profissional – imagem refletida até nos corpos dos jogadores, seja na chuteira igual à do craque X, no penteado imitando o craque Y ou na comemoração copiada do craque Z. E quanto mais “profissional” a equipe, mais difícil se tornava enfrentar o Autônomos, ainda mais se este por acaso começava ganhando – era inadmissível perder para uma equipe tão “amadora”. Então, se em algumas quadras conseguíamos amizades com o nosso jogar por jogar, em outras quase surgiram confrontos físicos: uma vez, após um jogador adversário driblar nosso goleiro, um de nossos jogadores que estava no banco de reservas invadiu a quadra para tentar impedi-lo de marcar mais um gol num jogo em que já perdíamos de muito; uma afronta gigante para o adversário, que não aceitava comportamento tão “infantil”, dizendo que “assim ia virar várzea” e quase partindo para o confronto físico.

Internamente ao próprio futebol *society*, entretanto, ainda é possível diferenciar as equipes quanto ao seu conteúdo, mesmo que a imensa maioria siga por uma mesma forma. Uma diferenciação que a princípio não exclui, mas que no horizonte leva à mesma segregação entre profissional e amador que se dá em todas as modalidades esportivas. Em se tratando de uma forma urbana mercadológica vendida como momento de lazer, onde se paga para tê-la, a busca por uma mercadoria sem defeitos (ou seja, um jogo sem problemas, e com vitória) torna-se objetivo principal, quando não único, da maioria das equipes. Estas tem inclusive uma organização interna igual a de um clube de bairro, com diretoria, presidente e todos os cargos e encargos necessários para ser reconhecida – inclusive juridicamente, com registro em cartório – enquanto entidade esportiva. É a forma industrial invadindo todas as dimensões da vida privada, ainda mais o lazer vivenciado através da mercadoria.

A questão da idade também é um componente importante nesta lógica do futebol *society*. Geralmente, as equipes que contam com um quadro B composto por jogadores acima dos 40 anos

costumam ser “menos competitivas”, ou melhor, dar menos valor ao competir e mais valor ao jogar, ao ter prazer, ao convidar o adversário para compartilhar o churrasco pós-jogo, quando há. Normalmente “pais de família”, estes jogadores já passaram pela prova do sucesso – ou fracasso – pessoal imposta pela metrópole ao trabalhador, ao morador, ao cidadão, prova esta que é a engrenagem social mestra na reprodução ideológica do capital. Tais equipes enxergavam quase sempre o Autônomos com bons olhos, rompendo através do futebol outros preconceitos que sempre surgem ao ver chegar à quadra jovens tatuados e com cabelos “estranhos”. Assim, ao longo de sua existência, o Auto experimentou formas positivas e negativas de sociabilidade impostas pelo próprio urbano industrial ao sistema do futebol, podendo-se dizer que éramos uma representação cosmopolita da e na metrópole.

“De onde vocês são?” sempre foi a pergunta mais difícil de ser respondida pelo Autônomos FC. Pergunta invariavelmente feita, principalmente quando jogávamos em quadras na periferia, onde as equipes são formadas pelos moradores, compostas geograficamente muito mais do que ideologicamente – resultantes do urbano cindido. Porque não éramos de lugar nenhum, já que não tínhamos quadra própria (o que necessariamente levaria a nos fixar em um lugar), e ao mesmo tempo éramos de todos os lugares, já que na equipe estavam pessoas de diversos bairros e cidades da metrópole (Guarulhos, Santo André, Osasco, São Paulo). Por ser uma equipe ideológica, inclusive, o Auto sempre esteve aberto a quem quer que fosse, de forma que jogaram pela equipe um australiano, um canadense, três argentinos, um colombiano e cinco suíços de uma banda de *ska*, ritmo jamaicano, que estavam por aqui. Algo que só ajudava a dar ao Auto um caráter ainda mais de atração bizarra, de estranho, de forasteiro, de... metrópole. E que reforçava nosso compromisso de jogar por jogar, e não pra ganhar.

Essa a-espacialidade autônoma levava a uma rotação de jogadores pela equipe. Alguns compareciam a todos os jogos, fossem onde fossem; outros apareciam naqueles mais próximos de seu lugar de morada. O urbano, então, se apresenta enquanto variável importante na existência da equipe, na formação de seu conteúdo, mesmo que de forma diferente em relação às equipes que

enfrentávamos. E, se o encontro com tais equipes trazia a elas algo de novo, de diferente, trazia também a nós. Com isso, mudamos nossa forma de jogar, de se encontrar, de pensar o futebol e a cidade. Mas continuamos com a rotina de derrotas, o que transformava uma vitória em um objetivo a ser alcançado como se fosse um título – e ela veio, em 11 de março de 2007³³.

Entretanto, as feições totalitárias da forma urbana do futebol *society* que davam aos jogos uma relação “mercadológica demais” para uma equipe assentada sobre ideais românticos e anacrônicos (vivíamos uma memória inventada, de um futebol antigo que realmente houve, mas do qual não fizemos parte, e transportávamos tal memória para o presente, a-historicamente) fez com que o Autônomos FC deixasse o futebol *society* (não completamente³⁴) em abril de 2007. Resolvemos que iríamos para a várzea, em busca de nossas “raízes perdidas” – fruto da mesma memória inventada.

Foi neste momento da trajetória entre pesquisador e objeto de estudo que o objeto realmente se tornou objeto e o pesquisador, pesquisador. Até então, não havia um projeto de pesquisa, apenas uma vontade de pesquisa, muito mais assentada na idéia das torcidas organizadas do que na do futebol amador. E foi na continuação dessa trajetória que tanto eu quanto o Autônomos FC pudemos perceber o quanto os espaços do torcer e os do jogar estão imbricados em um urbano parcelado.

O início do Autônomos na várzea foi parecido com o que se deu no *society*: como visitantes, na zona leste, no campo que depois alugamos como nosso. E se o time de *society* perdia (muito) mais do que ganhava, o time de campo seguiu os mesmos passos.

Porém, ir para a várzea criava um novo problema de ordem logística importante: a FutLiga não conseguia prover jogos de futebol de campo todo final de semana, devido ao baixo número de equipes cadastradas na modalidade, e então nos vimos órfãos da internet pela primeira vez – não

33 Na verdade, o Autônomos havia vencido já no segundo jogo de sua história, em 03 de junho de 2006, e havia ganho os jogos dos dois quadros por não comparecimento do adversário (W.O.) em 17/02/2007. Porém, a vitória de março de 2007 era a primeira da equipe enquanto conteúdo consolidado, e não mais enquanto agrupamento de jogadores das equipes da Copa Autonomia.

34 Não completamente porque por vezes a equipe ainda disputa torneios e jogos amistosos de futebol *society*, quando suas atividades na várzea estão paradas ou com alguma folga.

completamente, já que a organização interna do time continuava se dando através de uma lista de emails. Fora isso, agora era necessário juntar 11 jogadores e não mais apenas 7, como no futebol *society*, e com isso passamos a agregar novas pessoas ao time³⁵. Após alguns meses, estávamos cansados de ser visitantes, queríamos ter nosso próprio campo, até para facilitar a organização da equipe, já que é mais fácil agrupar pessoas em torno de um mesmo lugar do que em torno de lugares diferentes a cada final de semana. Enquanto procurávamos, íamos jogando contra equipes com as quais conseguíamos contato através de outras equipes, estabelecendo assim uma rede de contatos boca a boca importantíssima para qualquer time de várzea. E continuávamos a descobrir a cidade, agora ainda mais, uma vez que os campos de futebol são mais raros e “escondidos” na paisagem da metrópole do que as quadras de futebol *society* e que boa parte deles, como descreveu SEABRA, ajuda a traçar a história do crescimento da cidade para além de seu centro inicial (Sé, Santa Ifigênia, Liberdade), passando pelo seu centro expandido (Higienópolis, Campos Elíseos, Jardim América, Brás, Pari, Bom Retiro) e pelos bairros surgidos dos “núcleos de povoamento antigo” (Penha, Nossa Senhora do Ó, Santana, Santo Amaro, Pinheiros)³⁶. Se a cidade começou entre rios (Pinheiros, Tietê, Aricanduva), os campos cresceram nas várzeas desses rios (daí o termo futebol *de várzea*), e é no que restou desses campos que se guarda um pouco da história de uma “cidade de bairros” em crescimento.

Aos poucos, porém, o Autônomos (e este pesquisador) começou a descobrir que na metrópole das periferias mais do que distantes os campos são centralidades – dessas mesmas periferias. Não foi incomum chegar a um bairro, perguntar pelo campo e todos o conhecerem. Encravados em meio aos terrenos baldios ainda não ocupados, ou muitas vezes cercados por casas de forma que é possível chutar uma bola janela adentro facilmente, esta “nova várzea” deixa transparecer resquícios do sistema do futebol da São Paulo de bairros. Os campos e seus respectivos complexos esportivos (quando há um), a maioria transformada pelo Estado em CDMs (Clubes

35 Notadamente, a equipe do MACD, formada por graduandos e pós-graduandos deste departamento e oriunda do segundo grupo de equipes da Copa Autonomia, da qual este pesquisador também faz parte.

36 SEABRA, 2004, p. 277.

Desportivos Municipais), estão sob a gestão da própria comunidade que os utiliza (muitas vezes a mesma que na São Paulo de bairros já os utilizava), que tem também delegada a si a manutenção dos mesmos. Além dos CDMs, o Estado provém também os Clubes da Cidade (CDCs) e os Clubes Escola. Segundo o sítio <http://nev.incubadora.fapesp.br/portal/culturalazer/clubedacidade/>, “os Clubes da Cidade (antigos Centros Esportivos, Balneários ou Mini-Balneários) são importantes espaços de lazer da cidade. Eles oferecem quadras poliesportivas, piscinas e espaço para atividades orientadas por professores como ginástica, dança, lutas, etc. A programação e o oferecimento de cursos variam em cada unidade, mas na maioria delas existem programações especiais destinadas principalmente para crianças, jovens e idosos. Regularmente estes espaços ainda são abertos para outros tipos de atividades, como gincanas, festas e palestras” (consultado em 05/11/2008, às 15h08). Já os Clubes Escola são na verdade um programa da Prefeitura que visa utilizar os equipamentos esportivos municipais como extensão das atividades escolares. Segundo dados da Prefeitura³⁷, são mais de 400 CDMs contra 40 CDCs e cinco grandes equipamentos administrados diretamente pelo Estado: Estádio da Aclimação, Estádio do Pacaembu, Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, Parque das Bicicletas e o Estádio de Beisebol Mie Nishi. Os CDMs são, portanto, uma forma de descentralização do controle estatal e também de deixar o Estado com um equipamento urbano a menos para cuidar – equipamento por vezes mutilado pela própria intervenção estatal, como é o caso do campo onde joga a Associação Atlética Guaiáúna, localizado nas margens do rio Aricanduva. Conhecido por “Esmaga-Sapo”, o campo tem uma de suas laterais fazendo uma curva antes de chegar na linha de fundo, resultado da construção de uma alça de acesso que liga a Avenida Alcântara Machado (Radial Leste) à Avenida Aricanduva, na Penha, zona leste de São Paulo, como mostram as figuras 7 e 8.

37 http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/esportes/clube_escola/0001, consultado em 05/11/2008 às 15h10.

Figura 7 – Foto área do campo do “Esmaga-Sapo” cortado pela alça de acesso da Avenida Radial Leste à Avenida Aricanduva, na Penha, zona leste de São Paulo



Escala: 1:5000

(fonte: <http://maps.google.com.br> - acessado em 31/09/2008 – adaptada por Danilo H. V. Cajazeira)

Figura 8 – Localização do distrito da Penha, na zona leste de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Por último³⁸, existem ainda os campos dentro de parques, como os existentes no Parque Villa-Lobos e no Parque Ecológico Ilha do Tamboré (em Alphaville). Nestes, o mecanismo de uso dos campos acontece através de ofícios enviados pelas equipes pleiteantes a usá-los. A decisão é da administração dos parques. Há campos onde o uso é livre, o que normalmente impede uma regularidade das mesmas equipes utilizando-os. Mas tais campos, quase sempre, estão “afastados” do circuito tradicional do futebol de várzea paulistano, configurando exceções – assim como os campos localizados dentro de universidades, públicas ou privadas, ou de empresas e clubes, cujas equipes normalmente atuam na várzea enquanto visitantes, uma vez que há um controle administrativo no uso de tais campos, assim como nos dos parques, que impede uma apropriação destes espaços da mesma forma com que acontece nos campos de várzea tradicionais. Seu uso é ainda mais restrito e restritivo. Há casos em que equipes de clubes ou empresas utilizam os campos dos clubes para receber equipes convidadas, mas quase sempre mediante a intermediação de alguma liga de futebol amador (conforme abordado mais adiante), instituição que serve como “prevenção” contra possíveis equipes “encrenqueiras” ou que possam causar danos ao patrimônio privado das instituições patrocinadoras das equipes “da casa”.

Curiosamente, não é nem em um CDM e nem em um campo antigo da várzea (dos muitos que beiram as Marginais Pinheiros e Tietê) que o Auto estabeleceu sua primeira “casa”. A equipe descobriu, na Lapa, mais precisamente na Vila Anastácio, colado à Avenida Embargador Macedo Soares, a avenida marginal do Rio Tietê, que a Escola Estadual Alexandre Von Humboldt conta em suas instalações com um campo de futebol, coisa rara entre as escolas estaduais da cidade (figuras 9 e 10). Um campo gramado, em melhores condições do que a maioria dos que já haviam sido visitados pela equipe, mas que contava com uma burocracia maior para ser utilizado: por ser patrimônio público, não podia ser abertamente alugado; então, a diretoria da escola estabelecia

38 Na realidade, no decorrer da pesquisa, descobriu-se que há muitas equipes pagando valores mais altos do que a média para algumas ligas que fornecem jogos em campos com mais estrutura – sempre gramados, com vestiários equipados etc – próximos à capital (como em Cajamar ou Indaiatuba), configurando, ao que parece, uma outra forma de consumo dos espaços do jogar, dentro da estratificação destes aqui investigada, mas que merece mais atenção e cuidado em uma pesquisa futura.

contratos onde as equipes utilizavam o campo mediante uma contribuição à Associação de Pais e Mestres da escola e a realização de alguma tarefa de manutenção do complexo esportivo da mesma – que contava com uma piscina, duas quadras de *futsal* e uma de futebol de areia, além do próprio campo. Barreiras que o urbano normatizador impunha ao uso, que não paravam por aí.

Figura 9 – Foto aérea do complexo esportivo da EE Alexandre Von Humboldt, na Avenida Raimundo Pereira de Magalhães, 1051, na Vila Anastácio, zona oeste de São Paulo



Escala: 1:5000

(fonte: <http://maps.google.com.br> - acessado em 31/09/2008 – adaptada por Danilo H. V. Cajazeira)

Figura 10 – Localização do distrito da Lapa, na zona oeste de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Uma vez estabelecido ali, a relação entre a equipe e a escola não era das melhores. A escola cobrava antecipadamente o número de identidade de todos os jogadores do Autônomos e da equipe adversária a cada fim de semana, algo impossível de conseguir em se tratando de equipes amadoras, que não tem uma constância entre seus jogadores tão regular assim e nem uma instância ou uma pessoa disponível para tabular tais informações toda semana. Fora isso, a caseira da escola estava incumbida de nos vigiar e delatar caso estivéssemos fazendo mal uso do patrimônio público. Acontece que não podíamos nos responsabilizar por controlar os atos das equipes visitantes, e nem queríamos.

Havendo uma piscina ao lado do campo, é difícil explicar para quem quer que seja que ela não pode ser utilizada apesar do enorme calor porque não há um contrato para isso. A normatização do cotidiano aparecia ali em conflito constante com o próprio corpo e suas vontades e necessidades básicas. Além disso, os campos de futebol de várzea, por suas dimensões e localização quase sempre veladas da cidade, constituem lugares de encontro e de atividades outras que não o futebol, como o uso e tráfico de drogas (em certos casos), brincadeiras de crianças, passagem de bicicletas. A maioria conta com bares acoplados para o antes, o durante e o pós jogo, e eventualmente churrascos. O campo da EE Alexandre Von Humboldt não possibilitava quase que nenhuma dessas formas de sociabilidade, uma vez que a escola se situa numa região de passagem, colada à Marginal Tietê, com galpões vazios e uma empresa de ônibus ao seu redor, não constituindo espaço de encontro. Por outro lado, porém, as práticas comuns de um espaço urbano são levadas junto com ele aonde quer que ele vá³⁹, representado que seja por uma equipe de futebol. E assim, o uso de maconha foi uma vez descoberto pela caseira e delatado à diretoria, algo que, mesmo não tendo passado durante um jogo do Autônomos, acarretou na suspensão de todas as equipes da escola. Ali, contraditoriamente, o espaço era restrito a equipes que jogassem todo fim de semana apenas entre

39 A referência aqui é a uma máxima muito comum, principalmente na periferia: “você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você”. Máxima que na verdade é oriunda da letra da canção “Negro Drama”, do grupo de rap paulista Racionais MC’s (“*Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão/Você tá dirigindo um carro/O mundo todo tá de olho ni você, morou/Sabe por quê?!/Pela sua origem, morou irmão/É desse jeito que você vive/É o negro drama/Eu não li, eu não assisti/Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama/Eu sou o fruto do negro drama*”), e que pode ser análoga, penso, a qualquer espaço fragmentado da metrópole.

si, sem convidar adversários, sem a competição intrínseca ao jogo organizado mas também sem o encontro com o outro, incontrolável como tudo que não se conhece.

Novamente em busca de uma casa, então, o Autônomos passou a alugar o campo Mário Forti (figura 11), palco de sua primeira partida, que faz parte do CDM Jardim Itália, localizado na Avenida Salim Farah Maluf, na Água Rasa (figura 12), zona leste – um representante da “nova várzea”. Com bar, colado a um bairro periférico, com crianças empinando pipa, bicicletas, cachorros e gatos de rua, uso de drogas, churrascos. O Auto estava finalmente se tornando uma equipe mais urbana e menos cosmopolita – ainda que completamente metropolitana. Algo que se refletia inclusive na formação do time, que ainda contava com pessoas de todo lado da metrópole, mas que agora tinha um compromisso muito maior com o jogo do que antes – sem deixar de ser adepto da festa pós-jogo e da constituição de laços de amizade com os adversários sempre que possível.

Figura 11 – Foto aérea do CDM Jardim Itália, na Avenida Salim Farah Maluf, 5000,
na Água Rasa, zona leste de São Paulo



Escala: 1:5000

(fonte: <http://maps.google.com.br> - acessado em 31/09/2008 – adaptada por Danilo H. V. Cajazeira)

Figura 12 – Localização do distrito da Água Rasa, na zona leste de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Esse novo momento da equipe, aliado ao fato de continuar jogando por toda a metrópole e de ser quase sempre “simpática” aos olhos do outro por ser tranquila, não arrumar confusões, serviu inclusive para agregar novos jogadores ao Auto. Jogadores que atuavam por outras equipes mas que cansaram da estrutura “boleira”⁴⁰ das mesmas, ou da falta de compromisso coletivo. E a equipe cresceu, passando a contar com dois quadros, agregando jovens de 16 anos, senhores de mais de 50 e uma maioria de jogadores na faixa etária dos 20 a 30 anos. À nova forma urbana de jogo, atrelou-se pouco a pouco um novo conteúdo, que, por sua vez, dialeticamente, transformava a forma.

Cada vez mais “time de várzea”, o Autônomos passou a buscar construir uma imagem que correspondesse a isso. Dois jogos de uniformes (titular e reserva), agasalhos, adesivos, uma mascote, organização de festivais⁴¹, tudo que é comum a uma equipe de várzea passou a ser objetivo do Auto. Mas, no que tange à logística da equipe, uma diferença sensível ainda podia ser notada: a internet.

Enquanto a maioria das equipes de várzea se organiza interna e externamente através do telefone ou do boca a boca, ou ainda através de um serviço telefônico de marcação de jogos prestado por algumas pessoas que se autodenominam “ligas”⁴² e tem assim nomes bastante personalistas (Liga da Cida, Liga do Valtinho etc), o Autônomos continuou tendo a internet como principal ferramenta. Não tanto para marcar jogos, mas para se comunicar internamente. A internet, então, tem também no futebol de várzea o seu papel.

Entretanto, a inserção desta nova ferramenta técnica no sistema do futebol não significa que a existência do futebol de várzea esteja destinada a ser controlada por ela (como no caso do futebol *society*), uma vez que desde seu início a “várzea” é recriação popular do *football* jogado pelas elites

40 Por “boleiro” entende-se aquele jogador cujas práticas são normalmente simulações das de um jogador profissional, da mesma maneira que acontece no futebol *society* e no *futsal* – e em toda a sociedade, onde os cidadãos comuns tentam ser seus ídolos através da compra de produtos que prometem transformá-los, aos olhos do mundo, neles.

41 Se os festivais antigos se caracterizavam por agregar toda a população dos bairros, com música, gincanas e outras atividades, os festivais contemporâneos se resumem em dias de jogos onde os diversos times de um mesmo campo convidam times visitantes para jogar, cobrando uma taxa de cada um deles. O vencedor de cada jogo ganha um troféu.

42 Tais ligas, assim como as de futebol *society* e de *futsal*, são bastante regionalizadas, correspondendo assim à fragmentação da metrópole, e fazem uso também de anúncios em jornais de bairro para a organização de jogos e festivais.

paulistanas nos fins do século XIX. A periferia, enquanto espaço ainda não completamente urbanizado e normatizado, sempre cria mecanismos de adaptação das atividades urbanas que necessitam de um aparelho tecnológico ausente, adaptação que por vezes aparece até mesmo em posição de oposição voluntária ao controle espacial representado pela técnica, como se pode ler nas palavras do sambista e compositor Adoniran Barbosa:

Lá no morro, quando a luz da light pifa

A gente apela pra vela

Que alumeia também, quando tem

Se não tem, não faz mal

A gente samba no escuro

que é muito mais legal

É ao natural

Quando isso acontece, há um grito de alegria

A torcida é grande pra luz vortá só no outro dia

O dono da casa estranhando a demora e achando impossível

Desconfia logo que alguém passô a mão nos fusível.

Do relógio da luz

(Adoniran Barbosa, “Luz da Light”, 1964)

Assim, uma vez que a estrutura integradora do futebol de várzea é anterior à internet, este tem um conteúdo próprio conformado durante décadas, impossível de ser completamente controlado até mesmo por seguir se reproduzindo às margens da metrópole, nas periferias mais ermas. Porém, não se pode ignorar o crescente uso desta ferramenta na mediação entre as equipes e as instituições da várzea. Cada vez mais, equipes marcam jogos via email e sítios eletrônicos são

criados para organizar campeonatos e amistosos amadores. O maior deles é o SIMMM⁴³, que também serve como espaço virtual de memória da várzea, contando histórias de diversos times paulistanos e do próprio futebol de várzea na cidade (o sítio traz um texto intitulado “A várzea na universidade”⁴⁴, de cunho jornalístico, que versa sobre a trajetória da várzea na metrópole). As prefeituras das cidades da Grande São Paulo (Guarulhos, Osasco, Santo André etc), além de organizarem ligas amadoras municipais próprias que por vezes garantem vaga na Copa Kaiser ou até na Série B do Campeonato Paulista da FPF (a quarta e última divisão do futebol profissional em São Paulo), divulgam os feitos e jogos de seus times amadores em seus sítios, assim como portais eletrônicos particulares de notícias dessas regiões⁴⁵. O próprio campo Mário Forti foi descoberto pelo Autônomos através de um email recebido da equipe que gere o CDM Jardim Itália procurando por equipes adversárias. E foi também através da internet que o Autônomos e a pesquisa chegaram a conhecer mais a fundo (porque já se ouvira falar muitas vezes) as duas principais competições metropolitanas do futebol de várzea na cidade, a Taça Brahma e a Copa Kaiser, tão grandes que tem inclusive inserção na mídia impressa⁴⁶.

Tais competições, tratadas a seguir, têm seus jogos sempre aos domingos, dia nobre do futebol de várzea na cidade, já que aos sábados, principalmente pela manhã, muitas equipes não jogam porque seus jogadores trabalham⁴⁷ – mais uma vez, o urbano e seus constrangimentos aparecem como variável importante do cotidiano.

43 <http://www.simmm.com.br/menu3.asp>, acessado diversas vezes durante a pesquisa.

44 O texto pode ser lido em <http://www.simmm.com.br/memorias/memorias.asp>

45 Um exemplo é o sítio “Itapevi Notícias” (http://www.itapevinoticias.jor.br/esporte/2007_11_01_archive.html, acessado em 05/11/2008 às 15h30), que anunciou em 2007 a chegada do Esporte Clube Portela à final da Taça Brahma, competição sobre a qual trataremos a seguir.

46 O jornal “Lance!” publica reportagens sobre as duas competições em espaço comprado pelas empresas patrocinadoras das mesmas, reportagens igualmente feitas pelas patrocinadoras.

47 Coincidentemente, enquanto escrevia esta parte do texto, recebi uma ligação de um diretor de uma equipe de Guarulhos tentando marcar um jogo para um sábado e reclamando da dificuldade na marcação, dizendo que “parece que as equipes de sábado estão sumindo”. A segregação do urbano, para o futebol, aparece tanto no espaço quanto no tempo.

2.5 Taça Brahma e Copa Kaiser: entre o jogo e o negócio, o negócio do jogo

Após preencher o formulário para inscrever o Autônomos FC na Taça Brahma, renomeada para Taça São Paulo por conta, segundo a organização (que ficou a cargo da AAESP), do Estado, que era um dos co-patrocinadores, não querer a marca da empresa de bebidas também alcoólicas estampada ao lado da sua, perguntei ao diretor da equipe gestora do CDM Jardim Itália, a Sociedade dos Moradores da Vila Paulina, porque eles não participavam de tal competição. A resposta foi curta e grossa: “muita burocracia”⁴⁸.

De fato, o torneio exige cópia de RG e CPF, duas fotos 3x4 e atestado médico liberando para atividades físicas de todos os jogadores. Em uma sociedade onde a maioria das pessoas não tem convênio de saúde e as filas para atendimento nos hospitais públicos são homéricas a ponto de criar um mercado paralelo de venda de atestados, tais exigências tornam-se restrições para muitas equipes. Sem contar a taxa de inscrição de R\$ 350,00, que dá direito a um jogo de uniformes completo, com 18 camisas, calções e pares de meião, uma bola e uma faixa de capitão, todos de péssima qualidade e, por fim, com o logo da Brahma estampado – as eleições municipais minaram as parcerias e a Brahma voltou a ser nome forte na organização, apesar do campeonato ter sido adiado para 2009.

O que dizer, então, da Copa Kaiser, que exige que todas as equipes estejam filiadas à Federação Paulista de Futebol (FPF) enquanto equipes amadoras (algo que custa R\$ 2.000,00 fora a necessidade de estar registrada em cartório com ata como agremiação esportiva e CNPJ), que todos os jogadores tenham um atestado de que são amadores – emitido pela própria FPF por R\$ 80,00 cada – e mais R\$ 800,00 de inscrição e algumas outras taxas conforme as equipes avançam no

48 Mais tarde, conversando com outro dos diretores do Vila Paulina, descobri que a equipe havia mudado de nome porque um diretor anterior havia “sujado” o CNPJ da mesma. E que a burocracia não era o único impedimento à participação em torneios maiores. Segundo ele, a equipe “não era mais a mesma” depois disso, já que muitos dos jogadores deixaram de comparecer por conta de trabalho ou outras impossibilidades, os churrascos de pós-jogo deixaram de existir e a contribuição mensal deixou de ser paga pela maioria. Seu relato, triste, revelou exemplarmente como o urbano coloca constrangimentos mil ao morador da periferia, e faz com que cada vez mais o conteúdo de suas festas se restrinja à forma dessas festas – aqui, o jogo pelo jogo, e não mais pela reunião.

torneio?⁴⁹

Ambas as competições, além disso, tem premiações em dinheiro. E, no caso da Copa Kaiser de 2007, ao campeão deu-se o direito de um jogo contra o Vélez Sarsfield, equipe profissional da Argentina, com tudo pago pela organização e cobertura na mídia impressa (jornal Lance!, edições de 12/12/2007, 20/02/2008 e 05/03/2008).

A linha entre futebol amador e futebol profissional, aqui, torna-se tão tênue que a maioria das equipes vencedoras tem em seus elencos ex-profissionais “convertidos” em amadores (a FPF cobra R\$ 100,00 por essa conversão) e muitas vezes os jogadores amadores tornam-se profissionais de algum clube após destacarem-se no torneio. Isso sem contar a cobertura na mídia impressa (jornal Lance!, toda quarta-feira após os domingos em que há jogos), os julgamentos e exigências jurídicas e comportamentais mil feitos a equipes, jogadores e torcidas (com suspensões severas e até mesmo exclusões em caso de brigas) e a exigência de apresentação de equipamento esportivo de determinada marca (Nike) para jogar (conforme o regulamento da competição, que consta no anexo IV).

Aqui, os conflitos entre jogo e negócio que permeiam o futebol amador desaparecem, como no futebol profissional contemporâneo: o jogo torna-se definitivamente negócio – a ponto de levar algumas equipes a pagar para alguns de seus jogadores e a firmar parcerias com clubes profissionais para o caso de seus destaques irem atuar por tais clubes⁵⁰.

Não se pode pensar este movimento sem compreender que por trás de tais equipes está muitas vezes a aproximação de partidos políticos e de outros segmentos com interesses políticos (crime, tráfico, máfias). “Patrocinadores” ocultos de tais equipes, sua vitória se transforma em

49 Como em toda relação de troca, nesta as equipes ganham material esportivo de primeira linha, um novo jogo de uniformes a cada fase alcançada.

50 Segundo nota do São Paulo Futebol Clube, o clube fechou uma parceria com o Grêmio Botafogo Futebol Clube, de Guaianazes, equipe amadora tradicional, neste sentido (anexo XI). O Esporte Clube Santo André, do ABC Paulista, também tem parceria parecida com equipes da várzea andreense, conhecida por ser bastante forte, a ponto de dar origem ao próprio clube profissional (no segundo capítulo, “Espaços do Torcer”, há um aprofundamento maior sobre isso).

propaganda, repetindo no amador o mesmo que acontece no profissional⁵¹.

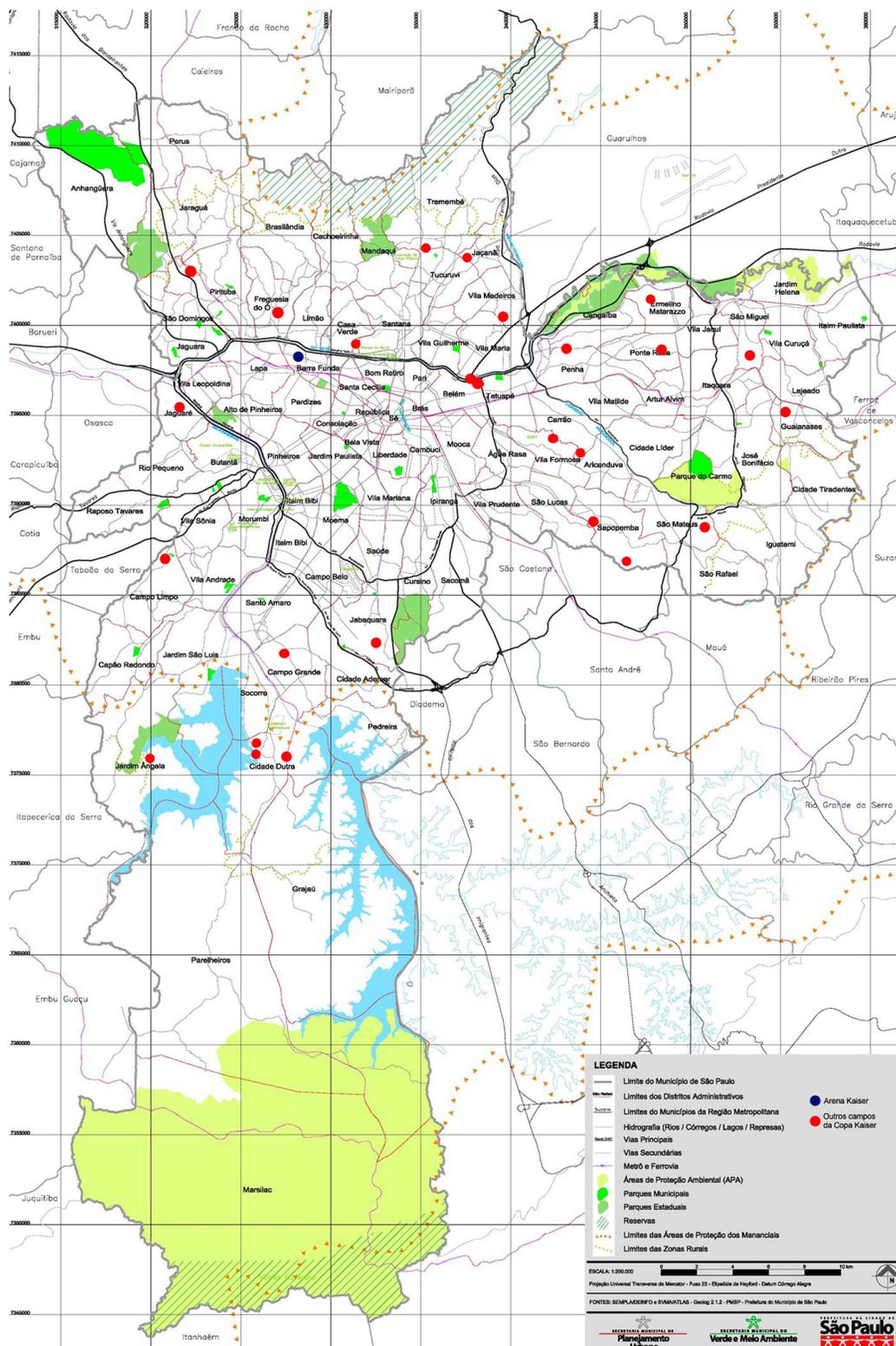
Mas, atravessando tudo isso, no que tange à metrópole, está um movimento entre centro e periferia que se expressa desde a organização dos campeonatos até seu jogo final, passando pelas próprias equipes que, junto a seus nomes, carregam sempre seu bairro de origem, retrato que são do papel do futebol de várzea no processo de constituição da cidade – e da metrópole.

Assim como a FutLiga, Copa Kaiser e Taça Brahma são divididas por regiões da metrópole. Somente nas fases finais é que os jogos passam a acontecer entre equipes de diferentes regiões. E, dentro de cada região, tornam-se centralidades os campos de algumas equipes, seja pela estrutura, seja pela história, seja pela força política que apresentam. A Copa Kaiser trás, ainda, uma particularidade reveladora da (i)mobilidade social na metrópole: firmada uma parceria entre o Nacional Atlético Clube, equipe profissional, e a organização, o estádio de tal clube foi renomeado “Arena Kaiser” e, a cada rodada da competição, uma ou mais partidas de uma determinada zona da cidade é feita lá. Localizado na Barra Funda, região central da cidade que hoje transformou-se em espaço de circulação, o estádio, assim como a Playball Pompéia para o futebol *society*, torna-se centralidade para as equipes da periferia, com a diferença de que muitas destas tem torcidas numerosas, enraizadas que estão em seus respectivos bairros e regiões (o mapa da figura 13 mostra a localização dos campos utilizados pela Copa Kaiser, incluindo a Arena Kaiser). Então, aos domingos, moradores da periferia que não tem normalmente acesso ao centro da cidade deslocam-se para acompanhar suas equipes em tais jogos. Entre eles, estão desde aqueles que costumam ir aos estádios ver jogos de futebol profissional, alguns membros de torcidas organizadas, até aqueles que, atraídos pela raridade espacial dos jogos amadores no centro da cidade e pela efemeridade do encontro com equipes e pessoas de outro canto da metrópole (fatores que não permitem a construção tão enraizada de uma imagem de violência no imaginário popular como a que existe em

51 Desde cedo, o futebol foi usado como propaganda: “O imperialismo inglês evidentemente exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais que os acompanhavam, mesmo sem premeditação, e cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade. Dentre eles, o futebol” (FRANCO JR, 2007, p. 40).

relação às torcidas de equipes profissionais), enxergam nestes jogos oportunidades ímpares de conhecer um palco que remonta às grandes estrelas do profissional – estão lá donas de casa, idosos, crianças, todos os que gradativamente são excluídos das arquibancadas pela metrópole.

Figura 13 – Mapa da localização dos campos utilizados pela Copa Kaiser



(fonte: <http://www.mapas-sp.com/cidade.htm> - acessado em 15/11/2008 -

adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Este movimento se amplifica ainda mais quando se aproximam as partidas finais. Em termos de forma, estes jogos tornam-se bastante parecidos com os do futebol profissional, com algumas torcidas tendo inclusive nome, faixas e cantos, como uma torcida organizada do futebol profissional. No caso da Taça Brahma, a finalíssima do torneio acontece todo ano no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, mais conhecido como Estádio do Pacaembu. Em 2007, no entanto, por conta das reformas no estádio com vista à criação do Museu do Futebol, tal finalíssima aconteceu no Estádio Palestra Itália, de propriedade da Sociedade Esportiva Palmeiras, clube profissional de futebol localizado no bairro das Perdizes (figura 14). Tive a oportunidade de acompanhar esse jogo.

Figura 14 – Localização do distrito de Perdizes, na zona oeste de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Enfrentariam-se Esporte Clube Mangaba, da Casa Verde, e Esporte Clube Portela, de Itapevi. Cheguei ao estádio cerca de 40 minutos antes do jogo. A entrada era gratuita, porém os convites para o jogo estavam distribuídos entre as duas equipes, e eu não sabia de que lado do estádio estava cada torcida. Reparei que algumas crianças vendiam convites por R\$ 2,00. Comprei um, ganhei outro, que tive de jogar fora por não ter para quem dar, e adentrei o estádio. Já nas arquibancadas, percebi que estava do lado do EC Portela.

Logo de cara, algo me chamou a atenção: o estádio estava liberado apenas parcialmente, ficando a torcida do EC Portela atrás de um dos gols, ao lado do Setor Visa, pedaço nobre da arquibancada do Palestra Itália⁵². A torcida do EC Mangaba encontrava-se ao lado das cadeiras numeradas, do lado oposto do campo (a figura 15 mostra a planta do estádio com as restrições impostas neste jogo). A divisão de torcidas, portanto, correspondia ao que acontece no profissional, assim como o policiamento, e o estádio só podia ser usado parcialmente, em metáfora perfeita em relação à condição daqueles que assistiam ao jogo frente à cidade. O preço dos alimentos vendidos, ao contrário, era o mesmo de um jogo profissional – preço que, em ambos os casos, é absurdo, chegando a 300% de inflação em relação ao preço de mercado para alguns produtos.

52 O Setor Visa consiste em um espaço reformado nas arquibancadas do Palestra Itália, em parceria firmada com a VISA, onde se pode entrar sem comprar ingresso, apenas passando um cartão de crédito VISA. Fora isso, há serviços de bar e de buffet sob as arquibancadas. O setor, que segue uma linha de “modernização” dos estádios presente no Brasil por conta da Copa do Mundo FIFA de 2014, a ser realizada aqui, foi bastante criticado pelas torcidas organizadas do Palmeiras. Falaremos um pouco sobre isso nos apontamentos finais desta pesquisa.

Figura 15 – Planta do Palestra Itália com as restrições de acesso impostas na final da Taça Brahma



(fonte: www.evanescence.com.br/evbrasil/homesp.html - acessado em 15/12/2008 -

adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Observando a torcida do EC Portela, pude notar diversas camisas de outras agremiações periféricas da zona oeste da metrópole. A periferia noroeste unia-se pela equipe de Itapevi, que ali representava, de certa forma, a região. A torcida do EC Portela tinha bateria, faixas e bandeiras e era nomeada “A Fúria”. Seus gritos de incentivo eram adaptações dos gritos das torcidas organizadas Gaviões da Fiel Torcida, do Sport Club Corinthians Paulista, e Tricolor Independente, do São Paulo Futebol Clube. Algo compreensível se pensarmos que a maioria dos torcedores de clubes profissionais na metrópole e na região noroeste torcem para um dos dois clubes⁵³ - sem contar o fato de que há uma ligação bastante estreita entre os integrantes de torcidas organizadas de

53 No segundo semestre de 2008, o jornal Folha de São Paulo produziu uma série de cadernos sobre o cotidiano nos diversos bairros da cidade intitulada “DNA Paulistano”. Segundo estes cadernos, 33,3% dos paulistanos torcem para o Corinthians, enquanto 22,2% torcem para o São Paulo, as duas maiores porcentagens. No que o jornal chamou de região noroeste, vizinha à Itapevi, cidade de origem do EC Portela, os percentuais são os mesmos (Folha de S, Paulo, caderno “DNA Paulistano”, 14/09/2008, p. 6, e 28/09/2008, p. 10).

clubes profissionais e as equipes de futebol de várzea (ambos são oriundos majoritariamente da periferia). Antes do jogo começar, pude escutar discussões sobre o Setor Visa ao lado, que tinha acabado de ser implementado e que era o mais caro dos setores do estádio – alguns achavam-no moderno e símbolo de um crescimento da SE Palmeiras, outros achavam-no inacessível para eles mesmos e, portanto, algo ruim. Como em qualquer campo de várzea ou estádio de futebol profissional durante os jogos, podia-se sentir o cheiro de maconha – por serem espaços de afrouxamento do controle policial (algo que vem mudando com a orientação “modernizadora” recente dos estádios, que acirra o controle e a normatização), o uso de drogas é mais facilmente detectado e praticado por qualquer um.

Com aplausos de ambas as torcidas quando os times entraram em campo e após a execução do hino nacional brasileiro, o jogo começou com mais peculiaridades: juízes profissionais do quadro da FPF, o técnico do EC Mangaba trajando um terno (como costuma fazer um dos mais conhecidos e cultuados técnicos brasileiros, Vanderlei Luxemburgo), o EC Portela com uma equipe de preparadores físicos e um médico⁵⁴, jogadores com chuteiras e penteados, mais uma vez, mimetizando o futebol profissional. Conforme a partida corria, pude observar ainda que ambos os times jogavam passando a bola e apostando na força e na velocidade, com poucos dribles, diferentemente do que é comum no futebol amador mas muito próximo do que é cada vez mais comum no futebol profissional⁵⁵. A preparação física do EC Portela era tão superior a do EC Mangaba que esta equipe dificilmente passava do meio-campo, dando impressão até de que se tratava de um jogo entre profissionais e amadores. Tudo isso determinou o placar de 5 a 1 para o EC Portela, com a torcida gritando “olé” ao final do jogo – algo que geraria confusão generalizada

54 Juiz, médico e até mesmo técnico são figuras nem sempre presentes nos campos de várzea. O primeiro, devido ao seu papel de mediador do jogo, acaba muitas vezes sendo algum membro da equipe da casa; o segundo praticamente inexistente na imensa maioria das equipes; e o terceiro por vezes é outro membro da equipe impossibilitado de jogar por algum motivo.

55 Esta orientação no futebol profissional brasileiro não é nova: “No Brasil, a partir de 1966, técnicos de futebol, preparadores físicos, dirigentes de clubes e jornalistas esportivos voltar-se-iam com sofreguidão para a busca do ideal apontado por Zezé Moreira, cujo suporte (...) encontrava-se na preparação física, sem a qual nenhum daqueles três atributos do futebol moderno poderiam ser atingidos” (FLORENZANO, 1998, P. 26). Os três atributos a que se refere o texto são, exatamente, *força, velocidade e resistência*.

em qualquer campo de várzea da metrópole, mas que ali, naquele ambiente controlado, segregado, parcelado e imitando o futebol profissional, era possível.

Ao final do jogo, as cerca de 4 mil pessoas presentes assistiram a entrega dos prêmios (R\$ 5.000,00 para o campeão) executada pelo conhecido cronista esportivo Milton Neves, que foi vaiado ao brincar com a torcida do EC Portela (Neves é santista e sempre costuma brincar com o Corinthians). Na comemoração, alguns jogadores do EC Portela viraram suas camisas, deixando seu número e nome à mostra de todos, em gesto copiado de alguns jogadores da seleção brasileira ao conquistar a Copa América de Seleções de 2007, gesto que pode ser interpretado como a exaltação do individual sobre o coletivo, característica central da representação ideológica do capitalismo concorrencial, de mercado.

Lendo a cobertura do jogo na mídia impressa dias depois, pude descobrir que o centroavante do EC Portela, artilheiro da final com 3 gols, era um “convertido” do futebol profissional com passagens pela SE Palmeiras e por equipes do Japão, e que um dos volantes da equipe campeã estaria sendo contratado por uma equipe profissional alemã após o campeonato. Cobertura impressa, inclusive, que difere muito daquela das décadas de 40, 50 e 60 descrita por SEABRA, quando os jornais dedicavam mesmo espaços para o anúncio de jogos de várzea, festivais, convites para campeonatos – fazendo o papel que hoje é delegado, cada vez mais, à internet. Escreve SEABRA: “O Dia, um dos jornais que circulavam em São Paulo, fez um apelo aos varzeanos na edição de 16 de março de 1957:

‘Alo varzeanos! voces é que mandam.

E há muita razão para isso. São vocês que aos sábados, domingos e feriados, se esfalfam pelos campos barrentos, cheios de lama, improvisados quase sempre esburacados, abandonados às margens dos rios, dos lagos e dos mais diversos sítios, até nos mais distantes lugares, em desconfortáveis condições obtidas em geral à custa de um ‘rateio’ para se empenharem: amador,

entusiasmo e fibra em partidas futebolísticas. E que partidas! As mais das vezes assombram, estarrecem, arrancam gritos frenéticos da torcida que se esparrama pelo derredor positivando um entusiasmo cheio de calor. Nem o chuvisco impertinente, nem a garoa gelada conseguem dominá-lo.

O mais completo sempre esteve aberto à vocês. Não havia porta, só passagem direta [...] pois bem, agora vamos ampliar nossa colaboração, sabem como? – passaremos a dar duas páginas claramente dedicadas à várzea [...] Como a várzea foi crescendo, forja imensa, forja colossal, um nunca acabar de produzir novos valores, renovando as gerações de futebolistas, é natural e compreensível nosso propósito.

Mas também notai: resultados dos jogos realizados até de terça-feira, o mais tardar. Escrito e bem escrito dando inclusive os quadros – primeiros e segundos vencedores – marcadores e tudo [...] Se escrito à mão, muito bem legível, preferivelmente à máquina com espaço duplo. Marcação de jogos, convites para jogar, devem chegar às nossas mãos (sempre bem legível) até as doze horas da véspera. E também esperamos visitas de vocês. Queremos contatos com os clubes. Mas não se esqueçam de marcar a visita. Vocês sabem quantos são os nossos clubes? Que infinidade. Que seria do reporter se todos viessem sem aviso prévio. Outra coisa, passem a dar mais fotografias. Mas mandem grande 18x24 senão não servirão para clichês.

Tita está a postos'

As mensagens subliminares também ajudam a compreender os contextos nos quais se inserem estas práticas que enredam o jornal, os grêmios e clubes pelos comunicadores da várzea. Havia certamente dificuldade de linguagem e escrita, de meios para comunicar os acontecimentos, em tempo hábil às redações. De todo modo, o esforço em fazê-lo com papel de embrulho dos balcões dos pequenos empórios e bares, mostra que já não era possível existir sem comunicação. A necessidade estava posta, e havia ainda outros personagens nesse enredo: os donos de bares, de vendas, de padarias. Muitos destes estabelecimentos eram sede de grêmios, guardavam inclusive taças.

A relação da imprensa com o amadorismo, onde se inseriam as práticas dos grêmios varzeanos de São Paulo, parece ter sido um dos elos fundamentais da várzea” (2003, pp. 370-372).

Cinquenta anos depois, em 2007, tal relação, que buscava acompanhar os conteúdos da metrópole de forma a transformar o jornal em mercadoria de consumo cotidiano, transformou-se de elo em raridade⁵⁶, ou melhor, em valor de troca – a forma e seus conteúdos tornaram-se espetáculo. Além de Kaiser e Brahma comprarem espaços nos jornais para divulgação de seus torneios, a final da Copa Kaiser foi transmitida ao vivo pelo canal de TV por assinatura BandSports. Contou com mais de 8 mil pessoas na “Arena Kaiser” e obrigou a Polícia Militar a fechar os portões do estádio após o início do jogo, fato que não acontece com o próprio Nacional AC há tempos⁵⁷. Em campo, o Grêmio Desportivo e Recreativo Danúbio, da Freguesia do Ó (zona noroeste), venceu o Esporte Clube Nápoli, da Via Industrial (zona sul), nos pênaltis, com arbitragem de Sálvio Spínola Fagundes Filho, cotado para ser o representante brasileiro na arbitragem da Copa do Mundo FIFA de 2010, na África do Sul. E assim terminou a “copa do mundo da várzea” de 2007, que é como a própria Kaiser chama seu evento – não sem certa razão, uma vez que é evento tão restritivo e exclusivo para uma elite quanto a própria Copa do Mundo FIFA de futebol profissional⁵⁸.

Tem-se nestes torneios, portanto, uma profissionalização do amador, uma especialização em

56 Dentro dessa raridade, se destacam os já citados anúncios em jornais de bairro e um programa de rádio apresentado aos domingos pela manhã, às 11h30, na Rádio Transamérica, onde se trata de futebol de várzea e para o qual equipes e ligas podem mandar anúncios a serem lidos no ar.

57 No segundo capítulo, “Espaços do Torcer”, reservo um espaço ao tema da rivalidade entre o Clube Atlético Juventus, da Mooca, e o Nacional Atlético Clube. Nele, abordarei melhor a questão sobre a (falta de) torcida do Nacional AC.

58 Desde 2003, existe em Liège, Bélgica, a *NF-Board*, ou *Nouvelle Federation Board*, entidade que agrupa países que não são aceitos no quadro da FIFA por não cumprirem os requisitos básicos referentes à existência de federações e ligas nacionais regulares de futebol. A entidade organiza uma Copa do Mundo própria, a *Viva World Cup*, cuja taça leva o nome de Nelson Mandela. Se a FIFA é responsável pela administração de uma enorme circulação de capital, a *NF-Board* convive com a realidade contrária: suas federações não são aceitas pela FIFA pelo simples motivo de não gerarem uma quantidade de dinheiro (seja em transmissões de jogos, seja em produção e venda de atletas, seja em venda de materiais esportivos) compensatória para a indústria da bola. Muitas delas criam campanhas de aceitação, como Zanzibar e a Groenlândia, país que não conta com um único campo de grama natural e onde só é possível jogar por dois meses do ano, devido ao frio. A maioria das federações da *NF-Board*, entretanto, evita criticar a FIFA com força. Se por um lado sabem que o esporte é um grande canal potencializador de vontades políticas, e por isso o usam como meio de expressar suas vontades por independência e reconhecimento, por outro não lhes restam no mundo do capital mundializado muitas alternativas que não passem por tentar se integrar a ele, mesmo na condição de dependência extrema.

uma forma de jogar transformada em totalitária pela mercadoria e pelo capital, patrocinador das competições – expressão da segregação espacial da e na metrópole. Retrato disso é a fundação, em 24 de março de 2006, da Abraliga - Associação Brasileira de Ligas Esportivas Amadoras. Esta entidade, segundo seu próprio anúncio de fundação, “(...)é uma entidade sem fins lucrativos e com objetivos de desenvolver ações sociais através do esporte em todas suas modalidades. Sua diretoria é formada por profissionais altamente qualificados e com compromisso em defender suas principais bandeiras: a moralização e revitalização do esporte, principalmente a do futebol amador, tão envolvida em péssimos gerenciamentos, que além de administrações incompetentes, transformaram os principais eventos esportivos, em interesses pessoais e de ganho fácil, ou seja, lucro em benefício próprio. A ABRALIGA vem resgatar a credibilidade para com os praticantes e investidores do esporte, em ações que priorizam a comunicação e transparência em suas ações e projetos. Com a adesão das principais ligas e associações esportivas, a ABRALIGA nasce forte, acreditando que a proposta da entidade vem ao encontro de seus interesses, assim como das equipes filiadas. Fortalecer ligas, equipes, através de projetos, beneficiando por igual a todos e a sociedade organizada é de fato aquilo que mais interessa a ABRALIGA. A entidade recém fundada já está credenciada em gerenciar, dando seqüência em sua segunda edição, no maior evento de futebol amador patrocinado por uma grande empresa, além de revitalizar alguns eventos que foram abandonados pela incapacidade de terceiros e para tanto necessita de apoio empresarial e de pessoas sérias e competentes. A ABRALIGA abre espaço para filiação de outras ligas e/ou entidades esportivas, sociais e culturais, para desenvolver em conjunto, ações e projetos que venham beneficiar toda a sociedade” (http://www.stiesporte.com.br/notic_con.asp?arquivo=706090601.htm, acessado em 06/08/2008 às 17h25, grifo meu). O evento sublinhado é, na verdade, a própria Taça Brahma, renomeada, conforme já dito, como I Taça São Paulo de Futebol Amador.

A estampa dos logos de Kaiser e Brahma, inclusive, imprime às equipes que já participaram ou participam de tais torneios um certo respeito, lhes confere *status quo*, cria uma imagem de equipe boa tecnicamente e organizada, até porque para participar destes torneios tem-se gastos

consideráveis, impensados para equipes fracas e desorganizadas – de certa forma, as logomarcas são sinônimo de organização, que por sua vez é sinônimo de qualidade técnica, numa lógica formal típica do próprio mundo do trabalho e da mercadoria. Simultaneamente, à margem de tais campeonatos seja pelos constrangimentos normativos e espaciais, seja pelo constrangimento financeiro, seja pela falta de organização interna (voluntária ou não), a imensa maioria das equipes da várzea paulista(na) acaba por dar preferência às disputas regionais e aos amistosos de todo fim de semana, menos dispendiosos de tempo, dinheiro, tensão. Porém, há ainda um campeonato de escala metropolitana que imprime muito menos constrangimentos aos seus participantes, e com isso atrai equipes cujo conteúdo é muito mais diferenciado: os Jogos da Cidade de São Paulo, organizados pela Prefeitura do Município de São Paulo.

É sobre este campeonato, disputado pelo Autônomos FC em 2007 e 2008, e sobre outro torneio de futebol amador (*society*) mediado pelo Estado, a Copa SEME InterEmpresas, que esta pesquisa tratará a seguir.

2.6 Jogos da Cidade e “Arena do Vale”: a mediação estatal

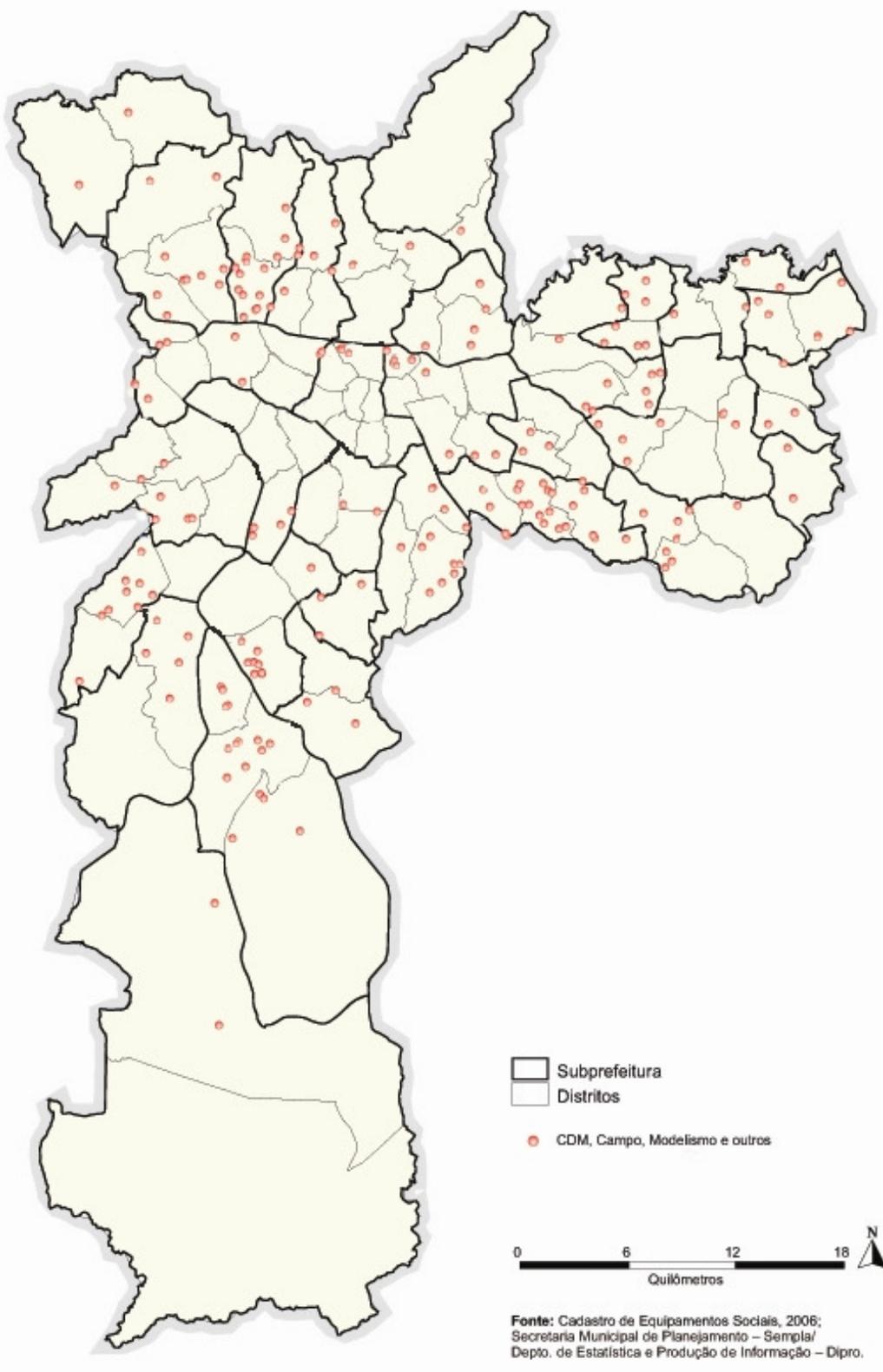
Tendo a Prefeitura como principal organizadora e mediadora, mesmo que em conjunto com parcerias privadas, os Jogos da Cidade de São Paulo abarcam diversas modalidades esportivas e são, assim como as outras competições já abordadas e a FutLiga, subdivididos de acordo com as Sub-Prefeituras da cidade. Sendo assim, toda agremiação que desejar disputá-los precisa apenas preencher um cadastro com seu endereço de sede – que não precisa ser reconhecido em cartório, podendo ser a casa de alguém – e a lista de jogadores a participar de cada modalidade, junto com uma cópia do RG e do CPF. Em 2007, fez-se também a exigência de uma cesta básica para cada agremiação, independentemente de quantas modalidades iriam disputar.

Sem restrições a atletas profissionais, no futebol de campo o regulamento da competição é

bastante simples (anexo V), permitindo a qualquer pessoa acima de 18 anos, mesma limitação etária da Copa Kaiser e da Taça Brahma, participar. E, assim como tais competições, estrutura os jogos partindo das etapas regionais, dentro de cada Sub-Prefeitura, para uma etapa final com os campeões de cada região.

Os campos utilizados são os dos CDMs, uma vez que estes têm caráter público de concessão de gestão privada (conforme o anexo VI). E a organização se dá de forma descentralizada, com cada Sub-Prefeitura decidindo a tabela de jogos de sua região, embora todas contem com a supervisão da Secretaria Municipal de Esportes (SEME). A figura 16 traz um mapa de todos os CDM's da cidade de São Paulo.

Figura 16 – Mapa de localização dos CDMs da cidade de São Paulo



(fonte: <http://sempla.prefeitura.sp.gov.br/mapasedados.php> - acessado em 21/04/2009 -

adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Em 2007, a inscrição das equipes nos Jogos da Cidade foi delegada a um sítio particular na internet, o *eCampeonatos*⁵⁹, de caráter similar ao da FutLiga. Em 2008, a própria prefeitura organizou os jogos, também via internet, através de um sítio próprio⁶⁰ onde publicaram-se as tabelas, os endereços dos campos, as equipes, as infrações ao regulamento e suas respectivas punições (tão severas quanto as da Copa Kaiser, excluindo-se a punição por utilização de atleta profissional, já que esta é permitida nos Jogos). Em ambos os anos, o único contato presencial entre equipes e organização se deu na entrega das listas de jogadores e documentos e, mais à frente, nas finais de cada modalidade, onde diversos políticos da cidade estiveram presentes.

Em ambos os anos, também, a falta de informações foi uma constante. Em 2007, o McDonald's, rede multinacional de lanchonetes *fast-food*, assumiu o patrocínio e a publicação das informações durante os jogos, em sítio na internet bastante desatualizado e que hoje já não existe mais – ou seja, ao que parece não serviu à propaganda da empresa como esta gostaria. Em 2008, o sítio da Prefeitura teve um funcionamento bastante complicado, com muitas variáveis e poucas informações, e está constantemente desatualizado. Telefonemas para as Sub-Prefeituras e mesmo para a SEME não adiantaram muito, com informações desencontradas. E a fórmula de disputa do torneio de futebol de campo nunca foi explicada às equipes, de forma que não se sabia se aquele jogo seria o último, se era necessário vencer, por qual diferença de gols etc.

A mediação estatal, enfim, resumiu-se a disponibilizar os campos (ainda assim, com cancelamentos em cima da hora) e a arbitragem e a publicar (nem sempre e com bastante inconstância) os resultados e anunciar os classificados à fase seguinte. Em campo, as reclamações das equipes quanto a tal desorganização era constante, uma vez que eram cobrados quanto a cumprir o regulamento mas não tinham resposta de acordo com a cobrança. Baseada numa relação de prestação de serviços de qualidade baixa, a organização dos Jogos segue a mesma linha dos serviços públicos – e dos privados que não são destinados aos ricos – em geral: pouca informação,

59 <http://www.ecampeonatos.com.br/>

60 <http://www.jogosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/>

péssimo atendimento, personalização das decisões (a SEME tinha em 2008 três funcionários responsáveis por decidir todos os imbróglis do campeonato, e as Sub-Prefeituras delegavam aos estagiários o andamento dos documentos e notificação das equipes e da arbitragem quanto aos jogos), arbitrariedade não-explicada no processo de condução do campeonato. Ao estabelecer uma relação de prestação de serviços com as equipes, o Estado impõe mais uma vez a lógica da mercadoria aos espaços, da compra e venda, do consumo e não do uso. É a relação de trabalho mais uma vez sendo transposta para a esfera do lazer.

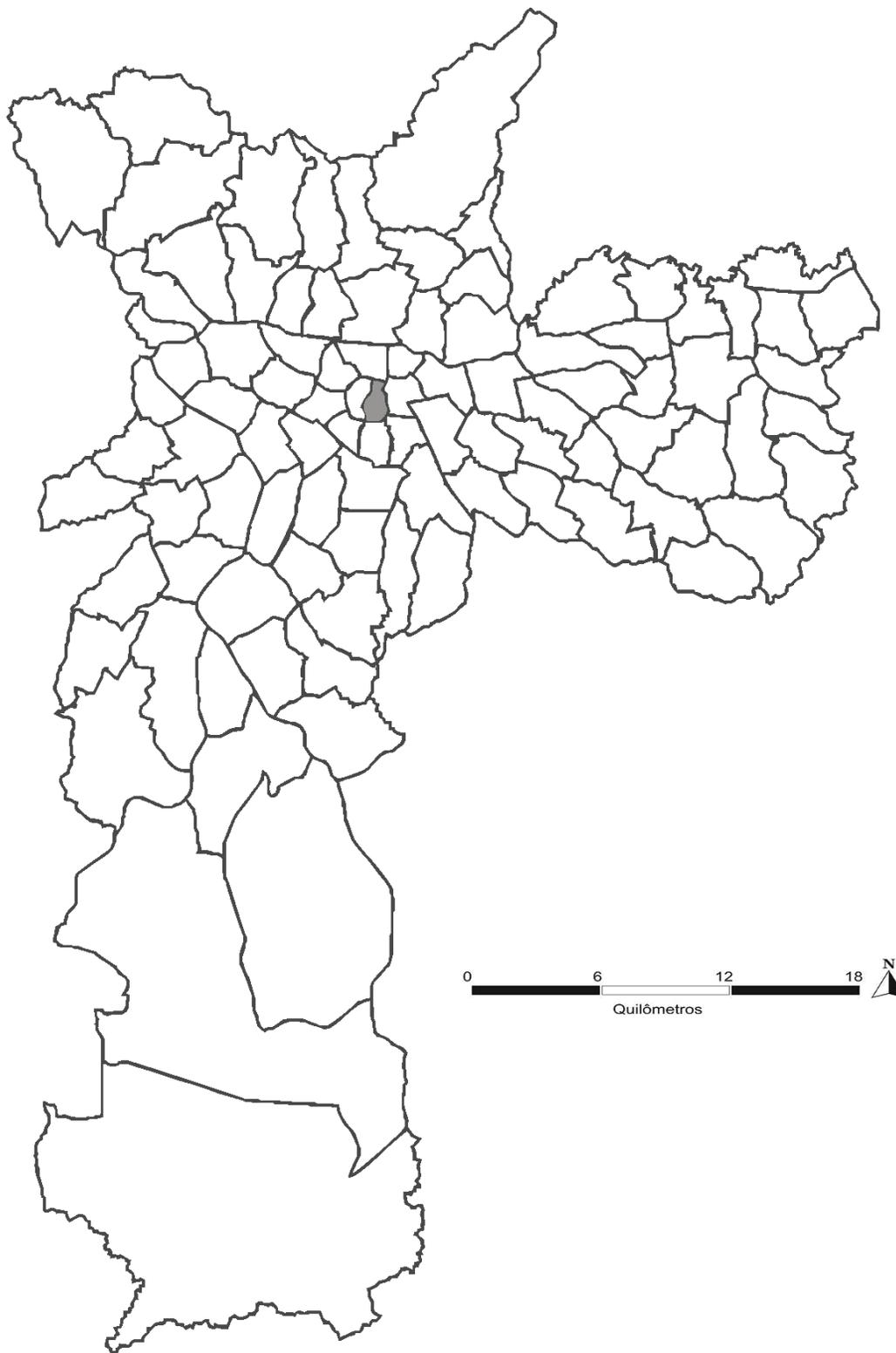
A Copa SEME InterEmpresas, disputada em 2007, seguiu a mesma linha. Campeonato de futebol *society* destinado apenas aos trabalhadores (era necessário apresentar carteira de trabalho ou holerite para jogar) realizado em parceria com a FPF7S, a disputa destacava-se mais pelo local dos jogos: em pleno Vale do Anhangabaú, distrito da Sé, em frente à agência central dos Correios, ergueu-se uma quadra de futebol *society* nomeada de “Arena do Vale”, desnivelada por conta do terreno irregular do local e cercada por redes e por uma pequena arquibancada (figuras 17 e 18).

Figura 17 – Foto de divulgação da Arena do Vale



(fonte: www6.prefeitura.sp.gov.br – acessado em 12/09/2008)

Figura 18 – Localização do distrito da Sé, na zona central de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

A organização da Copa abriu o número de equipes participantes ao infinito. Assim, foram formados 55 grupos de 4 equipes, sendo que seriam realizados jogos em todos os dias da semana entre 19h e 22h (ou seja, fora do horário de trabalho) e aos sábados durante o dia todo. Essa estrutura fez com que o Autônomos FC, inscrito na competição apenas com os jogadores que tinham emprego, jogasse uma partida em junho, outra em julho e outra apenas em agosto.

A Arena do Vale também abrigava torneios de futebol feminino⁶¹, entre motoristas de táxi e entre motoboys. E, por sua localização propositalmente central, atraía inúmeros transeuntes para assistir as partidas, juntando pequenas multidões de todo lado da metrópole que tem o centro como lugar de passagem e também atraindo inúmeros moradores de rua da própria região central. Este fato levava, inclusive, aos seguranças da quadra a permitirem, durante as tardes, seu uso por crianças de rua, divididas por coletes de cores diferentes, e rapidamente expulsas caso fizessem algo considerado como afronta pelos próprios seguranças. Um espaço tipicamente central no urbano de uma metrópole, periferizado⁶² pelo próprio movimento de valorização/desvalorização promovido pela especulação imobiliária na cidade.

O futebol, portanto, que sempre esteve às voltas com o trabalho, tanto na discussão entre amadorismo e profissionalismo quanto na transposição gradual das relações de trabalho (e de consumo) para os espaços de lazer que acompanham a metropolização da cidade, expressa através da mediação estatal – mediação que produz um semi-“elefante branco” (a Arena do Vale) no Anhangabaú da cidade para propagandear-lo como grande obra social de revalorização e resgate do centro – o quanto este processo leva o jogo de volta ao seu lugar de origem: o local de trabalho. Só que, se no seu começo na Inglaterra da Revolução Industrial, eram nas fábricas e nos bairros operários que trabalhadores se organizavam em equipes distintas para jogar futebol de campo durante seus momentos de lazer, de ócio, de uso do espaço urbano, hoje é majoritariamente nas

61 Torneios que, em termos de futebol amador, foram os únicos que encontrei durante a pesquisa. Já em termos de *futsal*, o feminino está presente também nos Jogos da Cidade e em torneios entre colégios ou universidades. Sobre isso e sobre a (ausência da) mulher no sistema do futebol, aponta-se a necessidade de uma outra pesquisa.

62 SEABRA, 2004, p. 283.

empresas prestadoras de serviço (escritórios públicos e privados, lojas de departamentos, supermercados etc), ou seja, no terceiro setor da economia, que surgem as equipes – ou o suporte financeiro que as possibilita – de *futsal* e futebol *society*, compostas majoritariamente por moradores das periferias que se organizam para, em seus momentos de lazer, consumir – e não usar – cada vez mais os espaços de jogo, estabelecendo relações de troca e transpondo a moral do trabalho (competição, vitória a qualquer custo) para tais espaços.

E, se na metrópole, o espaço-tempo do trabalho consome o cotidiano e o cotidiano transforma gradativamente todos os espaços em espaços-tempo do trabalho, foi não coincidentemente em meu local de trabalho que vivi a experiência mais exemplar da relação entre um controle espacial normatizador herdado do futebol profissional e um jogar tão amador que beira quase o espontâneo.

2.7 Do trabalho ao trabalho

No final de 2007, a comissão de qualidade de vida (emblematicamente) de meu local de trabalho organizou um campeonato interno de *futsal*, a ser disputado no SESC Consolação em dois sábados distintos. Como era meu primeiro ano de trabalho e a maioria de minhas companheiras eram mulheres (e não se permitiam times mistos), precisei de muito boca a boca para conseguir encontrar outros trabalhadores dispostos a jogar. Montado e inscrito o time com 10 jogadores (4 deles estagiários), um reserva para cada posição, restou esperar o dia da competição começar.

Chegado o dia, todas as equipes precisavam comparecer à quadra logo pela manhã para ser realizado o sorteio, já que muitos times eram formados por trabalhadores de outras cidades (o campeonato era estadual) e não havia como organizar previamente a tabela de jogos. Conheci a maioria do meu time ali, na hora, assim como na hora soubemos que metade dos 10 inscritos não viria e que faríamos o primeiro jogo, abriríamos o torneio.

Antes de começar o jogo, porém, já se deu a primeira complicação: os administradores do SESC Consolação exigiam de todos os jogadores o uso de caneleiras e de tênis específicos para *futsal*. Estava colocado um primeiro constrangimento, rapidamente resolvido através da solidariedade das equipes que esperavam sua vez de jogar e emprestaram seus equipamentos. Iniciado o jogo, entretanto, um constrangimento ainda maior se fez: quase ninguém nos dois times conhecia as regras oficiais do jogo, e os juízes (contratados junto à FPFS) faziam questão de aplicá-las à risca. Assim, o jogo parava a toda hora por conta de alguma infração à regra.

Aos poucos, o que era pra ser um jogo espontâneo entre dois times quase espontâneos tornava-se um jogo amarrado entre pessoas receosas de jogar como queriam para não infringir a regra. Controlavam seus corpos e suas mentes para agir “corretamente”, dentro das regras.

Impossível visualizar transposição mais cruel de um ambiente de trabalho àquele momento, que deveria ser de lazer. Tudo em nome do “bom andamento” (entenda-se a padronização) do campeonato, mesmo que isso significasse o sacrifício do prazer dos jogadores. A qualidade de vida servira mesmo apenas para nomear a comissão.

Em escala muito maior, é essa a relação que se estabelece quando as instituições que controlam ou organizam os jogos e disputas do futebol amador são as mesmas que dirigem o futebol profissional, ou tentam agir como estas – ou seja, agir de acordo com o urbano industrial enquanto ideologia. Estabelece-se um nível de controle que praticamente impede o espontâneo, molda desde cedo os corpos e as mentes. Se no passado se falava de profissionalismo “marrom” para denunciar os atletas amadores que recebiam incentivos para jogar, hoje tal prática, mais do que aceita, é buscada e, muitas vezes, necessária para a existência dos jogos. O lazer, definitivamente, perde-se em meio ao trabalho e ao consumo.

Este controle começa a se dar cada vez mais cedo, desde as chamadas “categorias de base” dos clubes profissionais. Com 12 anos, o garoto que não frequenta uma escolinha de futebol (função cada vez mais delegada ao futebol *society*, com o estabelecimento de parcerias entre os clubes profissionais e as empresas gestoras das quadras) dificilmente terá aos 16 a chance de se tornar um

atleta profissional⁶³. Isso leva, gradativamente, a uma elitização do futebol, tanto amador quanto profissional, uma vez que são poucas as famílias que podem sustentar escolinhas desde cedo para seus filhos. É aqui que entra a figura dos empresários de futebol, que nada mais são do que investidores liberais que investem no desenvolvimento de um produto⁶⁴, no caso, um jogador de futebol. Assim, todo ano milhares de garotos saem de seus países de origem rumo ao início de uma precoce vida de trabalho, muitas vezes com seus pais atraídos por ofertas de empregos – a versão contemporânea do profissionalismo “marrom”, usada para burlar as normas esportivas e trabalhistas quanto à idade em que um jogador pode ser contratado enquanto profissional.

Como todo garoto que joga futebol, eu sempre quis me tornar um profissional. Fiz testes em clubes grandes (as chamadas “peneiras”), mas nunca entrei numa rotina que fosse capaz de me colocar no caminho do profissionalismo. No início de 2008, porém, uma brecha no sistema do futebol profissional me permitiu conseguir um registro de atleta profissional, mesmo sem nunca ter exercido a profissão por clube algum. Animado, mesmo muito acima da “idade limite” (estabelecida social e endemicamente) para adentrar o profissionalismo, pensei que no mínimo a experiência serviria como trabalho de campo para esta pesquisa. E foi exatamente o que aconteceu.

Durante três meses, entrei em uma rotina de exercícios físicos e ligações para pequenos clubes do interior do estado e mesmo da metrópole em busca de testes – criei até um apelido “de jogador”, Danilo “Magrão”. Consegui poucos retornos, a maioria quando me fiz passar por meu próprio empresário, criando uma imagem mais profissional, mas no final passei por três testes em clubes diferentes, todos prestes a iniciar a disputa da Segunda Divisão do Campeonato Paulista de Futebol.

No primeiro, feito pelo Sport Club Atibaia, realizado na cidade de mesmo nome em um *resort*, ou seja, um espaço de consumo do lazer, fui colocado para treinar com a equipe sub-18. Em

63 Como o disciplinamento de corpo e mente aparece com força tanto no jogar quanto no torcer, deixei para as considerações finais um detalhamento maior desta dimensão do futebol contemporâneo na metrópole.

64 Neste ponto, cabe um debate entre qual a categoria (marxista) em que se encaixa o jogador de futebol: trabalhador ou mercadoria? A meu ver, ele carrega traços de ambas, sendo bastante difícil defini-lo enquanto uma ou outra.

poucos minutos, percebi que não era páreo para a preparação física, técnica e mental daqueles garotos. Mal peguei na bola. Ao final, o treinador pegou meus contatos dizendo que retornaria caso interessasse. Exatamente como em uma entrevista de emprego qualquer.

O segundo teste, do São Vicente Atlético Clube, foi ainda mais constrangedor: após deslocar-me para São Vicente a pedido de um dos diretores da equipe, quase fui barrado na entrada do Clube dos Funcionários da COSIPA, indústria siderúrgica com instalações no litoral paulista, onde seria feito o teste, porque não tinha feito um cadastro prévio na sede do São Vicente AC. Após explicar que vinha de São Paulo, pude “participar”: fui colocado para jogar, junto com o único outro jogador acima dos 23 anos, por 10 minutos, já no final do treino, sem substituir ninguém – ou seja, os dois times ficaram com 12 jogadores em campo, 1 a mais do que o convencional. Neste teste, pude conversar com garotos de 16 anos, que diziam que foram convidados para jogar por uma equipe profissional do Rio de Janeiro, mas que negaram porque o contrato era de apenas 3 meses recebendo R\$ 500,00 e, depois, estariam de novo sem ter onde jogar, o que não era bom para suas “carreiras”. Com 16 anos, já precisavam tratar o futebol como emprego⁶⁵.

O terceiro teste foi mais longo, durou dois dias e nele pude me sentir mais à vontade. Feito pela Associação Desportiva Guarulhos, clube que estava sem recursos financeiros, em Guarulhos, no campo de uma equipe amadora da cidade, a Associação Atlético Macedo, que já disputou campeonatos profissionais no passado, nele eu não era o único jogador acima dos 23 anos (idade máxima permitida para as equipes da Segunda Divisão, podendo cada uma contar com apenas 3 atletas acima desta), não sendo um assombro para todos quando dizia minha idade. Ali, tive muitas conversas, todas envolvendo histórias de garotos que jogavam em clubes desde a infância mas que em algum momento da vida tinham parado, ou por problemas médicos ou por problemas financeiros, e que agora tentavam um regresso, mesmo sabendo da dificuldade. Se nos outros testes

65 A Revista Carta Capital, em sua edição de número 521, ano XV, datada de 12 de novembro de 2008, traz entre as páginas 10 e 14 reportagem intitulada “Vida de Gado”, na qual denuncia maus tratos e exploração de jogadores menores de idade iludidos por empresários e levados para locais sem a infra-estrutura ou a alimentação básicas necessárias. No discurso dos jogadores, apesar das denúncias, há sempre uma moral do sacrifício por um sonho, por uma carreira.

o ambiente nos vestiários era de desconfiança mútua, de competição, neste as coisas eram um pouco mais leves, permitindo-se criar alguns laços de amizades. No final, acabaram quase todos dispensados, uma vez que o clube em questão havia conseguido firmar uma parceria com empresários que colocariam parte dos seus atletas para jogar ali e em compensação pagariam seus salários do próprio bolso. Dos três testes, este foi o único realizado em um campo de futebol de várzea, em um bairro de periferia.

Tais experiências me ajudaram a entender um pouco melhor o lugar do futebol no imaginário de um garoto que começa a encarar a vida e a necessidade de trabalhar.

Primeiro, deixaram claro que, ao contrário do que se cultiva no senso comum, os jogadores que despontam como craques do profissional dificilmente são oriundos das periferias mais miseráveis. Ali, o futebol nem sequer faz parte das possibilidades de um cotidiano tão cheio de constrangimentos e conflitos. O garoto que chega ao profissional é normalmente aquele que desde cedo tem estrutura (familiar, psicológica, comportamental, social, econômica) suficiente para se centrar neste objetivo. Além disso, é também aquele que teve a sorte de não sofrer uma contusão grave quando jovem, ou de não ter sido deslocado de seu objetivo por alguma outra razão, econômica, social ou de outra ordem – ou seja, há a mesma sobredeterminação do econômico que age nas outras categorias de trabalhadores.

Segundo, a falta de emprego aparece com força tão grande na metrópole que o futebol aparece como única – ou quase única – possibilidade de ascensão social veloz o suficiente para acompanhar o imediatismo do cotidiano. Assim, desde cedo cria-se uma cultura individualista, própria da competição, do mundo do trabalho, de ter de vencer outros milhares para chegar ao profissionalismo.

Terceiro, o sistema do futebol aparece no urbano cada vez mais através de serviços que, direta ou indiretamente, estão ligados a ele e à sua dimensão de trabalho com alta remuneração e prestígio (escolinhas, empresários, peneiras, lojas de equipamentos, universidades e cursos específicos etc) ou à sua dimensão de lazer consumível, como já foi dito. Neste sentido, descobri,

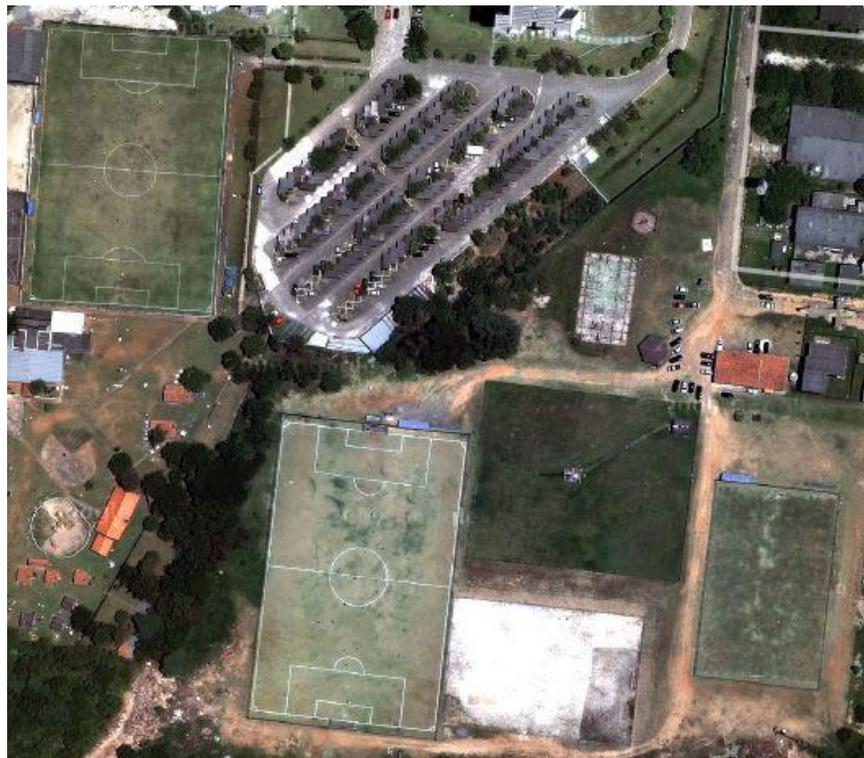
por fim, mais um serviço prestado através de sitio na internet e que se destina a jogadores, técnicos, clubes e empresários: o Olehh⁶⁶, cujo *slogan* é “jogando com você – aproximando talentos do futebol, jogador, empresário, técnico, clube”. Cadastrando-se no site, após preencher dezenas de dados que servem como currículo, pode-se incluir vídeos de si próprio e anunciar ou buscar anúncios por jogadores, amadores ou profissionais, e por peneiras. Alguns recursos, porém, estão abertos apenas aos assinantes, que pagam por mês pelo serviço – havendo uma diferenciação no preço para atletas amadores (mais barato) e profissionais (mais caro). Foi neste site que consegui meu quarto teste como profissional, de longe o mais organizado e com maior caráter de consumo de um serviço, bastante próximo ao de uma agência de turismo⁶⁷.

Tal teste se realizou em São Paulo, capital, no Parque de Material Aeronáutico de São Paulo (PAMA – figura 19), e era válido para o time principal do Volta Redonda Futebol Clube, da cidade de mesmo nome no Rio de Janeiro. Era um teste aberto a todos os jogadores nascidos entre 1979 e 1991, algo bastante incomum, já que a busca por novos jogadores no futebol profissional normalmente faz um recorte por faixa etária que hoje começa nos 12 e termina nos 23 anos, sendo que neste caso, por se tratar de uma busca por jogadores para o time principal, e não para as categorias de base, restringiria essa faixa ainda mais. O local do teste, que se localiza no distrito da Casa Verde, zona norte de São Paulo (figura 20), é guardado por oficiais da aeronáutica, sendo necessário apresentar a identidade e dizer o motivo de sua visita para entrar no parque.

66 www.olehh.com.br/

67 O link <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2008/11/28/ult59u179381.jhtm> traz outro exemplo desse tipo de “peneira de elite”, onde se paga por uma chance de estudar em uma universidade norte-americana e atuar no futebol universitário de lá.

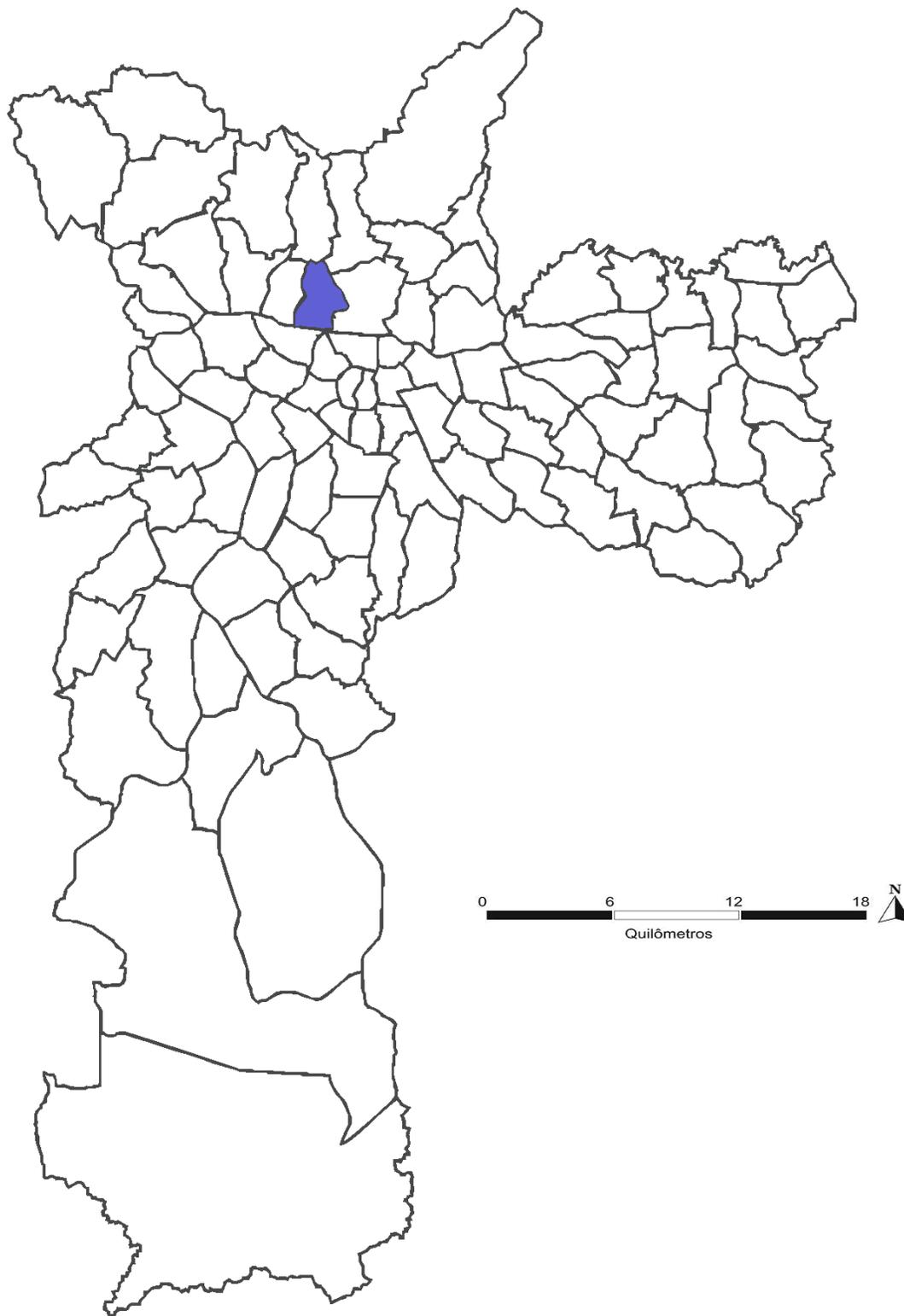
Figura 19 – Foto aérea do Parque de Material Aeronáutico de São Paulo (PAMA), na Avenida Braz Leme, 3258, na Casa Verde, zona norte de São Paulo



Escala: 1:5000

(fonte: maps.google.com.br – acessado em 21/06/2008 – adaptada por Danilo H. V. Cajazeira)

Figura 20 – Localização do distrito da Casa Verde, na zona norte de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Uma vez lá dentro, percebe-se que tal Parque conta com uma área enorme, já que abriga hangares e aviões, em meio a qual estão diversos campos de futebol cercados por espaços vazios. O campo onde o teste foi realizado é de longe o melhor campo em que já joguei futebol durante toda a vida. O teste começou com a chamada dos participantes, um a um, para assinatura de um termo de compromisso quanto às suas condições de saúde e entrega de um colete numerado de acordo com a posição escolhida na inscrição. Algumas posições, porém, tinham jogadores a mais, o que fez com alguns dos participantes fosse improvisado em outra posição.

Uma vez no campo, após fotos individuais de cada jogador com seu colete, a fim de identificá-los posteriormente, teve início um leve aquecimento comandado por um profissional de educação física, seguido de orientações sobre o caráter de companheirismo que deveria reinar durante a avaliação, sem entradas duras ou perigosas de um sobre o outro, sendo expulso do teste aquele que desrespeitasse isso. Antes de começar a jogar, ouvimos ainda conselhos de um dos donos do Olehh, que era ex-jogador profissional aposentado por contusão médica.

Durante o teste, acompanhado por dois profissionais do Volta Redonda responsáveis por selecionar os aprovados, aqueles jogadores que estavam deslocados de posição tiveram oportunidade de mudar com outros para atuar por algum tempo em sua posição de preferência – afinal, tinham pago para aquilo. Nos intervalos, água, barras de cereais, frutas e isotônico eram distribuídos a todos.

Ao final do teste, todos os jogadores foram dispensados, sendo informados de que o resultado seria dado através do sítio na internet e de seus emails pessoais. Uma forma de evitar o constrangimento dos não aprovados, mantendo mais uma vez a boa imagem necessária em uma relação de prestação de serviços. E fomos aconselhados a não desistir, já que em breve o Olehh abriria vagas para uma nova peneira, dessa vez para o Guarani Futebol Clube, da cidade de Campinas, clube que atravessa grave crise financeira alardeada a todo tempo pela mídia especializada, e a buscar melhorar nosso condicionamento físico, que aos olhos dos profissionais que aplicaram o teste era péssimo.

Conversando com outros participantes do teste, pude constatar dois perfis: o primeiro, o do garoto que nunca esteve em qualquer categoria amadora ou próximo a um clube profissional, ou mesmo em alguma escolinha de futebol; o segundo, o do jogador que já tentara testes em diversos lugares e, necessitando trabalhar, havia desistido do futebol e procurado outro emprego. A fala de um deles foi emblemática: questionava como podia melhorar seu condicionamento físico se morava na zona leste, acordava 5h da manhã para trabalhar na zona sul, de lá ia para a faculdade na zona central da cidade e chegava em casa por volta de meia-noite, indo dormir perto de 1h da manhã. “Só se eu for correr entre 1h e 5h”, disse, em um tom misto de ironia e sarcasmo.

O Olehh representa, em verdade, o ponto final imposto pela metrópole no sonho de qualquer jogador de futebol fracassado na sua tentativa de profissionalização, transfigurado na imagem de uma última oportunidade (de emprego) sendo vendida enquanto serviço. A maioria dos participantes ali tinha noção de que quase nenhum deles estava apto a ingressar no futebol profissional, mas mesmo assim tinha esperanças em receber o email informando de que tinha sido aprovado⁶⁸.

De certa forma, portanto, a trajetória que descrevi pelos espaços do jogar da cidade me permitiu entender que o futebol contemporâneo na metrópole comporta diferentes formas de jogo, mais ou menos atravessadas pelo mundo do trabalho, quase sempre orientadas enquanto mercadoria, criando espaços muito mais consumidos e controlados pelo valor de troca do que ocupados pelo valor de uso. O sistema do futebol, assim como o urbano, implodiu e explodiu, e os espaços do jogar descrevem diferentes geografias simultâneas na metrópole, que se cruzam, se imbricam, se opõe, se fragmentam dialeticamente, em relação de conformação e conflito, ao mesmo tempo, com o capital industrial, e com isso estratificam o jogar da mesma forma que HOBBSAWN

68 Tendo mantido contato com um outro participante do teste que foi aprovado, pude saber que os aprovados foram convocados para uma segunda etapa a ser realizada em Volta Redonda, durante uma semana. Como boa parte destes tinha outro emprego, acabaram desistindo de participar, já que a ida não significava um contrato de trabalho assinado, e sim apenas a continuação de uma possibilidade em troca da possível perda do emprego já conquistado..

descreveu a estratificação da classe operária colocada na introdução desta pesquisa⁶⁹. Disso resulta uma crescente elitização do jogar, cada vez mais possível para menos pessoas, aprofundando a separação entre praticante e espectador⁷⁰.

No meio dessa separação é que se encontram os clubes de futebol profissional e seus grandes espaços centrais do jogar. Estes se desdobram em espaços do torcer, herdeiros diretos do futebol amador e dos clubes de bairro e atravessados pela espetacularização do jogo que acompanha a espetacularização da sociedade e que, aos poucos, faz com que aquele que torce tenha cada vez menos a experiência do jogar. É por conta desta imbricação que percebi ser, do ponto de vista de uma pesquisa que procura entender a relação entre o sistema do futebol e a metrópole, desejável investigar tais espaços a partir destes desdobramentos, uma vez que durante a investigação veio à tona que os processos ligados ao urbano expressos nestes espaços atuam, controlam, normatizam, aparecem muito mais no torcer do que no jogar, embora este seja, dialeticamente, peça fundamental daquele – além de ter encontrado nestes espaços do torcer um lugar entre a instituição e o instituído privilegiado para a análise.

69 Até mesmo aos “excluídos” do urbano, moradores de rua, é destinado um espaço fragmentado da metrópole apropriado pelo capital através principalmente da estrutura das organizações não-governamentais (ONGs) para jogar futebol: é a Copa do Mundo de Futebol de Rua (ou *Homeless World Cup*, nome oficial), que integra o programa oficial da Copa do Mundo FIFA, disputada em 2003 na Áustria, em 2004 na Suécia, em 2005 na Escócia, em 2006 na África do Sul, em 2007 na Dinamarca e em 2008 na Austrália. Sobre esta competição, há um filme argentino bastante ilustrativo: “A Outra Copa”, de Damián Cukierkorn, feito em 2006 e que acompanha a trajetória da seleção argentina de futebol de rua na preparação para e participação na Copa do Mundo de 2004, na Suécia. Entre as inúmeras situações inusitadas mostradas no filme, duas merecem destaque para esta pesquisa: primeiro, o fato da seleção italiana, que se sagrou campeã, ser formada por brasileiros, argentinos e uruguaios que, imigrantes, acabaram por terminar vivendo na rua; segundo, o fato de mais da metade da seleção argentina não ter podido embarcar para a Copa por possuir antecedentes criminais. Aí está o urbano constringendo novamente os já mais do que constringidos. O sítio na internet, em inglês, da competição é <http://www.homelessworldcup.org/>

70 Esse movimento possibilita, contraditoriamente, a recriação dos campos de várzea, mesmo que agora não mais majoritariamente nas várzeas de rios, nos lugares onde o urbanização ainda “não chegou”, as periferias. Um processo que se assemelha ao descrito por Ariovaldo Umbelino de Oliveira ao falar da recriação do campesinato dentro do processo de produção e reprodução do capital, numa analogia deste pesquisador livremente inspirada nas aulas das disciplinas de Geografia Agrária I e II deste departamento, notadamente.

3. Segundo Tempo: Espaços do Torcer

Se o movimento de explosão e implosão do urbano que acompanha o crescimento da metrópole fez com que pouco a pouco o sistema do futebol ligado aos clubes de bairro fosse minguando e se transformando, com tais clubes fechando e seus campos sendo apropriados pelo capital imobiliário em seu processo de produção e reprodução do urbano ou, quando muito, transformados em CDMs, tais mudanças não excluíram por completo as raízes já profundas da estrutura do sistema do futebol. Desse modo, o fato de datarem da mesma década de 60 o fechamento da Associação Atlética Açucena, clube estudado por SEABRA, e o surgimento do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida, primeira torcida organizada de São Paulo, não pode ser tratado como mera coincidência. Escreve SEABRA: “são inumeráveis os casos que ficaram registrados na imprensa sobre agremiações que, ao final dos anos sessenta, declaravam encerramento de suas atividades face à falta de campo de jogo, sendo que eram igualmente numerosos os times que se ofereciam para jogar com quem tivesse campo. Foram esses os times e clubes que integraram o movimento livre que o futebol, essencialmente lúdico, descrevera na base da vida social em São Paulo, por volta, pelo menos, de meio século” (2003, pp. 420-421). No caso do Açucena, após perder o campo, “(...) o futebol do Açucena teria que seguir para o profissionalismo, o que naturalmente implicaria numa estruturação muito diferente do clube”, o que explica o fato de que “(...) a correlação Bairro-clubes tinha limites estruturais tanto quanto têm os bairros para se reproduzirem na metrópole” (2003, p. 422).

Ainda SEABRA: “havia, de fato, um processo real de acomodação dos pobres no espaço da metrópole. Eles se moviam (e continuam se movendo) à procura de lugar e esse foi o período de maior crescimento das favelas, tanto porque a migração para São Paulo apresentava taxas crescentes, como pelo empobrecimento que resultava da concentração de rendas no início dos anos setenta (...) Arrisco concluir que não havia mais a gratuidade do tempo, nem de talentos que garantissem o fluxo de sentido que fora a seiva capaz de reunir a todos num único projeto. A esta

escassez, costuma-se nomear: falta de base social” (2003, p. 424).

A esta falta de base social, se pode adicionar um elemento político importantíssimo da época: vivia-se sob a ditadura militar, onde qualquer tipo de agrupamento poderia ser tido como suspeito e detido. Como explicar, então, o surgimento das torcidas organizadas de futebol, grandes agrupamentos sociais, exatamente nesta época? Voltemos ao futebol de várzea.

O sistema do futebol havia criado na periferia um movimento duplo: o de participar de um clube de bairro e o de torcer para um clube profissional. Se o jogador de várzea tinha, por um lado, o sonho do profissionalismo, este era um sonho cujo salário da época não resolvia por completo: “sobre o profissionalismo no Açucena, muitos foram os casos do devotamento a um grêmio, a um grupo de pessoas, às suas lutas e projetos que o profissionalismo, como salário, não pôde resolver exatamente porque o jogador não conseguia e mesmo não podia deixar seus ofícios” (SEABRA, 2003, p. 410). Torcer, no entanto, era atividade que não limava esta participação na vida do bairro e, mais ainda, permitia a “conquista” da cidade, de suas centralidades, o encontro com o outro, cada vez mais limitado pelas inúmeras regulamentações e taxas que desde 1930 atingiam o futebol amador. Se amadorismo e profissionalismo, a partir de certo momento, “espelhavam-se negativamente” (SEABRA, 2003, p. 409), este espelhamento se dava muito mais no âmbito do jogar do que no do torcer – este se separava aos poucos daquele.

Desta forma, o movimento de fechamento dos clubes de várzea deu vazão ao movimento de crescimento do número de espectadores nos jogos profissionais. Se entre 1950 e 1959 registrou-se 28 vezes um público maior do que 100.000 pessoas nos estádios brasileiros, entre 1960 a 1969 foram 48 vezes, e entre 1970 e 1979, 100 vezes⁷¹. O futebol de campo, ainda mais após o início do televisionamento de jogos ao vivo, tornava-se espetáculo consumível, enquanto sua prática assumia novas formas urbanas de jogo, o *futsal* e o futebol *society*. O fato do primeiro estádio paulista, o Pacaembu, ter sido construído na década de 1940 com capacidade para 60.000 pessoas ilustra bem

71 Dados do sítio <http://paginas.terra.com.br/esporte/rsssfbrazil/miscellaneous/attendances.htm>, consultado em 05/11/2008 às 12h21.

essa nova realidade.

Segundo OLIVEIRA, “(...) neste contexto, dadas as grandes proporções dos estádios, é que surgem as manifestações torcedoras de forma mais centralizada em uma organização. Os estádios que despersonalizam tanto o espetáculo, principalmente quanto aos espectadores, propiciam uma maneira diferente de assistir ao jogo e se fazer aparecer e apoiar sua equipe” (2007, pp. 17-18). Em São Paulo, em 1969, é fundado, por torcedores do Sport Club Corinthians Paulista, o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida, seguido da Camisa 12, em 1971, de torcedores do mesmo clube, e da Torcida Independente, de torcedores do São Paulo Futebol Clube, e da Leões da Fabulosa, da Associação Portuguesa de Desportos, ambas em 1972.

O sistema do futebol, portanto, criava novos espaços do torcer, agora cindidos do jogar. Se antes torcedores e jogadores do Açuena se encontravam em uma só instituição⁷², agora o jogar se dava cada vez mais separadamente do torcer, ambos espetacularizados. Mesmo hoje, o torcer conjunto ao jogar, como no caso do EC Portela relatado anteriormente, acontece mimetizando as características do torcer organizado, do torcer “profissional” – ou seja, do torcer espetacularizado. Um torcer cada vez mais colado à imagem da violência pela imprensa, marginalizado, controlado, disciplinado.

É partindo desta imagem midiática contemporânea totalitária e totalizadora do torcer que, investigando os diferentes espaços destinados – ou não – a isso na metrópole, pude descobrir diferentes geografias.

72 O Açuena tinha em seu quadro administrativo o Departamento Feminino, que “(...) organizava as torcidas femininas, as festas e atuava junto aos grupos de torcedores, incluindo crianças do Bairro que circulavam por todo o entorno de São Paulo onde eram travadas as pejejas. Tratar da sede repleta de taças e de flâmulas trocadas a cada jogo, da bandeira e cultivar o gosto pelo hino, cantando-o nos momentos adequados, revelava a presença das mulheres, que eram esposas, namoradas, amigas, irmãs. As mulheres sempre estiveram presentes no futebol, de uma maneira ou de outra, ao contrário do que pensaram os primeiros cronistas do futebol (...)” (SEABRA, 2003, p. 396). O torcer, além de não ser separado do jogar, envolvia toda a comunidade, notadamente as mulheres.

3.1 As Torcidas Organizadas e a Cidade

Habitada por gente simples e tão pobre

Que só tem o sol que a todos cobre

Como podes, Mangueira, cantar?

Pois então saiba que não desejamos mais nada

À noite, a lua prateada

Silenciosa, ouve as nossas canções

Tem lá no alto um cruzeiro

Onde fazemos nossas orações

E temos orgulho de ser os primeiros campeões

Eu digo e afirmo que a felicidade aqui mora

E as outras escolas até choram

Invejando a tua posição

Minha Mangueira, essa sala de recepção

Aqui se abraça inimigo

Como se fosse irmão

(Cartola, “Sala de Recepção”, 1976)

A canção de Cartola, sambista e compositor carioca, de certa forma resume bem as manifestações intrínsecas da periferia da metrópole que atravessam a festa: o futebol, o samba e o carnaval. Sobre estes últimos, presença constante nas grandes torcidas organizadas, causando inclusive disputas internas, seria necessário um outro trabalho de pesquisa⁷³. Aqui, portanto, trataremos mais do primeiro, o futebol, tema central desta pesquisa, mesmo que passando vez ou

⁷³ Uma síntese da relação intrínseca entre futebol e carnaval em São Paulo encontra-se no artigo de Maurício Rodrigues Pinto, pesquisador do GIEF, intitulado “Relações entre futebol e carnaval na cidade de São Paulo”.

outra pelo carnaval e pelo samba.

Na metrópole fragmentada que vive a ditadura militar e o princípio do chamado “milagre econômico”, ou seja, uma aceleração na industrialização, o imenso contingente populacional que desembarca por aqui atrás de um emprego vai sendo pouco a pouco expulso para as periferias. Uma vez lá, se depara com uma cultura de bairros em implosão constante, da qual faz parte importante o clube de bairro, agregador e centralizador da vida na comunidade⁷⁴. Ao mesmo tempo, o futebol, antes principal festa da periferia, se transforma cada vez mais em espetáculo central, pouco a pouco única forma de encontro e reunião permitida na metrópole censurada. A festa da periferia, herdeira dos clubes de bairro, encontra neste caminho, então, uma válvula de escape: os estádios.

Importante ressaltar que as manifestações torcedoras existem desde cedo no futebol. A primeira delas, no Brasil, se deu quando torcedores do Clube Atlético Paulistano, um dos principais nomes da elite do futebol amador (não de várzea) paulistano, começaram a gritar nos jogos da equipe “*Allez Gohack!*”, uma mistura de francês com inglês que significava “ir adiante”. No Rio de Janeiro, os torcedores do Fluminense Football Club, igualmente elitista, usavam fitinhas com as cores da equipe em seus chapéus, em algo que pode ser tratado como a primeira alegoria a ser usada por uma torcida no Brasil. A partir da década de 1940, já com grandes estádios erguidos em São Paulo e no Rio, os dois grandes centros do futebol à época, surgiram as torcidas com banda, sendo a primeira delas a “Charanga Rubro Negra”, do Clube de Regatas do Flamengo, que se tornou tão importante que passou a ser custeada pelo próprio clube. Em São Paulo, a primeira destas torcidas foi a “Charanga da Portuguesa”. Seguidamente, então, começaram a surgir as torcidas uniformizadas, sendo a primeira delas em São Paulo a do São Paulo Futebol Clube, nomeada “Torcida Uniformizada do São Paulo” (TUSP) e criada e comandada por Porfírio da Paz, sócio do clube e compositor de seu hino oficial. Entretanto, até esse momento, tais torcidas eram compostas majoritariamente por torcedores da elite, de distinção social, estudantes e sócios dos clubes. A estas

74 Um bom retrato desta relação é o fato, segundo SEABRA, de funcionar hoje no que antes era a sede social do Açucena um Centro de Tradições Nordestinas (2003, p. 423).

torcidas estava atrelada a idéia de *sócio-torcedor*, hoje resgatada pelos principais clubes brasileiros: serviam para arrebatam novos sócios para os clubes. Estavam sempre ligadas à figura de seu criador e líder, sendo conhecidas por “torcida do fulano de tal”. O criador, por sua vez, tinha prestígio e era normalmente exaltado nas páginas de jornais. Já naquela época, criava-se uma certa animosidade entre torcedores uniformizados e torcedores comuns.

É só na década de 60 que esta forma de torcer elitista encontra o crescente contingente populacional periférico nos estádios: surgem as torcidas organizadas. Segundo TOLEDO, “várias são as versões sobre os fatores que motivaram o surgimento das Torcidas Organizadas. Deve-se contextualizar o aparecimento deste padrão de comportamento no horizonte das mudanças pelas quais passou o futebol dentro da sociedade brasileira (...) pois, senão, incorre-se no erro de descontextualizar tal fenômeno dos processos mais abrangentes, que direta ou indiretamente, motivaram tais mudanças (...)” (1996, p. 28). Ao que o autor chama de *padrão de comportamento*, aqui, de um ponto de vista mais geográfico, chamaremos de forma urbana, uma vez que as torcidas organizadas existem *para além* do estádio de futebol, tendo inclusive, como os antigos clubes de bairro, sede social, e seus comportamentos estão intrinsecamente ligados ao urbano.

É neste contexto, portanto, que a massa populacional periférica encontra a forma de torcer uniformizada, cada vez menos presente nos estádios, sob o controle rígido da ditadura militar. Some-se a isso, no caso, o fato do Sport Club Corinthians Paulista, equipe mais popular do estado, estar já há 15 anos sem vencer um campeonato, e tem-se o cenário do surgimento da Grêmio Gaviões da Fiel Torcida: estudantes de Ciências Sociais, notadamente entre eles Flávio La Selva, encontram outros torcedores de diferentes origens e fundam a torcida, para lutar contra a “ditadura” de Wadih Helu, há mais de década na presidência do clube. Anos e muitas outras torcidas tendo sido criadas depois, a Gaviões da Fiel levava aos estádios uma faixa com os dizeres “anistia geral e irrestrita”; se a ditadura, àquela época, já se preocupava com e reprimia a formação de agremiações populares nos estádios de futebol, agora estas agremiações davam “razão” a tal preocupação – numa correlação entre forma e conteúdo, entre concebido e vivido. Nas palavras de TOLEDO: “em parte

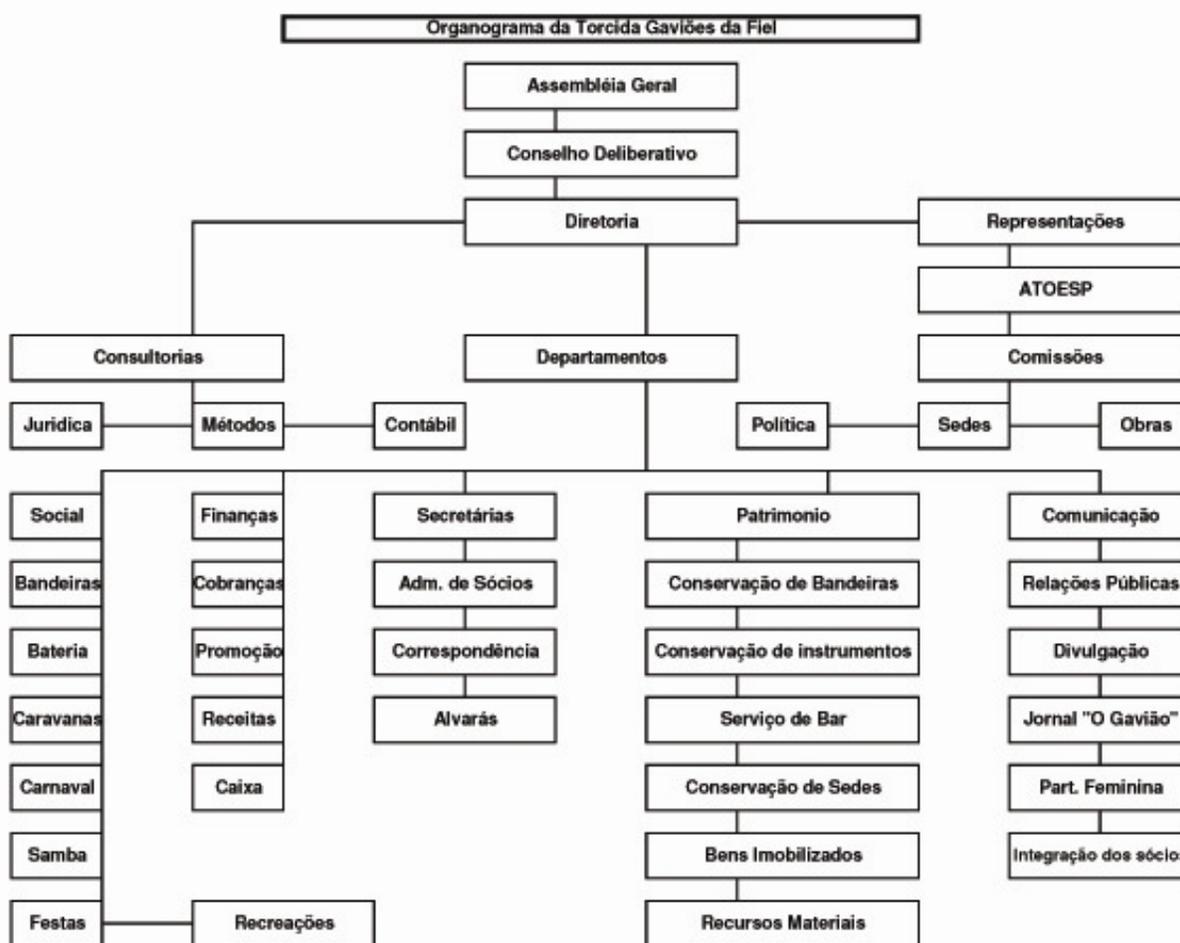
autônomas das atividades institucionais que dizem respeito aos clubes, muitas vezes em confronto explícito com os dirigentes, essas torcidas rapidamente se popularizaram e hoje dominam o cenário das organizações torcedoras, sobretudo na cidade de São Paulo (...)” (2002, p. 230). As torcidas organizadas passam a representar um outro tipo de torcer nos estádios, não mais associado aos clubes ou à imprensa, desvinculado, portanto, das instituições – para, anos depois, tornarem-se elas próprias instituições.

Traçar pormenorizadamente o histórico das torcidas organizadas em São Paulo não cabe nesta pesquisa. Sobre o assunto, o já citado livro de Luiz Henrique de TOLEDO, “Torcidas Organizadas de Futebol”, é excelente fonte. O que cabe aqui fazer é relacionar tais torcidas com a metrópole, com o espaço urbano. E esta relação, conforme já indicado, começa já nos clubes de bairro.

Se da elite vinha a forma estética do torcer organizado, dos clubes de bairro e associações de moradores vinha a estrutura interna das torcidas. Se, no ano de 1948, o Açucena era composto por nove associados⁷⁵ (presidente, vice-presidente, secretário geral, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro, diretor de esportes e cobrador) e um conselho deliberativo (com presidente, vice-presidente e secretário), além do departamento feminino (presidente, vice-presidente, secretária e conselheiras), hoje o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida conta com um quadro associativo enorme cuja estrutura central é herdada dos clubes de bairro, conforme mostra a figura 21.

75 SEABRA, 2003, p. 395 (nota de rodapé).

Figura 22 – Organograma do Grêmio Gaviões da Fiel Torcida



(fonte: OLIVEIRA, 2007)

A fragmentação do quadro associativo tem explicação no próprio processo de expansão do urbano. Enquanto os clubes de bairro e associações de moradores tinham no local o centro de suas atividades, as torcidas organizadas se estendem por toda a metrópole e pelo interior do Estado, tendo inclusive sub-sedes em diferentes municípios de São Paulo. Seu apelo torna-se popular por conta disso: o estádio – e posteriormente as sedes e sub-sedes – passam a exercer o papel que as sedes sociais e os campos de futebol dos clubes de bairro exerciam, de encontro, de reunião. Entre um e outro, está a cidade, e a questão da conquista do espaço urbano, espaço alheio, espaço

alienado que não pode ser dividido com nenhum outro grupo – a metrópole impossibilita o encontro, o redefine, o transforma em confronto. As divisões dos estádios que separam uma torcida de outra são transpostas para as ruas, e seguem-se as cenas de violência a todo instante retratadas pela mídia.

Porém, as torcidas organizadas não são a violência, não se resumem a isso. Antes de investigar, portanto, as possibilidades e impossibilidades dos espaços do torcer que estas ocupam, necessitamos discutir a violência e sua relação com o espetáculo.

3.2 O espetáculo da violência e a violência do espetáculo

De uma maneira geral, atualmente não se fala mais em acontecimento fora das mídias. Isto é, só há acontecimento se ele for público, se houver oferta de sentidos, mediada pelos meios de comunicação, para a opinião pública. Assim, passaríamos a tratar da expressão “acontecimento midiático”. Os fatos que acontecem todos os dias, mas que não são veiculados pela mídia, passam a ser apenas ocorrências e não acontecimentos.

(BORELLI, 2001, p. 3)

Na metrópole, concentração por excelência de pessoas, capital, técnica e informação, e ao mesmo tempo redutora das relações sociais à relação de compra e venda, de mercadoria, aqueles que são constrangidos do e pelo consumo destas mercadorias, neste caso notadamente o espaço, são também os mesmos que não podem viver a cidade senão enquanto aparência, imagem, notícia midiática; o espetáculo, então, atravessa todas as esferas da vida. Nas palavras de DEBORD, “não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento também é desdobrado. O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a

realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente” (1997, p. 15).

Partindo desta concepção, podemos entender a violência no futebol enquanto fenômeno midiático: noticiar a briga aparentemente “sem motivos” entre duas torcidas organizadas é mais espetacular (e real) do que noticiar qualquer outra coisa envolvendo qualquer uma delas. Mais: faz parte de um projeto político e ideológico orientado no sentido de transformação do espaço do estádio, destinado a uma prática social com forma e conteúdo historicamente construídos, o torcer, em um espaço de mero consumo, em um não-lugar. Orientação essa que resulta do desdobramento da segregação sócio-espacial da metrópole estendido ao espaço do estádio. O espetáculo da violência, neste sentido, funciona como força fragmentadora e criminalizadora de uma atividade social, quando na verdade a “violência no futebol” não é mais do que uma exacerbação espetacular e espetaculosa da violência que os constrangimentos do capital industrial imprimem no urbano, no cotidiano da imensa maioria da população da metrópole. Nas palavras de TOLEDO, tal violência “(...) não consiste num fenômeno circunscrito somente às manifestações esportivas de massa no Brasil, como querem alguns observadores, mas podem e devem ser analisadas em consonância com as mudanças na sensibilidade de outras esferas da vida social, que transcendem as imposições marcadamente de classe que se quer impingir ao tratar esses torcedores como integrantes das *classes perigosas* ou protagonistas de um comportamento irracional de ‘massa’” (2002, p. 232). A forma da violência, nesse sentido, cola no conteúdo das torcidas organizadas e aparece enquanto seu único componente, totalizador e totalitário. E serve como uma luva para o discurso oficial da disciplinarização do espaço do estádio e de imposição ainda maior de constrangimentos aos torcedores, organizados ou não.

Não se trata aqui de amenizar os atos violentos ou fingir que não existem, mas sim de inverter a positivação total destes atos enquanto única possibilidade. O estádio de futebol (e os caminhos que levam até ele) se configura, na metrópole, em síntese da impossibilidade do urbano industrial, da impossibilidade do outro em um espaço que não pertence a nenhum dos dois lados.

Ao estar marginalizado deste urbano, o torcedor, organizado ou não, em sua maioria de origem periférica, não tem no trajeto que faz de sua casa até o jogo a sensação de pertencimento àquele espaço, que em todos os outros momentos de sua vida cotidiana lhe é negado⁷⁶. A busca, portanto, é pela conquista do que não lhe pertence, expressa na paisagem através das pichações com o nome da torcida pelos muros e ônibus da cidade, ou pela destruição, caso o espaço em questão esteja ocupado ou conquistado pelo outro. O encontro possível na São Paulo de bairros articulada pelo futebol de várzea se torna impossível, se torna confronto espetacular entre membros igualmente não-pertencentes a um mesmo espaço comum, que lhes aparece apenas enquanto imagem, aparência, paisagem - espetáculo.

A institucionalização da forma de torcer organizada, assim, encontra na posituação da violência um forçoso caminho tortuoso: ao sistemático fechamento de suas sedes, as torcidas organizadas respondem encontrando meios jurídicos (mudança de nome e CNPJ) para continuar existindo – e, ao fazer isso, tornam-se formas ainda mais instituídas no sistema do futebol na metrópole. A ligação com o carnaval, aqui, se faz essencial, uma vez que ao registrar-se enquanto entidade carnavalesca a torcida escapa juridicamente da possibilidade de ser fechada sem maiores esforços judiciais. Simultaneamente, ao deixar de ser apenas uma forma organizada de torcer com estrutura herdada dos clubes de bairro e se transformar em instituição com responsabilidade jurídica, ela tem seu conteúdo engessado e começa a ter necessidade de um controle sobre seus membros, funcionando assim a favor da ação disciplinadora do Estado, a mesma que a persegue enquanto entidade representativa. Em São Paulo, este processo é notadamente avançado: depois de diversas brigas que envolveram mortes de torcedores de meados da década de 1990 pra cá, paulatinamente o patrimônio e os meios de realização das torcidas organizadas foram sendo extinguidos dos estádios: bandeiras com mastros de bambu, bateria (hoje já permitida novamente),

76 O enraizamento da ideologia da propriedade privada aqui marca presença com força: em uma caravana de que participei, os torcedores batiam na lataria do ônibus enquanto cantavam, como sempre fazem, até que um diretor da Gaviões da Fiel pediu a atenção e disse para tomarmos cuidado com o ônibus porque ele “era nosso”. Ou seja, preservar faz parte da agenda dos torcedores organizados, desde que seja o seu patrimônio – coisa que o espaço público, para eles, não é. O fato de a perda de uma faixa ou parte da bateria para outra torcida em uma briga ser motivo de humilhação pública é exemplar neste caso.

fogos de artifício, papel picado, cerveja. Ao fazer valer no futebol a versão da velha máxima do pai que, para evitar que a filha namore em casa, tira o sofá da sala, o Ministério Público atinge na verdade um nível de controle que se estende a todos os torcedores que freqüentam estádios: não se pode entrar com jornais e nem com bandeiras individuais maiores que 2m x 2m que não estejam registradas – em nome de alguma torcida organizada – junto à Polícia Militar.

Tais constrangimentos, que se estendem no âmbito econômico ao preço absurdo dos alimentos dentro do estádio e, recentemente, à retirada das barracas de lanches e bebidas que sempre existiram no entorno do estádio, configuram ainda mais a expulsão de práticas sociais imbricadas ao torcer das praças esportivas paulistas – e brasileiras. A violência do espetáculo, então, se faz sentir com força, e o espetáculo da violência a legitima, ao passo em que, como colocado exemplarmente por Mano Brown em entrevista à edição online do jornal *Lance!*⁷⁷, o processo é retro-alimentado pelos próprios constrangimentos, já que se não há mais para as torcidas organizadas a possibilidade da maior parte de suas práticas sociais que historicamente construíram, a violência se transforma cada vez mais de forma em conteúdo possível e cotidiano de tais práticas – nas palavras de Brown, “só sobra a violência”.

Para além deste processo, no entanto, esta pesquisa conseguiu descobrir outras práticas ainda presentes, por vezes reminiscentes de um conteúdo cada vez mais constrangido, por vezes reinvenção deste mesmo conteúdo, e por vezes ainda tomada de consciência política – ainda que limitada – do papel de protagonista que o torcedor, notadamente o organizado, construiu historicamente junto ao sistema do futebol na metrópole. Tais descobertas foram divididas, a seguir, de acordo com o clube de futebol do qual os torcedores fazem, portanto, parte intrínseca, obedecendo a uma ordem de grandeza escalar que vai do mais metropolitano – o Sport Club Corinthians Paulista, abordado dialeticamente junto aos seus rivais Sociedade Esportiva Palmeiras e São Paulo Futebol Clube – ao supostamente mais citadino – o Clube Atlético Juventus,

77 Entrevista que pode ser vista dividida em duas partes nos sítios <http://br.truveo.com/Benjamin-entrevista-o-santista-Mano-Brown-1%C2%AA/id/108086434032918829> e <http://br.truveo.com/Benjamin-entrevista-o-santista-Mano-Brown-2%C2%AA/id/3703677960>, ambos acessados em 12/02/2009 às 13h15.

reminiscência do futebol de várzea que deu origem aos times de fábrica e de bairro do começo do século XX.

3.3 Sport Club Corinthians Paulista

Era 1º de setembro de 1910 quando operários do bairro do Bom Retiro se reuniram para a reunião que viria a ser fundadora do Sport Club Corinthians Paulista, clube que hoje, geograficamente não mais situado no antigo bairro central, detém a segunda maior torcida do país – um contingente de aproximadamente 25 milhões de pessoas. Naquela época, apesar de nascer na várzea, o Corinthians já estava destinado a ser grande, uma vez que era projeto dos moradores do bairro orientado para além das fronteiras do próprio bairro. Três anos depois, então, o Corinthians Paulista já figurava como membro da elite do futebol amador – distinto do futebol de várzea – de São Paulo.

Essa passagem, no entanto, não se deu de forma tranqüila. Em um momento em que os clubes da elite, notadamente o Clube Atlético Paulistano, atravessavam já uma crise financeira instigada principalmente por sua concepção classista de equipe, que deixava de fora de seus elencos, em oposição aos clubes populares, ótimos jogadores por questões raciais ou sociais, o Corinthians precisou enfrentar e vencer três clubes da então Liga Paulistana de Futebol para ser aceito. De clube humilde, cujas cores originais do uniforme – bege e preto – desvirtuaram para o branco e preto por conta da perda da coloração das camisas durante as lavagens, a equipe dos operários – italianos, espanhóis, portugueses – do Bom Retiro passou a ser referência de bom futebol, atraindo mais e mais público – e conseqüentemente ganhando mais dinheiro com a venda de entradas. O *ethos* do capitalismo industrial já se fazia sentir no futebol, com uma querela entre amadorismo e profissionalismo, acusações de pagamento para jogadores amadores – o chamado profissionalismo “marrom” – e compra e venda de campos (ainda não haviam estádios), reflexo do

já existente e ativo mercado de terras de São Paulo.

Após alguns anos nesse cabo de guerra entre clubes da elite e clubes de origem popular, o Corinthians tinha a seu lado o Palestra Itália, fundado em 1914 e renomeado Sociedade Esportiva Palmeiras só depois (por conta da Segunda Guerra Mundial), clube de origem italiana e que tinha, por conta disso, torcida também numerosa. Donos das duas maiores praças esportivas da cidade, o Parque São Jorge e o Parque Antarctica, as equipes nasceram, cresceram e se constituíram enquanto rivais, uma enquanto o outro da outra. O São Paulo Futebol Clube, terceiro elemento do que viria a ser conhecido anos depois como o “trio-de-ferro” paulistano, veio depois, já na década de 1930, herdeiro direto dos membros do Paulistano e de outros clubes de elite que haviam fechado seu departamento de futebol.

Só em 1940, já em meio a uma primeira onda industrial e com o cidade se expandindo e atraindo grande contingente populacional, é que São Paulo conheceu seu primeiro estádio, o Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, no bairro do Pacaembu, com capacidade para 50.000 pessoas, na época. Parque Antarctica e Parque São Jorge, então, já tinham arquibancadas, mas suas capacidades eram bastante inferiores. Os espaços do torcer se tornavam, enfim, espaços institucionais normatizados e disciplinados pelo urbano. O Estádio Cícero Pompeu de Toledo, ou Morumbi, de propriedade do São Paulo Futebol Clube e construído em terreno público conseguido em uma transação política obscura envolvendo o presidente do clube e o poder público, ficou pronto entre os anos 50 e 60 – década antes, portanto, do *boom* de crescimento do número de torcedores nos estádios e do surgimento das torcidas organizadas.

Atualmente, os três clubes citados constituem, no sistema do futebol, o pilar central da reprodução e reposição dos espaços e categorias do torcer enquanto prática e enquanto consumo. Em termos de mídia, os três grandes de São Paulo movimentam enorme quantidade de dinheiro, e em diversos setores da economia estão imbricados processos de valorização e desvalorização relacionados às notícias veiculadas sobre eles. Em termos de torcidas organizadas, o Corinthians, aqui objeto de pesquisa principal, proporcionou o surgimento de dezenas delas entre 1960 e 1990, a

maioria já inativa por conta do processo já citado de transformação do estádio em um não-lugar e de constrangimento às práticas torcedoras. Entre as que tiveram força espacial e jurídica suficiente para continuar existindo, três merecem destaque: a Gaviões da Fiel Torcida, a Camisa 12 e a Pavilhão 9.

Tida não-oficialmente (já que não há estatísticas seguras) como a instituição torcedora com o maior número de sócios do futebol mundial, a Gaviões da Fiel, cujo surgimento e organização foram citados anteriormente, seguiu o movimento da metrópole e se transformou em instituição metropolitana, com sede no Bom Retiro e sub-sedes em diversos municípios do estado de São Paulo. A torcida, tal qual o clube, tem venda de produtos oficiais e programas sociais para os sócios, como o Cine Gaviões, projeto que promove a exibição de filmes em sua sede principal, aulas de artes marciais, uma rádio comunitária via Internet e o tradicional envolvimento com o Carnaval de São Paulo, no qual se mantém atualmente na divisão de elite e o qual já venceu quatro vezes. Referenciada geograficamente, a Gaviões da Fiel funciona na verdade como um grande clube metropolitano, um lugar de encontro de corinthianos de toda a cidade – e de fora dela. Para além da estrutura de clube de bairro, portanto, a torcida recria em escala maior o conteúdo que outrora fez parte de tais clubes: o encontro, a festa, o tempo improdutivo – mesmo que reduzidamente. Politicamente, a Gaviões sempre manteve um sistema de eleições democráticas e uma postura de fiscalização das atitudes dos dirigentes do Corinthians, até por ter surgido historicamente, como dito, em oposição à “ditadura” de Wadih Helu na presidência do clube. Recentemente, graças a um grupo que já ocupou a diretoria, a torcida mantém ligações com movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto e organizou um seminário⁷⁸ pioneiro de três dias (conforme anexo VII) sobre a posição do torcedor de futebol, enquanto categoria, frente ao processo de “modernização” do futebol brasileiro – que nada mais é do que o já citado processo de transformação do estádio em um não-lugar, processo esse que se alinha à especulação imobiliária no movimento de reprodução do espaço urbano na metrópole. Um

78 A iniciativa do seminário, na verdade, foi do Movimento Rua São Jorge, dissidência da Gaviões de quem se falará mais à frente.

dirigente recente da Gaviões tentou, inclusive, organizar um Fórum Nacional das Torcidas Organizadas, com a idéia de ter uma instância de debate e organização na luta pelos direitos do torcedor, o que traz consigo reflexos dessa proximidade com movimentos sociais e alguma tomada de consciência acerca do fato de serem também as torcidas organizadas um movimento social, ainda que em potencial.

A Camisa 12, por sua vez, aparece ainda mais como um clube metropolitano, porém muito mais incrustado no Pari, onde tem sua sede (a maior dentre todas as torcidas organizadas de São Paulo, hoje embargada na justiça). Esse incrustamento proporciona uma situação geográfica intrinsecamente metropolitana em relação ao número de membros presentes nos jogos do Corinthians, sempre menor que o da Gaviões: por ter uma vida de bairro bastante agitada no Pari, a maioria dos sócios da torcida acaba participando muito mais da sede do que da ida aos jogos, segundo pude apurar em conversas com membros da mesma em sua sede provisória, também no Pari.

Por fim, a Pavilhão Nove, a mais nova das três torcidas, tem na sua própria localização espacial um retrato de seu conteúdo e do conteúdo metropolitano do Corinthians: fica sob a Ponte dos Remédios, próximo da divisa com o município de Osasco. A Pavilhão abriga em sua quadra muitos eventos sociais, como festas e bailes, não necessariamente relacionados com o Corinthians mas sim com o bairro, a Vila dos Remédios, configurando mais um exemplo de como uma torcida organizada reinventa na metrópole o espaço dos clubes de bairro da São Paulo do começo do século XX.

No que diz respeito ao sistema do futebol na metrópole e ao mecanismo de alienação espacial da maioria dos torcedores em relação aos espaços centrais da cidade que se tornam trajeto ou ponto de encontro em dias de jogos, faz-se mister ponderar aqui sobre as torcidas organizadas de Palmeiras e São Paulo para poder prosseguir com a análise sobre as torcidas corinthianas.

No caso palmeirense, duas são as grandes torcidas que sobreviveram historicamente ao processo de alienação do estádio citado anteriormente: a Mancha Alvi-Verde (antes Mancha Verde,

hoje nome apenas da escola de samba) e a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP).

Embora mais nova, a Mancha Alvi-Verde (foi fundada em 1983) representa para o clube de Parque Antarctica o que a Gaviões da Fiel representa para o Corinthians: é sua torcida mais representativa. Porém, a Mancha tem um histórico de imbricação política entre seus dirigentes e dirigentes do clube que coloca em suas ações sempre um olhar de desconfiança, de falta de isenção política, de interesses ocultos. Além disso, é notório que seu presidente de honra e um de seus membros mais conhecidos, Paulo Serdan, além usar a torcida em sua campanha para vereador também a tem como espécie de micro-empresa: a Mancha, que tem (também não-oficialmente) três vezes menos sócios do que a Gaviões, tem três vezes mais sub-sedes pelo país, cada uma pagando franquia para a sede principal e todas vendendo camisetas confeccionadas pela empresa que o mesmo Serdan controla.

Tais fatos são motivos de rugas constantes com a TUP, que, como o próprio nome indica, é uma *ex-torcida uniformizada*, formada por sócios-torcedores de elite, que se tornou *torcida organizada*, estruturalmente organizada como um clube de bairro, muito mais popular e populosa e muito menos imbricada politicamente com o clube. Na TUP, episódios de integrantes que fazem apologia ao neonazismo, apelando para a origem italiana do clube, são relatados via Internet, principalmente em sítios de relacionamento.

Dentro desta idéia de resgate cultural italiano, o Palmeiras viu surgir mais recentemente o Núcleo 1914, torcida representante de um novo movimento de torcedores organizados que será tratado mais adiante. O Núcleo, enquanto apologético da Itália como nação-mãe do Palmeiras, diz-se adepto do modo de torcer dos *ultra*, como são conhecidos os torcedores fanáticos italianos. O anexo VIII traz uma entrevista com um membro da torcida em que fica claro, pra além desse apelo, uma idéia de organização muito mais efêmera e ligada ao estádio do que a das torcidas organizadas, já enraizadas no urbano e na metrópole.

O São Paulo, por fim, também tem duas torcidas organizadas expressivas e ativas: a Tricolor Independente e a Dragões da Real. A primeira, mais conhecida e numerosa, passa por um processo

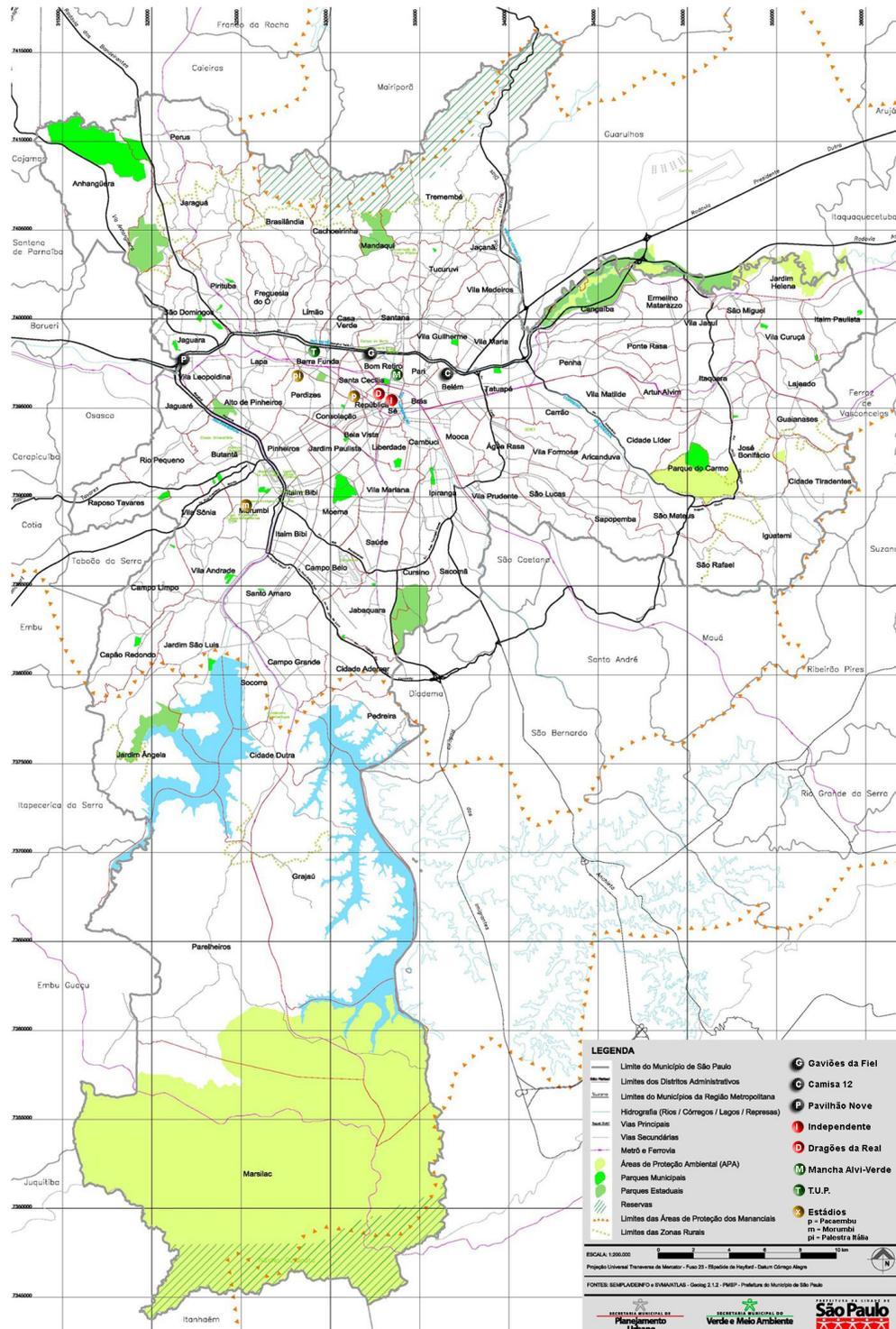
contrário ao da Mancha, fortalecido pela postura empresarial do São Paulo de tratar a torcida como mera consumidora: não mantém boas relações com o clube, já tendo inclusive cotado retirar o símbolo do São Paulo de suas faixas e roupas, o que constituiria o exemplo máximo da institucionalização de uma torcida enquanto entidade apartada do próprio clube para o qual torce.

Já a Dragões da Real, mais nova, é menos numerosa, porém também mantém sub-sedes pelo estado de São Paulo. Mantém boas relações com a Independente e tem um apelo bastante próximo ao da Camisa 12, fechado em si mesmo, sem um ar metropolitano.

O São Paulo, tal qual o Palmeiras, também viu surgir uma nova torcida nos últimos anos, intitulada “São Paulinos na Geral”. Esta torcida, por configurar um exemplo do que chamaremos mais à frente de “barra mansa”, em oposição aos “*barrabravas*” argentinos em quem se espelham (ainda que esteticamente, transformando forma em conteúdo), configura a contrapartida torcedora da investida imobiliária, estatal e midiática sobre o estádio na tentativa de “neutralizá-lo” de seu conteúdo sócio-espacial histórico e será analisada em outro tópico.

Estabelecidas as grandes torcidas do “trio-de-ferro” paulista, podemos, a partir do mapa da figura 23, analisar mais a fundo as formas de sociabilidade que a metrópole proporciona a estas quando de seus lugares de encontro e trajeto.

Figura 23 – Mapa da localização das sedes das torcidas organizadas do “trio-de-ferro” e dos estádios onde jogam os clubes do “trio-de-ferro” na Cidade de São Paulo



(fonte: <http://www.mapas-sp.com/cidade.htm> - acessado em 15/11/2008 -

adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Para começar a análise, portanto, falemos do mapa. Nele, pode-se perceber que as grandes torcidas organizadas têm suas sedes principais em locais centrais da cidade, estando assim perto dos estádios que freqüentam. Mas é importante notar que em dias de jogos a ida ao estádio se faz por diversos caminhos, com concentrações em diversos lugares, sedes, sub-sedes, espaços públicos. Dessa forma, o mapa demonstra que a centralidade das organizadas coincide ou se interpõe à centralidade da própria metrópole, criando uma rede de circulação e de mobilidade que se move em direção à periferia, ou da periferia em direção ao centro. Tal rede estabelece tantos trajetos possíveis que a possibilidade do encontro e do confronto se faz presente a todo instante, mesmo no bairro de origem ou de concentração de cada grupo de torcedores que se desloca em dia de jogo. Um exemplo recente disso diz respeito ao jogo entre São Paulo e Corinthians, no Morumbi, em 15 de fevereiro deste ano, em que vigorou pela primeira vez entre as duas equipes a partilha do estádio em 90% para o mandante (o São Paulo) e 10% para o visitante – anteriormente, dividiam o estádio ao meio.

Acostumados a ser ou maioria ou no mínimo estar em pé de igualdade com a torcida são-paulina, os torcedores corinthianos vivenciaram um outro momento espacial. Nas proximidades da quadra da Pavilhão Nove, por exemplo, onde normalmente se concentram os membros dessa torcida, se organizou uma caravana de são-paulinos da região, sabedores de que neste jogo não haveria um número grande de torcedores da Pavilhão saindo dali para o jogo, devido à carga limitada de ingressos. Os membros da Pavilhão, no entanto, entenderam isso como uma ameaça, um desrespeito ao seu espaço, e nas horas anteriores ao confronto a possibilidade de um confronto deixou o clima tenso no bairro, com corinthianos e são-paulinos andando em grupos pelas ruas ao redor do ponto de encontro marcado, não tendo sido registrado, no entanto, nenhum incidente. O jogo em questão, inclusive, idealizado como um primeiro ponto de partida para medidas supostamente de maior segurança como a limitação da carga de ingressos, mostrou através do tecido urbano da metrópole que tal ação, tomada como foi, não passou de um placebo: no entorno do estádio, a imagem da segurança pública foi mantida (ainda que tenha havido um conflito entre Polícia Militar e torcida do Corinthians ao final da partida que deixou muitos feridos e colocou a

mídia, no dia seguinte, excepcionalmente contra os policiais), mas pela cidade se registrou o mais alto número de ocorrências hospitalares e policiais envolvendo torcedores desde a década de 90. A tentativa de se impor através de uma decisão técnica uma nova forma a um conteúdo social historicamente constituído acabou por fazer com que o descompasso e a arbitrariedade da medida causassem o efeito contrário: mais uma vez, a violência do espetáculo trouxe o espetáculo da violência à tona.

Saindo do mapa, mas não sem ele ainda em mente, podemos continuar um caminho de análise através do que pôde ser percebido nos trabalhos de campo, começando pelo lema de algumas das torcidas em questão.

A Gaviões da Fiel tem como lema “Lealdade, Humildade e Procedimento”, num apelo bastante claro à sua origem periférica e à classificação cultural clássica do corinthiano enquanto gente do povo ou, negativamente, “favelado” e “maloqueiro”. As letras das músicas entoadas pela torcida seguem esse estereótipo, e parte de seus membros procura dar um apelo político às atividades da torcida, cada vez mais imbricadas, como em todas as grandes torcidas organizadas, com o tráfico de drogas. Parte desse apelo consistiu, na década recente, na retirada de todo e qualquer incentivo à violência contra torcedores de outra equipe de seus cantos de estádio, tendo sido tais incentivos quase sempre substituídos por outros de luta pelo Corinthians e pela torcida⁷⁹. Recentemente, no entanto, devido a um racha interno e a uma suposta reunião entre um dirigente de um grupo criminoso e líderes de todas as torcidas organizadas de São Paulo em que tal líder ordenou o fim de práticas violentas entre elas sob ameaça de morte dos dirigentes das torcidas que desrespeitassem a ordem e estes acataram, surgiu um movimento que não participa mais das

O canto que dizia “Morumbi ela domina, Pacaembu ela destrói / No Rio ela detona qualquer um que ela encontra / 79 Não tenho medo de morrer / Eu dou porrada pra valer / Eu amo essa torcida e o nome dela eu vou dizer / Como é que é? Como é que é? Como é que é? / Gaviões / Fiel! / Eu sou / Da Gaviões eu sou / Vou dar porrada, eu vou / E ninguém vai me segurar / Nem a PM”, por exemplo, foi substituído há anos por “Contra todo ditador que no Timão quiser mandar / A Gaviões nasceu pra poder reivindicar / Os direitos da Fiel que paga ingresso sem parar / Não tenho medo de acabar / Corinthians joga, eu vou estar lá / Nossa corrente é forte e jamais se quebrará / Pelo Corinthians / Com muito amor / Até o fim / Gaviões / Fiel! / Eu sou / Da Gaviões, eu sou / Corinthians joga, eu vou / E ninguém vai me segurar”, de apelo muito mais reivindicatório dos direitos do torcedor e de amor incondicional e .luta pelo clube

atividades “de quadra” (como são chamadas as atividades na sede de uma torcida) da Gaviões⁸⁰. Este movimento, auto-intitulado Rua São Jorge, em alusão à rua onde se encontram antes dos jogos, que é também a rua onde está situado o próprio Corinthians Paulista, tem como mote uma volta aos tempos reivindicatórios e contestatórios da torcida, quanto ao clube e quanto ao Estado, e trouxe de volta os cantos de violência e enfrentamento, criando assim uma imagem de “terror” para com os torcedores de outras equipes⁸¹. O discurso da violência, aqui, passa como a representação da postura contestatória – a imagem da “porrada” é a prova da vontade de enfrentar, de se insurgir; é o espetáculo levando a forma de encontro ao conteúdo, e amalgamando-os em uma coisa só, dialeticamente contraditória e coerente.

No caso do Palmeiras, Mancha Alvi-Verde e TUP protagonizaram diversas vezes confrontos entre si em frente ao estádio do clube, o Palestra Itália, e são por isso alvo constante de “batidas” da Polícia Militar em suas sedes e sub-sedes. A Mancha, além do lema “Dignidade, União e Glórias”, tem em suas camisas a inscrição “ Hamas – Islamic Resistance”, em alusão ao grupo islâmico que promove ações na Palestina contra o estado de Israel. Segundo declaração de um integrante da torcida, “o Hamas, levando pelo lado sem política e sem o lado terrorista, é um partido que luta por um ideal, certo? É tipo aquela coisa, "lutar, vencer ou morrer" pelo objetivo, certo? Enfim, essa é a ideologia do Hamas na Mancha. Na teoria lutar pra sobreviver contra tudo e todos. Claro que na teoria não existe a tal violência, que seria lutar a favor do Palmeiras sempre, seja contra a imprensa, a polícia, diretores e afins. Mas como vivemos no Brasil, eles acabam levando isso para a tal guerra das torcidas, infelizmente” (sic).

A Tricolor Independente, do São Paulo, é provavelmente a mais colada ao apelo da violência dentre as três grandes torcidas dos três grandes clubes paulistanos. A atual diretoria, intitulada “A Retomada”, é fruto de um golpe da antiga oposição que, segundo informações de

80 Sair da quadra é um ato de profundo desacordo no caso das organizadas. É como “fugir de casa”. No caso da Rua São Jorge, a coisa é ainda mais profunda: seus integrantes estão procurando uma sede própria, o que caracterizaria ainda mais o surgimento de uma nova torcida. A sede, portanto, referência espacial de todas elas, tem papel fundamental no cotidiano das organizadas.

81 O grito mais popular do movimento é “Chegou / Chegou / A Rua do terror / Rua São Jorge!”.

boca-a-boca, chegou a matar alguns dos diretores e expulsar outros no início dos anos 2000, tendo se instaurado no poder desde então. Em seu sítio na Internet⁸², se lêem as frases “sentimentos movidos por um só ideal” e “o respeito que impomos define o que somos”. E, em declarações públicas de dirigentes de Gaviões e Mancha, ambos colocam um ao outro como *rival*, por quem se nutre respeito, e a Independente como *inimiga*, por quem há apenas ódio. Aqui, talvez o fato de não ter quadra própria, apenas sede administrativa, ou seja, não ter um “quartel general”, um referencial espacial privado para suas atividades, contribua para que o espírito de seus membros esteja sempre voltado para se defender de ataques, o que deixa a possibilidade de cometer atos violentos muito mais suscetível cotidianamente; o outro está por todo lado, e eu não tenho onde me esconder.

As outras torcidas dos três clubes acabam entrando nessa relação como coadjuvantes, às vezes em conflito com a grande de seu clube, às vezes ao lado desta contra as de outro clube.

Em relação à metrópole, não há como negar a importância que as torcidas organizadas tem no cotidiano no que se refere à mobilidade espacial. Federação Paulista, Ministério Público e Polícia Militar fazem sempre o possível e o impossível para que os três times grandes joguem em dias diferentes, eliminando assim a possibilidade de duas grandes massas torcedoras se locomovendo pela cidade ao mesmo tempo. Na venda de ingressos acontece o mesmo: os pontos de venda são divididos, havendo poucos onde existe venda para mais de um dos times⁸³. Do mesmo modo, os torcedores, organizados ou não, sabem em sua maioria os dias da semana e os espaços da cidade aonde podem circular com tranquilidade vestindo roupas de sua torcida ou de seu time, e há uma certa ética entre os organizados de não entrar em conflito com torcedores não-organizados de outras equipes, que eles chamam de “povão” - bater em povão é um demérito para a torcida, uma mostra de covardia.

Em dias de jogos entre os times, porém, os chamados “clássicos”, não há como evitar:

82 <http://www.independentenet.com.br/>

83 Havia um ponto de venda na região central da cidade, na Avenida São João, no qual certa vez presenciei um clima tenso: estavam na fila são-paulinos e corinthianos, cada um para comprar ingressos para o jogo de seu time. A segurança do shopping, com medo, chamou a Polícia Militar para qualquer possível conflito. Pouco tempo depois, este ponto de venda, que acabava possibilitando em maior grau o encontro e o confronto, acabou sendo fechado.

diversos pontos da cidade podem se tornar ponto de encontro/confronto – terminais de ônibus, estações de metrô, estações de trem, espaços públicos que estejam no caminho entre a sede e o estádio (por conta disso, a Polícia Militar costuma fazer escolta para a torcida visitante nestes dias). Os aparelhos públicos, portanto, aparecem como *de ninguém*, explicitando o processo de alienação espacial. O sentimento de conquista dos espaços se faz presente a todo tempo⁸⁴, e muitos cantos, além de pichações, exemplificam isso. Atacar – com paus e barras de ferro – a sede da torcida rival e sair com sucesso é motivo de orgulho, havendo inclusive camisetas comemorativas, assim como roubar faixas e bandeiras adversárias. Os termos usados internamente às torcidas remetem sempre a esse clima de conquista e de guerra: “bonde” é o grupo responsável por cada atividade, existindo o “bonde dos loucos”, pronto pra briga, o “linha de frente”, idem, o “bonde do patrimônio”, responsável pelas faixas e bandeiras, e assim por diante; “farda” é como se chama a indumentária da torcida; “pista” é o nome que se dá pra quem é assíduo nos dias de jogos ao trajeto entre sede e estádio, onde o desconhecido e a busca/espera pelo outro se faz sempre presente; “quadra”, em oposição à “pista”, designa aqueles que exercem atividade mais administrativa na sede das torcidas; “corredor” é como se chama o “bonde” contrário quando este foge da briga. Em 2007, um grupo da Tricolor Independente atacou outro da Gaviões da Fiel, em fato largamente divulgado pela mídia (anexo IX). E, a cada episódio espetacular de violência, o Ministério Público, personalizado na figura de um promotor, ameaça com mais sanções no estádio – a última foi a diminuição da carga de ingresso para a equipe visitante em jogos entre dois grandes para 10%.

O que se descobriu com a pesquisa, no entanto, é que pra além da atmosfera de confronto e de conquista e dominação do espaço comum, o cotidiano na sede das torcidas organizadas se coloca

84 Em março de 2009, um programa de televisão que promove a troca de uma dona-de-casa por outra de outra família provocou um episódio emblemático da noção de territorialidade nas torcidas: trocadas as mulheres de dirigentes de Gaviões e Mancha, o dirigente da Gaviões acabou tendo que levar a mulher do dirigente rival completamente “fardada” para a quadra da torcida; lá chegando, sofreu resistência dos sócios, uma vez que é proibida a entrada com roupas de torcidas de outras equipes e mesmo de verde (cor do Palmeiras) ou rosa (cor que se relaciona ao São Paulo por conta da taxação de homossexual que sua torcida recebe enquanto estereótipo). Mas, enquanto dirigente, insistiu e a levou para dentro da quadra, onde foi hostilizada e teve que ser retirada às pressas, causando um mal-estar “diplomático” com o dirigente da Mancha, que ficou sabendo da história e rapidamente ligou para o rival para resolver a situação. O dirigente da Gaviões sofreu depois do episódio uma forte oposição interna, que o enfraqueceu politicamente.

entre o espetacular e o real, o concebido e o vivido. Se por um lado o espetáculo da violência atrai uma parcela dos membros para as ações de confronto, por outro a violência do espetáculo acende a chama da contestação pelo espaço público, pelo direito à festa e à cidade, mesmo que tudo sempre sendo atravessado pela mediação da mercadoria e pela alienação espacial – fora e cada vez mais dentro do estádio. Este, dividido em setores com preços diferentes, em analogia à segregação econômica da própria cidade, vai tendo em seus torcedores cada vez mais consumidores, onde não há encontro possível muitas vezes nem mais entre torcedores e/ou torcidas organizadas de um mesmo clube.

Tratando-se dos torcedores enquanto indivíduos, voltando ao exemplo do Corinthians, a figura 24 mostra uma planta do Pacaembu com a localização das três maiores torcidas organizadas do clube, todas num mesmo setor. Essa localização promove uma inversão social de interesses, com os torcedores de classes mais ricas querendo estar junto aos torcedores organizados numa tentativa de ganhar um *status quo* mais significativo em relação ao espaço do estádio, ou uma busca por práticas contraventoras que ali acontecem (como fumar maconha); ao mesmo tempo, há um distanciamento dos torcedores que, colados ao discurso midiático da violência, enxergam ali apenas “bandidos” e “arruaceiros”. Estes, em muitos casos, começam novos movimentos torcedores, como no caso do São Paulo, que serão analisados mais à frente.

Figura 24 - Planta do Pacaembu com a localização das três maiores torcidas organizadas do Corinthians em dias de jogo



(fonte: www.corinthians.com.br – acessado em 22/11/2008 – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Já em relação às torcidas do Corinthians enquanto instituições, o distanciamento é cada vez maior, causando uma situação de esquizofrenia espacial onde cada torcida canta simultaneamente suas próprias músicas⁸⁵, deixando para o torcedor comum uma atmosfera de bagunça social e sonora. Há casos, no entanto, em que as diretorias conversam e as torcidas e baterias se juntam em um mesmo canto. Porém, isso só acontece em jogos “especiais”, quando por algum motivo interno ou externo ao jogo o time necessita de um incentivo maior na avaliação das torcidas.

Por outro lado, a impossibilidade da coexistência com a torcida do outro faz com que as torcidas criem alianças interestaduais para que tenham proteção nos jogos fora de casa. Assim, no Rio de Janeiro, por exemplo, a Mancha Alvi-Verde é aliada da Torcida Jovem do Vasco, e a Tricolor Independente da Jovem Fla, do Flamengo. Estas últimas, junto com a Camisa 12 do Internacional, de Porto Alegre, e a Torcida Jovem do Sport, de Recife, formam a autodenominada “União Sinistra”, que carrega desde o nome uma tentativa de imposição moral e espacial – já que presente em quatro estados diferentes. A Gaviões da Fiel, por sua vez, mantém a política de não estabelecer alianças explícitas com outras torcidas, mas sim uma relação de respeito e ajuda mútua com algumas delas, como a Raça Rubro-Negra, do Flamengo. Estes pactos interestaduais, de certa forma, funcionam como solidariedade em relação ao espaço alheio a que estão ambas submetidas quando fora de seu estado, e reforçam o caráter institucional e de alienação espacial das torcidas organizadas quando Raça Rubro-Negra e Jovem Fla, por exemplo, torcidas do mesmo time, o Flamengo, brigam entre si por serem aliadas de torcidas paulistas rivais – no caso, Gaviões da Fiel e Tricolor Independente.

As torcidas organizadas e o espaço do estádio, portanto, configuram na realidade esferas privilegiadas de análise do comportamento sócio-espacial de seus membros em relação à metrópole e seus constrangimentos, e conseqüentemente esferas privilegiadas também de análise do próprio

85 Se Mancha e TUP brigam publicamente, Gaviões e Camisa 12, apesar de se respeitarem diplomaticamente, nutrem um certo sentimento de oposição mútua. Membros da Gaviões acusam a Camisa 12 de “torcer pra si mesmo” e não pro Corinthians, já que seus cantos sempre enaltecem o nome da torcida e que quase sempre se negam a participar de acordos coletivos de todas as organizadas do clube; membros da Camisa 12, por sua vez, acusam a Gaviões de ser “uma marca” que só serve pra “vender camisa pra moleque deslumbrado”. Entre torcidas de um mesmo clube, portanto, a disputa pelo espaço também se faz presente, tanto simbólica quando materialmente.

cotidiano da metrópole. Há interesses, apelos e relações positivos e negativos, diferentes, muito para além do que o simples discurso midiático espetacular da violência. Traçam-se geografias interconexas, relacionadas pelo mesmo processo de reprodução do urbano industrial, atuantes em diferentes escalas. E na busca dessas geografias, foi necessário diminuir a escala de análise para entender também outras possibilidades dos espaços do torcer.

3.4 Esporte Clube Santo André

A cidade de Santo André, na região da Grande São Paulo, foi palco de uma concentração industrial que permitiu, na década de 80, o surgimento de um movimento operário forte e organizado. Tal movimento, no entanto, só foi possível graças à configuração territorial andreense, colada à São Paulo e propícia em termos de mão-de-obra, espaço e terra para a instalação de indústrias e criação de cursos técnicos de formação de trabalhadores. Tal configuração, com bairros bem definidos e bastante enraizados no tecido urbano da cidade, que é um ano mais antiga que a capital, permitiu com que desde o começo do século, assim como em São Paulo, existissem equipes de futebol de várzea aos montes pela cidade, tantas que tornou possível criar mais de uma liga municipal. As tentativas dos clubes andreenses nos campeonatos da FPF, no entretanto, foram sempre fracassadas; a várzea era tão forte e bem-estabelecida, ao mesmo tempo em que as condições materiais, sociais e econômicas não tinham força suficiente, que o surgimento de um clube profissional só se deu em 1967, quando o carioca Wigand Rodrigues dos Santos chegou à cidade, então já com poderio industrial crescente, e assumiu a presidência da Liga Santoandreense de Futebol, filiando esta à FPF e passando a conjecturar a criação de um clube profissional capaz de rivalizar com as equipes médias de São Paulo e abarcar investimentos municipais e privados das forças econômicas da cidade. Nasce, então, no mesmo ano, o Santo André Futebol Clube que,

depois de idas e vindas, fale e dá lugar ao Esporte Clube Santo André⁸⁶.

Depois de passar anos subindo e descendo entre as divisões do futebol paulista e brasileiro, o Santo André alcança, em 2004, sua maior glória, um título de nível nacional sobre o Flamengo, do Rio. Em 2005, disputa sua primeira – e única – competição internacional, a Copa Libertadores da América. Nos anos seguintes, faz boas campanhas nos campeonatos de acesso paulista e brasileiro, subindo e descendo na elite de São Paulo e chegando, em 2008, ao acesso depois de mais de 20 anos à elite do Campeonato Brasileiro.

Enquanto clube pequeno que surgiu tardiamente, o Santo André nunca teve torcida numerosa, apesar do apelo regionalista dos moradores e do governo da cidade. Situada na Grande São Paulo, com ligação por trem e por ônibus com a capital, os times de São Paulo sempre foram os preferidos na escolha dos habitantes. As campanhas vitoriosas a nível nacional nos últimos anos, entretanto, veio mudar isso, e a equipe conta inclusive com duas torcidas organizadas: a Ramalhão Chopp (em alusão à torcida do Corinthians “Coringão Chopp”), sendo Ramalhão o apelido do time, e a Fúria Andreense, maior e mais organizada, cujo jovem presidente, Renato Ramos, já foi candidato a vereador pelo PC do B, o que faz com que a torcida tenha certa ligação com o partido, onde acaba sendo sua “sede”. A Fúria, inclusive, é quem faz e entoia a maioria dos cantos do time.

O Estádio Municipal Bruno José Daniel (figuras 25 e 26) é onde joga o Santo André. De pequeno porte, com capacidade para pouca mais de 15 mil pessoas⁸⁷, dificilmente o estádio lota. E seus frequentadores nem sempre são torcedores do Ramalhão, embora sejam quase todos habitantes da cidade: acontece que muitos corinthianos, são-paulinos, palmeirenses e torcedores de outros grandes times brasileiros frequentam o “Brunão” em dias de jogo do Santo André.

86 Sobre o Santo André EC, pode-se consultar BACHEGA, Alexandre et al. *1975, a saga – a história do primeiro título do E. C. Santo André*. Santo André: Alfarrábio, 2006.

87 Segundo o sítio do clube na Internet: <http://www.ecsantoandre.com.br/>

Figura 25 – Foto aérea do Estádio Municipal Bruno José Daniel, em Santo André



(fonte: www.fussballtempel.net – acessado em 27/08/2008)

Figura 26 – Localização da cidade de Santo André, na região do Grande ABC, estado de São Paulo



(fonte: <http://ufabcsocial.files.wordpress.com/> - acessado em 22/11/2008 – escala: desconhecida)

Essa composição identitária mista se faz ver em dois momentos diferentes dentro do estádio: primeiro, nos cantos entoados pela Fúria, versões de cantos de torcidas dos grandes clubes brasileiros e mesmo estrangeiros; segundo, nos dias de jogo contra os grandes paulistas, em que parte dos torcedores que normalmente vão ao estádio torcer pelo Ramalhão se deslocam para a torcida visitante para apoiar seu time do coração, ou ainda torcem para ele mesmo do lado do mandante, que é sempre minoria – o que proporciona confusões com os torcedores que não admitem os outros que tem o Santo André como “segundo time”, idéia abominável entre os torcedores assíduos e/ou organizados nos estádios de futebol. No caso do Santo André, quando visitante dos grandes em São Paulo, a torcida organizada se sente ainda mais enquanto o outro daquela realidade ao ser chamada de “caipira” pelos torcedores dos times grandes – um apelido pejorativo e completamente desconectado da realidade urbana de Santo André.

Aqui, o que se vê é na verdade mais uma vez a metrópole em seu aspecto segregador aparecendo em aliança com o econômico enquanto sobredeterminação do sistema do futebol, no caso personificado pelo canal de televisão que impõe um horário adequado aos seus interesses de transmissão para o jogo: um andreense corinthiano que não tenha automóvel não tem condições (materiais, espaço-temporais e mesmo em termos de aparelho urbano) de sair de Santo André numa quarta-feira à noite para ver o Corinthians às 21h50 no Pacaembu e voltar pra casa a tempo de ir trabalhar no dia seguinte. O estádio e o clube da cidade, então, aparecem enquanto alternativa viável, enquanto espaço permitido para a prática torcedora – sendo, inclusive, mais tranqüilo por não atrair grandes massas, e mais barato em termos de entrada e alimentação. Tem-se, entretanto, o espelho de uma relação entre torcedor e estádio mediatizada, expressa nos cantos adaptados das equipes grandes vistas na TV ou em vídeos na Internet.

Há ainda um fator que se considerar no que diz respeito ao território. Antes cidade industrial, Santo André se transformou há anos em uma cidade majoritariamente de serviços. Assim, o antigo sentimento de rivalidade com outros pólos industriais da região foi superado espacialmente. Porém, no que diz respeito ao futebol e à necessidade de ter sempre um outro – ser

palmeirense é antes de tudo não ser corinthiano – para se reafirmar enquanto real, os torcedores do Santo André acabam por resgatar esse sentimento e elegem como rival a Associação Desportiva São Caetano, da vizinha São Caetano do Sul. E os torcedores do São Caetano aceitam e retribuem a rivalidade, mesmo que em descompasso com o conteúdo espacial das duas cidades. Assim, em dias de “clássico” entre as duas equipes, a tensão entre as torcidas organizadas é maior⁸⁸, sendo possível presenciar movimentos miméticos aos das organizadas da capital, como a busca deliberada de confronto físico – já que uma surra bem-dada na torcida rival engrandece a sua própria nos fóruns de relacionamento entre torcidas, notados aos montes na Internet. Nestes fóruns, inclusive, as torcidas do Santo André também estabelecem políticas de aliança – assim, é possível por exemplo ver camisas de torcidas organizadas do Grêmio Barueri, de Barueri, em jogos do Ramalhão.

Por fim, a volta do Santo André à elite do Campeonato Brasileiro trouxe uma necessidade econômica que os patrocinadores do clube – entre eles a prefeitura da cidade – não são capazes de superar. Com isso, os dirigentes pretendem mandar, em 2009, os jogos contra São Paulo, Corinthians, Palmeiras, Santos, Grêmio e Internacional em Londrina, no Paraná, onde o clube ganharia R\$ 250 mil por cada jogo. Aqui, a sobredeterminação econômica, mais uma vez, aliena espacialmente os torcedores de seu time, justamente nos jogos de maior importância na história recente do clube. O jogo é, então, nada mais que negócio e espetáculo, constrangimento ainda maior aos torcedores.

3.5 Associação Portuguesa de Desportos

Em 1920, a imensa colônia portuguesa de São Paulo fundava a Associação Portuguesa de Esportes, uma fusão de cinco outros clubes de origem portuguesa: Luzíadas Futebol Club, Associação 5 de Outubro, Esporte Club Lusitano, Associação Atlética Marquês de Pombal e

88 A torcida andreense entoava, nesses jogos, no ritmo de uma música da cantora Ivete Sangalo: “Tem dono / Tem dono / Tem dono / O ABC tem dono”, em referência à região que abarca as duas cidades mais São Bernardo e Diadema e que ficou conhecida como ABC ou ABCD.

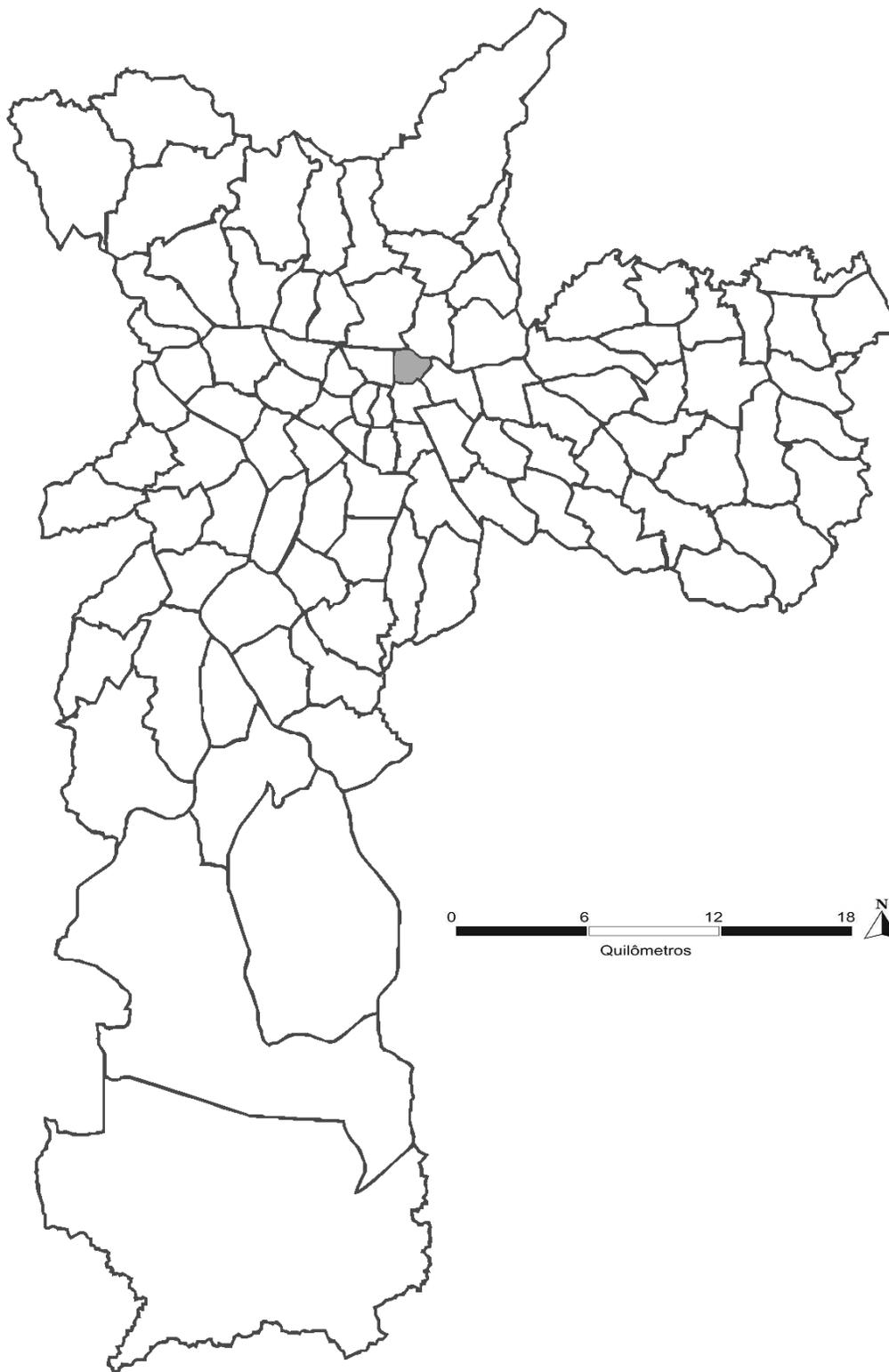
Portugal Marinhense. Situada no Cambuci, onde ficou até 1929, a Associação depois partiu para o Largo de São Bento, onde aconteceu, em 1940, a mudança de nome para Associação Portuguesa de Desportos. Em 1956, finalmente, a Portuguesa comprou do São Paulo Futebol Clube o Estádio Osvaldo Teixeira Duarte, no bairro do Canindé, distrito do Pari, onde está até hoje. O Estádio, porém, passou por reformas antes de ser inaugurado, em 1972 (figuras 27 e 28). Neste mesmo ano, surgiu a Leões da Fabulosa, torcida organizada da Portuguesa. O time fazia boas campanhas e atraía público razoável ao seu estádio, e a Leões era uma torcida respeitada entre as organizadas.

Figura 27 – Foto aérea do Estádio Osvaldo Teixeira Duarte



(fonte: www.fussballtempel.net – acessado em 27/08/2008)

Figura 28 – Localização do distrito do Pari, na zona norte de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

Na metrópole de hoje, no entanto, a Portuguesa, que não se “libertou” da herança etnológico-cultural como fez o Palmeiras, acabou por perder sua força identitária motriz. Na cidade da alienação espacial e da velocidade, o apelo a uma cultura original comum “não vende”, embora sirva dialeticamente como agregador⁸⁹ num mundo cada vez mais sem possibilidades de identidade. A Lusa, como é chamada, carrega consigo a história portuguesa. Os cantos de sua torcida refletem isso, os alimentos vendidos no estádio (caldo verde e tremoço) também. Porém, na metrópole, nem todos os torcedores da Lusa são descendentes de portugueses, ainda mais em se tratando de uma cidade cheia de migrantes de vários lugares.

No que diz respeito ao entorno do bairro do Canindé, existe uma colônia boliviana muito grande e crescendo na região. Essa colônia organiza campeonatos de futebol amador próprios e, conseqüentemente, também vai ao estádio⁹⁰. Com isso, observa-se uma incipiente torcida boliviana da Portuguesa, que se junta aos já muitos nordestinos apegados ao clube possíveis de serem encontrados no estádio. A identidade original, dessa forma, acaba por ser continuada muito mais enquanto mercadoria e espetáculo do que enquanto conteúdo; tornou-se forma, forma esta que serve como resistência frente à metrópole, como forma de não sucumbir a ela.

Enfraquecida pelo processo de reprodução do urbano na metrópole, a Portuguesa, no entanto, sobrevive na memória dos torcedores dos grandes da capital com certo carinho. Por nunca ter sido rival de nenhum deles, normalmente muitos corinthianos, palmeirenses e são-paulinos costumam torcer pela Portuguesa quando esta não joga contra seus times. Em 1996, quando a equipe fez boa campanha na Série A do Campeonato Brasileiro e chegou às finais, havia uma comoção por toda a cidade pelo título luso – que não veio. E essa simpatia, assim como no caso do Santo André, pode gerar tanto sociabilidades positivas quanto negativas.

Em um dos jogos que acompanhei no estádio, a presença um torcedor com camisa do São

89 Em 2007, donos de padarias de São Paulo, nem todos torcedores da Portuguesa, fundaram o projeto PPP: Padarias Pró Portuguesa, que arrecadou fundos e ajudou na campanha vitoriosa do time naquele ano, conforme reportagem veiculada no Guia do Jornal Estado de São Paulo de 16/11/2007, p. 6.

90 A presença boliviana em São Paulo merece um outro estudo, inclusive no que tange o futebol. Aqui, estão colocadas apenas algumas impressões sobre ela.

Paulo incomodou a outros torcedores. Estes fizeram com que o primeiro tirasse a camisa, mesmo a contragosto, mesmo tendo explicado que estava ali com o pai, que era torcedor luso. E em conversas com outros torcedores da equipe, escutei histórias de agressão em situações parecidas. Também adepta da política de alianças, a Leões da Fabulosa é aliada à Fúria Andreense, embora tal aliança já tenha gerado desavenças na sede da torcida, uma vez que desde a ascensão do Santo André e o declínio da Portuguesa ambas as equipes vem disputando os mesmos campeonatos.

O declínio português, acentuado também pela transformação do bairro e do entorno do Canindé em lugar de passagem (apesar da instalação da colônia boliviana), acabou por gerar um fato inusitado: ao assistir na torcida visitante à Portuguesa x Flamengo, pela Série A do Campeonato Brasileiro de 2008, acabei me encontrando em meio à maioria no estádio. A torcida do Flamengo em São Paulo, numerosa, superava em duas vezes a da Portuguesa. E a própria diretoria do clube reconhecia isso previamente ao liberar metade do estádio para a torcida visitante.

Nesta condição, a pesquisa ganhou um subtópico inesperado, que vem a seguir.

3.5.1 Clube de Regatas do Flamengo

O Clube de Regatas do Flamengo foi fundado em 1895 no Rio de Janeiro para disputas de remo. Em 1912, teve início seu departamento de futebol, e poucos anos depois o clube foi o primeiro no Brasil a excursionar por Norte e Nordeste. Com o Rio como capital federal e o clube como potência futebolística nacional, com seus jogos transmitidos via Rádio Nacional por todo o Brasil, o Flamengo se tornou a maior torcida do país, que hoje conta com cerca de 33 milhões de torcedores.

Como São Paulo e Rio sempre tiveram para além da proximidade e da centralidade geográficas também a centralidade econômica do país, um grande número de cariocas veio viver em São Paulo e vice-versa. Some-se a isso o enorme contingente de nordestinos que migrou para a

capital paulista e, oriundos da região do Brasil onde o Flamengo tem mais adeptos depois do Sudeste, São Paulo passou a comportar uma grande quantidade de torcedores flamenguistas.

Na metrópole, estes torcedores acabam que formando uma espécie de colônia futebolística a-espacial: longe de seus lugares de origem e do espaço comum do clube no Rio, se encontram em São Paulo onde e quando há jogo do Flamengo, ou para ver pela televisão ou para ir ao estádio, como no caso da Portuguesa que deu origem a este subtópico da pesquisa. O Flamengo tem inclusive uma torcida paulista, a Fla-Sampa, que frequenta os estádios mas não tem uma dinâmica de torcida organizada: é mais um grupo de afinidades reunido em torno do time.

É possível, então, pensar em São Paulo a alienação espacial enquanto realocação espaço-cultural: aparte do espaço comum do clube, a “quase-colônia” flamenguista em São Paulo cria seus próprios espaços destinados às práticas de torcer pelo Flamengo. Espaços de sociabilidade positiva e negativa: no Canindé, torcedores “sem farda” de alguma organizada paulista aproveitaram o pouco número de policiais para um jogo que se julgava tranqüilo para procurar com pedaços de ferro e pau em mãos membros das organizadas do Flamengo que tivessem vindo do Rio para cá. Em meio a isso, o torcedor flamenguista radicado em São Paulo que por ventura tivesse uma camisa da organizada em questão apanhava, não importando se não fazia parte real da mesma. O espetáculo, aqui, se desdobra violentamente em mais uma dimensão da alienação espacial.

Portanto, se de um lado há o enfraquecimento da torcida da Portuguesa por suas amarras com uma colônia portuguesa que já não tem tanta representatividade na metrópole, por outro a mesma Portuguesa vê ganhar forma em suas arquibancadas uma colônia de torcedores bolivianos e permite o encontro de uma “quase-colônia” flamenguista do lado oposto ao seu e em maioria dentro de seu próprio estádio. A implosão e a explosão do cotidiano, portanto, se encontram num mesmo espaço do torcer.

No movimento por estes espaços, a pesquisa chegou, por fim, ao oposto do “amador quase profissional” da Copa Kaiser analisado no primeiro capítulo: o Clube Atlético Juventus e o seu espaço do torcer “profissional quase amador”.

3.6 Clube Atlético Juventus

Em 1924, no bairro operário da Mooca, então fora do que era considerado o centro de São Paulo, surgia uma dentre muitas equipes de futebol formadas por operários de uma mesma fábrica, o Cotonifício Rodolfo Crespi: o Extra São Paulo, que carregava no nome a situação geográfica de periferia (“Extra”) e nas cores do uniforme, as mesmas da bandeira do estado, a idéia de pertencimento. Em 1925, o time, patrocinado pelo dono do cotonifício, passou a se chamar Cotonifício Rodolfo Crespi. Só em 1930 é que adotou seu nome e cores atuais: Clube Atlético Juventus, o time do uniforme grená, tendo tido outra mudança de nome pra Clube Atlético Fiorentino em 1934 e voltado a ser Juventus no ano seguinte.

Imbricado em meio a um bairro operário industrial e residencial, o clube atraiu grande parte da colônia italiana, chegando a ter o maior número de sócios dentre os clubes da cidade. Porém, a desvalorização imobiliária e o movimento industrial expansivo que levou as fábricas para longe, em busca de mão-de-obra menos organizada (grande parte dos italianos da Mooca tinha experiência na luta dos trabalhadores europeia) e mais barata fizeram com que o clube, chamado de Moleque Travesso por “aprontar” pra cima dos grandes da cidade, vencendo-os inesperadamente, seguisse o caminho do bairro e sofresse um retraimento. A Mooca até hoje tem muitos galpões abandonados da época fabril e operária.

O Juventus, no entanto, não seguiu o mesmo caminho de outros clubes de bairro: sobreviveu, ainda que nas divisões inferiores do futebol brasileiro, e em 1983 chegou a vencer a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. A Mooca, por sua vez, tornou-se um bairro residencial de classe média que hoje assiste a uma revalorização impulsionada por sua localização agora central, já que a cidade se expandiu enormemente. E o Estádio Conde Rodolfo Crespi (figura 29), na Rua Javari, permaneceu no mesmo lugar (figura 30), incrustado entre casas, pequenos comércios, uma igreja e uma creche, não cedendo nem à especulação imobiliária (como o cotonifício, que hoje é supermercado) e nem à modernização, estando até hoje sem iluminação,

quase invisível pra quem passa do lado de fora em dias sem jogo.

Figura 29 – Foto aérea do Estádio Conde Rodolfo Crespi, na Rua Javari, Mooca, zona leste de São Paulo



(fonte: classicoeclassico.sites.uol.com.br – acessado em 25/02/2009)

Figura 30 – Localização do distrito da Mooca, na zona leste de São Paulo



(fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/> – acessado em 25/09/2008 –

autor: Rodrigo C. Braga – adaptado por Danilo H. V. Cajazeira)

A torcida do Juventus, porém, não resistiu à espetacularização do futebol e ficou reduzida a moradores do bairro mais velhos e outros mais novos, mesmo que torcedores de outros times, que tinham no estádio um lugar de memória e de encontro, de passeio. Apesar disso, um corinthiano que estava amargurado com o cotidiano dos grandes e que era um mooquense antigo acabou por fundar a Ju-Jovem, torcida organizada do Juventus que existe até hoje com a faixa sempre presente na Rua Javari, mesmo que com pouquíssimos adeptos (entre eles, o próprio fundador, “Serjão”).

E no ano de 2000, o Juventus foi palco de algo novo no futebol brasileiro: inspirados pelas *hinchadas* (torcidas) argentinas, que apóiam suas equipes fielmente por menores que estas sejam, um grupo de jovens também desiludidos com o futebol dos grandes e as restrições nos estádios criou uma nova torcida pro Juventus, a Ju-Metal, e passou a freqüentar o estádio do time, tido como “templo anti-moderno”⁹¹ do futebol por suas relações espaciais muito menos disciplinadoras e normatizadoras e seu conteúdo histórico farto e cheio de “causos” pra contar – já que seus freqüentadores eram quase todos senhores que vivenciaram a trajetória do futebol no bairro⁹² e do próprio bairro.

Desse sincretismo entre a estética e o apelo argentino e a memória do bairro personificada nos torcedores do Juventus e na própria equipe e seu estádio, surgiu então um outro movimento, herdeiro da Ju-Metal: o Setor 2, organizado à moda argentina em quase tudo, da organização interna de *hinchada* até as bandeiras, frases e cantos – um tanto quanto carregados de “portunhol”, mas também apologéticos de uma cultura do bairro e da cidade, como paródias dos Demônios da Garoa⁹³. A evocação do passado fabril da Mooca também é feita, em imagens, camisetas e cantos. “Resgata-se” uma memória que é na verdade inventada, transposição e revalorização de uma identidade espacial em defasagem com o próprio espaço. A ideologia, aqui, é colocada antes do sentimento, e muitos “ex-torcedores” de times grandes que gostam da atmosfera da Rua Javari, de

91 Por “moderno”, para os juveninos, costuma-se entender a transformação das equipes em empresas e dos estádios em espaços do constrangimento exacerbado começada nos anos 1990 e em curso até hoje.

92 O futebol de várzea na Mooca sempre foi muito forte e organizado, e até hoje é referência para os mais antigos na várzea da cidade.

93 O clássico “Saudosa Maloca”, por exemplo, tem sua letra modificada pra contar a história do Juventus, com um refrão que diz “Moleque Travesso / Da Mooca querida / Campeão Brasileiro, 83, que alegria”.

resgate de uma vida de bairro, passaram a ser torcedores do Juventus⁹⁴. De certa forma, torcer pro time grená da Mooca passou a ser uma marca espacial de distinção, de pertencimento a um grupo alternativo que tem um espaço próprio em um bairro com uma história sócio-espacial e cultural viva – coisa cada vez mais rara na metrópole – ainda que em mutação por conta da especulação imobiliária, que aos poucos traz condomínios fechados de classe alta para o bairro.

E como não poderia deixar de ser, o Setor 2 também “elegeu” um rival, um outro para o Juventus: o Nacional Atlético Clube, da Barra Funda, já citado no primeiro capítulo. O NAC, como é conhecido, tem história similar à do time da Mooca: nascido dos operários da São Paulo Railway que construíam as ferrovias, instituído num bairro industrial e operário, time pequeno; só que a Barra Funda tornou-se lugar de passagem e o Nacional tornou-se um “time sem torcida” e um clube com poucos sócios que dá muito mais ênfase ao futebol amador do que ao profissional. Teve seu estádio, que antes chamava-se Nicolau Alayon, “cedido” à Kaiser e renomeado Arena Kaiser (figuras 31 e 4), sendo sede mais de jogos de várzea do que profissionais.

94 Exemplo empírico do que escreveram MASCARENHAS e GAFFNEY: “(...) acreditamos que esta nova ordem, esta nova anatomia política dos estádios, não se disseminará completamente. Tampouco será acatada plenamente pelos usuários dos estádios. Há o torcedor contestador e as torcidas organizadas, com potencialidade de contraposição às estratégias de controle, gerando constantes conflitos com a nova ordem constituída. E sobretudo persistem os pequenos e/ou velhos estádios, aqueles onde o circuito milionário do futebol não circula. Pertencem a um outro circuito, marginal, mais informal, onde a arquitetura e o ordenamento espacial são bem mais flexíveis. Onde a tradicional cultura do futebol pode se realizar, com sua linguagem própria, sua interlocução intensa entre o torcedor participante e os que estão em campo de jogo. São estádios que ainda expressam uma cultura regional, que interagem com o lugar onde estão inseridos. Uma outra geografia” (2004, p. 12).

Figura 31 – Estádio Nicolau Alayon/Arena Kaiser, na Barra Funda, zona oeste de São Paulo



(fonte: classicoeclassico.sites.uol.com.br – acessado em 11/03/2009)

Chamando o campo do rival de “charco”, o Setor 2 tem como principal evento o “clássico Juve-Nal”, e já tentaram inclusive incentivar jovens da região da Barra Funda a torcer pelo Nacional, para ver se assim as provocações obtinham resposta⁹⁵.

Do ponto de vista do urbano, é interessante notar que a “escolha” do “rival”, que antes disso não tinha nenhum histórico de rivalidade com o time da Mooca, contrapõe um discurso de “sucesso” de um cotidiano de bairro com um discurso de “fracasso” desse mesmo cotidiano, criando um conflito espacial inexistente e, mais ainda, que foi estabelecido ideologicamente e *a priori* por torcedores que muitas vezes *não eram* moradores da Mooca, embora por vezes tivessem alguma relação com o bairro. Além disso, o Setor 2 recria estética (figuras 32 e 33) e estruturalmente valores de uma vida de bairro argentina a-espacializada, que tem um conteúdo e uma forma diretamente derivados do processo de urbanização e metropolização de Buenos Aires que possibilitou a formação de bairros bem enraizados culturalmente na geografia da metrópole e de equipes de bairro que criaram raízes igualmente sólidas o bastante para não desaparecer como as da

⁹⁵ Certa vez, um torcedor do Juventus foi expulso do Nicolau Alayon em pleno “Juve-Nal” por distribuir panfletos que continham um “moleque travesso” urinando sobre o símbolo do Nacional; e em quase todo jogo, o Setor 2 entoava cantos insultando o “rival” e a Barra Funda.

São Paulo de bairros do começo do século XX. Dessa forma, há um descompasso entre o discurso e a realidade, entre a apropriação de uma forma e sua transformação em conteúdo por conta desse descompasso.

Figura 32 – Foto da *La Doce*, hinchada do Club Atlético Boca Juniors, da Argentina, em seu estádio, *La Bombonera*, no bairro operário da Boca



(fonte: <http://media.photobucket.com/> - acessado em 02/03/2009)

Figura 33 - Foto do Setor 2 na Rua Javari, com seus “trapos” e “tirantes” *a la* Argentina



(fonte: <http://farm3.static.flickr.com> – acessado em 02/03/2009)

Uma vez que esse processo iniciado pelo Setor 2 se espalhou mais tarde (sem aparentemente ligação direta) por outras torcidas brasileiras, faz-se necessário aqui um outro tópico analisando o surgimento dessas novas torcidas a partir da comparação entre a urbanização de Buenos Aires e a de São Paulo para, enfim, indo do metropolitano Corinthians ao discursivamente “bairral” – mas especialmente também metropolitano – Juventus, chegarmos ao que pode ser descoberto de mais novo nos espaços do torcer paulistas – e, no caso, brasileiros.

3.7 As *hinchadas* argentinas e as “barras mansas” brasileiras: o espaço sem memória ou a memória sem espaço?

O fim do século XIX na Argentina foi fortemente marcado por um conjunto de inovações técnicas da produção, como o aramado dos campos e a melhoria dos pastos. O grande progresso tecnológico, no entanto, foi representado pela ferrovia, que acelerou a unificação do Estado Nacional articulado no porto de Buenos Aires. Especialmente, a ferrovia forneceu uma nova configuração ao território argentino e redesenhou o mapa da circulação econômica, acabando com a então centralidade do eixo fluvial e, assim, ajudando a reduzir disputas territoriais (FAUSTO e DEVOTO, 2004, pp. 124-125). Assim, o alargamento da rede ferroviária implantou uma nova dinâmica territorial que unificou os mercados do interior com o mercado de Buenos Aires. A Grande Buenos Aires consolidou-se então como centralidade técnica e científica de um território macrocéfalo. No início do século XX, a população já é majoritariamente urbana; Buenos Aires já era, então, uma incipiente metrópole. Em 1913, inaugurava-se a primeira linha do metrô.

Nessa realidade, as categorias do trabalho e os espaços da cidade consolidaram-se bastante cedo, criando aos poucos uma noção de cidadania e de pertencimento em seus habitantes. Nesse cenário, o futebol argentino não só surgiu como consolidou-se enquanto prática urbana bastante cedo: em 1901 as seleções argentina e uruguaia já se enfrentavam. Os clubes, nascidos em um território organizado para a exportação e macrocéfalo, se concentraram em Buenos Aires, cada bairro com um ou mais clubes, e o torcer também foi se consolidando enquanto prática conforme o futebol popularizava-se. As *barras*, categoria dos *hinchas* (torcedores) mais violenta, surgiram da própria dinâmica de bairros do futebol argentino: quando ia jogar fora de casa, a equipe convidava esses torcedores, que na verdade eram conhecidos e amigos de bairro, a irem fazer a segurança em caso de qualquer problema.

As *hinchadas* argentinas, assim, nunca tiveram uma estruturação jurídica imposta pelo Estado, como observou SEABRA sobre os clubes de bairro de São Paulo na década de 1930. Eram

organizadas organicamente entre seus membros, quase sempre com um *capo*, ou seja, um líder informal reconhecido pelos outros. Pra além da devoção ao clube, estava a devoção ao bairro enquanto coletividade.

São Paulo, como observamos, além de muito maior, teve uma urbanização muito mais tardia e muito mais acelerada. As categorias (do trabalho, do cotidiano, da vida) nem sequer se punham e já estavam sendo sobrepujadas por uma nova velocidade do território, sempre sobredeterminado por influências econômicas externas. A própria dinâmica de fechamento dos clubes de bairro e de surgimento das torcidas organizadas enquanto suas herdeiras apenas na década de 60 exprime a própria criticidade de urbanização paulistana; o que não quer dizer que a urbanização bonairense não seja crítica – ela é, porém teve tempos e velocidades diferentes.

Dessa forma, na metrópole contemporânea, Buenos Aires carrega consigo uma herança cultural muito mais antiga e enraizada do que São Paulo. As categorias de pertencimento estabeleceram-se de forma mais homogênea e sólida (e também mais normatizada e disciplinadora), incluindo nisso a de torcedor. Isso se exprime, por exemplo, na constatação de que o minuto de silêncio antes do início de uma partida em homenagem a alguém é absolutamente respeitado pelos torcedores em Buenos Aires – a *hinchada* toda cai em silêncio sepulcral – e completamente ignorado em São Paulo. O torcedor organizado paulista herda a cultura do clube de bairro, com sua instituição jurídica obrigatória. Ele passa a ter que se fazer ser ouvido frente ao clube, instituição privada, e ao estado. O *hincha* argentino não: ele é tratado como parte importante do espetáculo, aparecendo em estátuas, na televisão, sendo reconhecido e aplaudido em jornais – algo parecido com o que acontecia com o torcedor-símbolo das torcidas uniformizadas brasileiras, porém sem a distinção social de elite. O *hincha* já tem a sua categoria reconhecida histórica e socialmente, ainda que também marginalizada.

Isso se exprime também midiaticamente quando da cobertura da violência: o jornal argentino Olé! de 16/03/2009, em reportagem relatando um incidente envolvendo tiros entre dois grupos que brigam pelo controle interno da *barra* do Boca Juniors, a *La Doce*, nomeava os

envolvidos, colocava suas fotos e cobrava punição a eles, não à toda a *barra*, muito menos cobrava a extinção da mesma como se faz por aqui. O torcedor, embora também tratado como massa, consumidor, cliente numerado⁹⁶, é também reconhecidamente um ator integrado ao espetáculo – que é violento da mesma maneira. O preço dos ingressos para o setor popular é o mesmo para todos os times da principal divisão argentina, uma conquista dos *hinchas*, enquanto no Brasil cada clube cobra o que quiser, ocasionando por vezes um superfaturamento proposital em relação à torcida visitante, principalmente quando o time mandante sabe que o visitante irá atrair muitos torcedores, por vezes mais que o próprio time da casa.

Chegamos então ao ponto central desta comparação. Recentemente, no Brasil, a popularização da Internet e as crescentes medidas estatais proibitivas e opressoras nos estádios, somadas à intensa propaganda pela transformação do estádio em um espaço de consumo, comandada na mídia impressa notadamente pelo jornal “Lance!”⁹⁷, que a todo instante cobra um arrochamento ainda maior das organizadas e até mesmo a cobrança pelos clubes de *royalties* pelo uso que estas fazem de seus símbolos, levaram a muitos torcedores a se colocar como o outro da torcida organizada, aquele que só quer se juntar aos amigos e apoiar seu time “incondicionalmente”. Nesta idéia, a responsabilidade social e jurídica da torcida organizada inexistente: ela não é mais uma instituição, um coletivo com sede própria, geograficamente referenciado e reconhecido, que luta por uma conquista simbólica do espaço urbano; esta nova torcida é organizada de forma efêmera e pela Internet (quase sempre) ou por outro meio de comunicação funcional. É um agrupamento de consumidores, que não nega o outro da torcida organizada, mas o abandona e se contrapõe de

96 Em 15/04/2009, acompanhei ao jogo Boca Juniors x Argentinos Juniors, no estádio do Boca Juniors, conhecido por *La Bombonera*. Desde a compra do ingresso até a entrada no estádio, todas as ações de organização do espaço tomadas pelos responsáveis pelo jogo tratavam de separar funcionalmente e de modo que nem sequer se vejam os torcedores de cada setor do estádio. As ruas são fechadas e permitidas apenas a quem tem entradas em mãos ou mora em uma das casas do bairro. Entrei e saí do estádio sem nem sequer ver ou ouvir a torcida visitante, que estava no setor acima do meu. E não vi sequer um policial correndo as arquibancadas aonde estava durante o jogo. A intervenção espacial, aqui, faz de tudo para que nada possa romper a rotina programada do espetáculo – ao menos dentro e no entorno do estádio, já que, como dito, longe dele grupos de torcedores trocaram tiros. O entorno do estádio do Boca, aliás, comporta inúmeras lojas de artigos esportivos, a maioria referente ao Boca, no que poderia ser considerada uma versão periférica da idéia de “arena” européia, abordada mais à frente.

97 Comprei seguidamente o Lance! por um ano. Em todo esse tempo, sua linha editorial sempre foi a de marginalizar o torcedor e cobrar soluções empresariais ou mesmo declaradamente repressoras, como o fim das torcidas organizadas.

acordo com o discurso da mídia, como forma de se afirmar no espaço do estádio e de ter seu direito de ver o jogo “em paz” respeitado. A impossibilidade do encontro coloca o individual – e seus direitos inalienáveis – contra qualquer possibilidade de coletivo, de conteúdo; a própria forma se torna, outra vez, conteúdo.

Neste processo, a busca por uma “nova” identidade, alternativa como no caso do Setor 2, mas agora não mais romântica ou ideológica e sim meramente clientelista, acaba por trazer para um estádio que é cada vez mais espaço sem memória (por conta das inúmeras restrições e da imposição da forma mercadoria que o aliena de seu passado de festa) a memória sem espaço, a memória a-espacial, a forma colada no conteúdo, transformada em espetáculo alienado espacialmente, que se expressa exemplarmente nos cantos e faixas em portunhol. As idéias de “não ofender a outra torcida” e de não haver hierarquia – desnecessária num tempo espacialmente suprimido – fazem analogia perfeita com o *fair play*, ou jogo justo, ou existência desinteressada e sem conflitos, cobrada dos jogadores. A relação que se põe e repõe é a de cliente e consumidor, o que traz de volta com força a possibilidade do sócio-torcedor, ou seja, o bom consumidor que ganha prêmios e vantagens aparentes – na verdade, não são mais que direitos não-cobrados coletivamente – por seu bom comportamento e pagamento em dia. Observa-se uma volta à tutela institucional do clube e do estado, tutela essa que é vigilante e constante; é o triunfo da vontade individual sobre a possibilidade de construção coletiva de acordo com o imediatismo social do urbano.

Estas novas torcidas brasileiras, das quais citei anteriormente o Núcleo 1914 e os São Paulinos na Geral, são frutos dessa nova orientação rigidamente disciplinadora, controladora e normatizadora dos espaços do torcer. São a expressão da crença na técnica – uma vez que colocam a superioridade de outras práticas do torcer sobre a brasileira nas bandeiras, cantos e outros adereços que o espaço sem memória e a alienação espacial não lhes permite ver que sempre houveram aqui – enquanto superação do conflito, exemplarmente colocada no estatuto encontrado

no sítio da Internet⁹⁸ do “Movimento Popular Legião Tricolor”, grupo de torcedores do Fluminense Football Club que de movimento popular – social e espacialmente falando – não tem absolutamente nada (grifos meus):

“Estatuto Movimento Popular Legião Tricolor

- 1 - O fundamento básico deste grupo de torcedores é o de cantar, incentivar e apoiar, incansavelmente, o Fluminense Football Club - FFC;
- 2 – O único símbolo a ser exaltado é o escudo do FFC;
- 3 - Não existe uniforme. Se existisse, seria a camisa do FFC;
- 4 - A Legião Tricolor não exalta o próprio nome. Quem entra em campo é o FFC;
- 5 - A Legião Tricolor não apoiará, de nenhuma forma, vaias aos jogadores durante a partida. Uma vez em campo, a melhor coisa que pode acontecer para o time é o sucesso deste jogador;
- 6 - **A Legião Tricolor é a expressão mais pura do que é o torcedor do FFC.** Não nos preocupamos em “competir” com nenhuma torcida organizada;
- 7 – O torcedor que não faça parte da Legião Tricolor é tão FFC quanto qualquer um de nós;
- 8 - **Não teremos nenhum interesse político dentro do FFC;**
- 9 - Não teremos, nunca, qualquer ligação com partidos políticos;
- 10 - Todos aqueles que desejam empurrar o FFC são bem-vindos”

Entretanto, enquanto possíveis rupturas com uma forma de torcer institucionalizada que se aliena e aliena o espaço, algumas destas torcidas, como o Setor 2, a Geral do Grêmio, de Porto Alegre, e a Popular do Inter, também de Porto Alegre, desenham um movimento dialético interessante, principalmente ao não negar ou se opor às torcidas organizadas. Porém, seu apelo por

98 <http://www.legiaotricolor.com.br/>. No sítio, pode-se encontrar “dicas” de como cantar no estádio: “Cantar em tom mais baixo e confortável é uma boa dica, pois é possível assim cantar por muito mais tempo, cantar não é gritar. Cada um deve encontrar o tom certo para prolongar o canto por no mínimo 90 minutos, NO MÍNIMO”; é (um)a técnica tomada enquanto conteúdo. Ao mesmo tempo, o movimento se diz “100% espontaneidade”.

ser popular é quase sempre falho por trazer uma forma a-espacial completamente desvinculada do conteúdo social dos estádios brasileiros – no Sul, ela alcançou algum êxito pela proximidade da cultura local com a cultura argentina, mas mesmo assim ainda causa estranhamento.

Ao intervir no espaço do estádio, o Estado acaba por fazer dos espaços do torcer cada vez mais clivagens de oposição e confronto espetacular entre as classes sociais, com uma orientação que vai no sentido de fomentar o surgimento dessas “barras mansas” (nome irônico dado por alguns torcedores de organizadas para as novas torcidas em oposição ao termo argentino *barrabrava*⁹⁹, que designa o setor mais agressivo e violento das *barras*), a volta dos programas de sócio-torcedor e o desaparecimento das torcidas organizadas e suas formas populares do torcer; é o torcer com fim em si mesmo, e não como meio para a festa. O urbano da metrópole funcional e funcionalizada, segregada e segregadora, fragmentada e fragmentadora, orientada pela propriedade privada, pela intervenção estatal e pela especulação imobiliária, encontra no estádio uma esfera de reprodução material e ideológica, e este por sua vez torna-se cada vez mais aparelho de controle.

À guisa de (in)conclusões finais, portanto, cabem algumas considerações sobre esse novo estádio que se desenha rumo à Copa de 2014, que aqui será sediada.

99 Os *barrabras* são tão instituídos na cultura torcedora argentina que deram margem inclusive ao aparecimento de uma marca de roupas com frases e imagens típicas de seu comportamento, a *Barrabrava*, algo exemplar da transformação de uma prática espacial em mercadoria, ou ainda da apropriação dessa prática pelo mercado e da entrada de mais uma mercadoria na mediação da relação entre o torcedor, o estádio e o futebol.

4. Pós-jogo: Considerações Finais

Reservei este último momento da pesquisa para fazer um desdobramento da análise no sentido da Copa de 2014, a ser realizada no Brasil, porque, uma vez que o mesmo processo reprodutor do urbano é o responsável pela reprodução do sistema do futebol na metrópole em seus espaços do jogar e do torcer, acredito que os impactos no espaço urbano que se farão sentir com as intervenções necessárias para abrigar a Copa dirão respeito a todos os espaços, ainda que muito mais aos espaços do torcer. Recapitulemos, então, a isto.

O urbano, em seu movimento expansionista, descreve um mesmo processo lógico dialético por todo o mundo. Enquanto processo, baseia-se na apropriação do espaço pelo capital em sua forma industrial, que acarreta na sua conseqüente produção e reprodução. A forma com que esta apropriação se dá, no entanto, diferencia-se, sofre influência de diversas outras determinações, históricas, sociais, geográficas. Neste sentido, as particularidades da difusão do futebol na Inglaterra e em São Paulo acompanharam as diferentes formas de apropriação do espaço pelo capital industrial. Na Inglaterra, segundo o historiador Hilário FRANCO JÚNIOR, os acontecimentos sócio-políticos recentes fizeram com que no futebol se abandonasse “(...) em 1876 o *dribbling game*, a forma individualista de os burgueses ingleses jogarem, na qual o desempenho pessoal era mais importante que o coletivo. Desde então prevaleceu o *passing game*, o jogo solidário dos operários” (2007, P. 30). Já em São Paulo, e de forma generalista no Brasil como um todo, a urbanização mantenedora das relações de poder escravocratas opuseram não só burguesia e operariado, mas também, e talvez fundamentalmente, brancos e negros, ricos e pobres. Os times da elite branca praticavam o futebol inglês já dominado pelo *passing game*, já que assim fora demonstrado e instituído ao aqui chegar, enquanto os times de bairro, recheados de operários, negros e pobres, reinventavam-no de forma tão criativa e potente que, no futuro, seria o drible a maior característica do futebol brasileiro, imortalizado nas figuras de Pelé e Garrincha.

À medida em que o urbano se autonomiza da industrialização e transforma-se em processo

mundial, no entanto, instaura-se uma sobredeterminação do econômico, que passa a reproduzir as relações sociais de produção por todas as esferas da vida, colocando a mercadoria como mediadora única das relações sociais, totalitarizando a troca econômica enquanto principal determinadora do modo de vida da população mundial. O sistema do futebol, dessa forma, embora ainda bastante relacionado com o processo de produção e reprodução do espaço urbano, ganha certa autonomia em algumas de suas formas de manifestação, instalando-se enquanto negócio independente da metrópole, ou melhor, cortando pouco a pouco as raízes particularizadoras de sua gênese nesta ou naquela cidade. A qualquer tempo, é possível encontrar pessoas vestindo camisetas dos principais times do futebol europeu na grande maioria das cidades, graças principalmente à difusão da indústria da informação e do papel protagonista da técnica e da mídia na propagação do negócio do futebol. Ao mesmo tempo, é muito comum também encontrar pessoas usando as camisas de seus times de várzea, camisas que representam seu lugar, seu bairro, seu espaço. A mesma lógica contraditória que urbaniza enquanto impede o uso do urbano cria a possibilidade de reprodução do sistema do futebol, ainda que não mais tão sistema, em suas diversas formas e conteúdos. Cria e recria espaços do jogar e do torcer, causa conflitos, e retroalimenta o impulso urbanizador – não são poucas as equipes de várzea de lugares distantes do centro da metrópole que tem membros ou mesmo toda a equipe envolvida em lutas por moradia, saneamento, infra-estrutura – ou seja, lutas pela urbanização. E não são poucas as equipes, entidades e instituições que cercam o sistema do futebol e tratam de o reproduzir através da forma mercadoria, até mesmo frente a outras formas urbanas de jogo: perto do fim da pesquisa, recebi o email que consta do anexo X, onde uma dessas entidades reage com indignação a uma propaganda de um torneio de *fútbol rápido*, versão latino-americana do *indoor soccer*¹⁰⁰ estadunidense muito confundida com o *showball*¹⁰¹ – showbol, no

100 O *fútbol rápido* ou *indor soccer* consiste em uma espécie de meio-termo entre futebol *society*, *futsal* e hóquei: quadra de grama sintética, 6 jogadores para cada lado, e paredes nas laterais, fazendo com que a bola só pare nos gols e faltas ou quando algum jogador a chuta por cima de tais paredes (sendo que um chute desse proposital configura penalidade contra a equipe infratora). Em sua própria forma, nome (na versão latina) e regulamento básico, pode-se perceber que a velocidade, o ritmo frenético, são os objetivos da modalidade. Algo que o *futsal*, o futebol *society* o futebol de campo tentam reencontrar para acompanhar a mesma velocidade e ritmo frenético cada vez maior da própria reprodução do urbano, do espaço enquanto mercadoria, do capital em si. O sítio na internet

termo aporuguesado – por aqui, que por sua vez é confundido normalmente com o próprio futebol *society*. Veiculada pela internet, tal propaganda, chamada de “enganosa” pela entidade em questão, a Liga Nacional de Futebol 7 *Society*, utiliza imagens da Seleção Brasileira da modalidade, que vai mesmo participar do torneio, mas não explica que o torneio é na realidade de *fútbol rapido*. A indignação pela confusão de modalidades é, na verdade, uma briga interna política entre a CBF7S, que permitiu a participação da Seleção em tal torneio, e a entidade, que defende a exclusividade de sua mercadoria principal, o futebol *society*, lutando contra o que entende por ser uma corrupção de seus conceitos de “ética, honestidade e seriedade”, nas palavras da própria Liga.

Atravessado, portanto, pela metrópole que impossibilita aqui para recriar ali os seus espaços, o sistema do futebol vê em seu caráter espacial uma mudança cada vez mais em curso que, de meio para a festa, o transforma em fim em si mesmo, em mercadoria, em consumo. E enquanto consumo, na metrópole, aparece normatizado e formatado de acordo com cada lugar, cada espaço; porém, apesar de autonomizado do urbano pelo econômico no que diz respeito às suas formas, seus conteúdos continuam a revelar-se dialeticamente imbricados ao mesmo urbano, de festa à mercadoria, de encontro a confronto. É, assim, um *sistema aberto*: ao mesmo tempo em que se reproduz em consonância com a expansão urbana, se move para diferentes lados e em direção à recriação das formas atuantes e ao surgimento de formas novas dentro de seu próprio processo de funcionamento e retro-alimentação. Não se fecha em um circuito espacial definido, mas também não acontece espontaneamente; não aparece enquanto fenômeno e sim enquanto processo impulsionado por uma mesma lógica dialética, a do capital industrial no urbano.

Nos espaços que cria e recria, para o jogar e para o torcer, de meio para o encontro e a esta, entretanto, o sistema do futebol transforma cada esfera do jogo em fim em si mesmo.

101 oficial da instituição que controla o esporte é <http://www.fifra.org/>
Já o *showball* ou *showbol* é uma adaptação mercadológica do *indoor soccer* feita no Brasil onde contratam-se ex-jogadores (veteranos) das grandes equipes profissionais de futebol de campo para jogos regionais, nacionais e até mesmo uma seleção brasileira, que disputa regularmente amistosos e torneios contra outras seleções de iguais conteúdo e forma, principalmente as latino-americanas (a da Argentina, por exemplo, conta com o polêmico craque Maradona em seu elenco). As regras do esporte têm pequenas diferenças para as do *indoor soccer*, estando as duas modalidades em busca de uma padronização comum das mesmas para efeitos de disputas internacionais. Sítio oficial do *showbol* brasileiro: <http://www.showbol.com/>

4.1 De meio a fim: normas e formas

No começo de sua instituição enquanto esporte moderno, segundo FRANCO JUNIOR, “como toda normatização (de leis, regras, estatutos, dogmas, princípios, costumes) oral ou escrita, consentida ou imposta, de procedência individual ou grupal, também a do futebol era resposta a certas demandas coletivas. A maior delas talvez fosse a manutenção da ordem estabelecida, porque tal como era jogado até então o futebol podia provocar violência e desordem. A regulamentação dele fazia parte do processo que desde o século XVIII visava domar e dominar o corpo, submetendo-o ao poder socialmente instalado” (2007, p. 28). Ao chegar ao Brasil, no entanto, o jogo encontrou uma realidade espacial que lhe permitiu ir além da regulamentação, se transformar em meio para a festa, como colocou SEABRA.

Invadido o espaço urbano pela mercadoria e transformada a cidade em metrópole, o futebol então se tornou basilarmente fim em si mesmo, seja no jogar ou no torcer. De encontro, tornou-se confronto: as normas do mercado, do capital urbano no espaço, criaram formas espaciais consumíveis, tanto no futebol amador quanto nas arquibancadas. A velocidade da troca, cada vez mais acelerada, impede quase sempre o encontro para além das normas e das formas. E nesse impedimento, está o corpo, controlado, normatizado, dilacerado pelo espetáculo.

Segundo DEBORD, “quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência a *fazer ver* (por diferentes mediações especializadas) o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana. (...) Mas o espetáculo não pode ser identificado pelo simples olhar, mesmo que esteja acoplado à escuta. Ele escapa à atividade do homem (...). É o contrário do diálogo. Sempre que haja *representação* independente, o espetáculo se reconstitui” (1997, p. 18). Neste sentido, ao mimetizar em cabelos, chuteiras, camisetas, comemorações de gol, cantos em espanhol etc. o espetáculo do profissional ou do novo, os espaços do torcer e do jogar apontam para um questionamento importante: na Cidade

Espetaculosa, na metrópole, caminhamos para o fim do corpo?

A adequação imagética e corporal ao espetáculo e à cidade, aos tempos do capital veloz, traz cada vez menos conteúdo às formas do sistema do futebol. Ao se encerrar em si mesma, e ao apartar de si grande parte da população através dos constrangimentos¹⁰², quer sejam da mercadoria, quer sejam da intervenção estatal, o futebol caminha no sentido de ter no corpo as representações do espetáculo, mesmo nos campos de terra batida da periferia mais erma. Implodido espacialmente, o sistema trespassa para o corpo a mesma normatização espacial que, apoiada na especulação imobiliária, evoca o futebol *society* para os espaços do jogar e o conceito de “arena” para os estádios: espaços segregados, controlados, disciplinados e extremamente funcionalizados. A cada nova forma, uma incidência ainda mais forte da norma, acentuando mais e mais o descompasso entre os conteúdos da vida social e os espaços do jogar e do torcer, escrevendo e inscrevendo no corpo o discurso mediador do espetáculo e da mercadoria, do espetáculo-mercadoria, da mercadoria-espetáculo.

Neste sentido, as “arenas”, ou os estádios multi-funcionalizados, são na verdade a anti-arena: no lugar da paixão, do inesperado, do confronto sem regras e sem escrúpulos entre o homem e a fera, está o homem-estorço de BENJAMIN, o consumidor padrão, o cidadão civilizado. E é às arenas modernas que dedico o último tópico deste trabalho.

4.2 O Morumbi, o Palestra Itália e o conceito de arena: rumo à 2014

Segundo SEABRA, “(...) é de se considerar que, nesse movimento de produção do espaço e reprodução das relações sociais de produção, sob a lógica capitalista, os conteúdos da vida social [transformem-se] muito mais rapidamente do que a materialidade das formas no urbano, podendo, inclusive, ficar em defasagem com o movimento dos conteúdos” (2003, p. 447). Os estádios de

102 Constrangimentos que se revelam inclusive na própria arquitetura do estádio: barras e placas de ferro, lanças com pontas, vidros à prova de bala, corredores estreitos para entrada e saída, entre muitos outros exemplos possíveis.

futebol encaixam-se nesta análise: enquanto os conteúdos da vida social, alienados espacialmente pela mercadoria e pela propaganda da Copa 2014, anseiam por uma “modernização”, as condições materiais dos espaços do torcer se tornam mais e mais obsoletas a medida em que se segue à risca um padrão imposto pela FIFA a todo o mundo, sem que pese a diferença da velocidade das transformações espaciais e sociais neste e naquele território. Assim, continuamos reproduzindo nossa síndrome da eterna defasagem, intervindo no espaço em busca de um conteúdo que existe apenas no discurso, mas que não foi ainda construído socialmente.

Alheia ao descompasso, entretanto, a normatização espacial dos estádios, assim, segue de acordo com a normatização espacial da cidade. A criação dos Setores VISA no Morumbi e no Palestra Itália, por exemplo, é sinônimo disso: espaços elitizados e funcionalizados, assemelhados ao torcer europeu ou a uma platéia de teatro, com direito a serviços exclusivos. São o princípio de um processo que busca transformar os dois estádios em “arenas multi-uso”, ou seja, concentração espacial de não-lugares (shopping, estacionamento, etc). O jogo de futebol, atividade fundamental e fundamentadora do espaço do estádio, torna-se apenas uma funcionalização possível, e desde que os consumidores do jogo estejam suficientemente disciplinados para não inviabilizar as outras funcionalidades da “arena”. O Morumbi caminha aos poucos nesse sentido, com a venda de setores para empresas privadas; o Palestra Itália, embora parado por conta da recente crise financeira mundial, já tem projeto aprovado pelo clube para uma reforma que o colocará no patamar das grandes “arenas” européias (figuras 34 e 35). São Paulo e Palmeiras, portanto, tem em seus projetos o grande trunfo para terem seus estádios escolhidos como sede paulista na Copa 2014, atraindo grandes investimentos para o clube dessa maneira.

Figura 34 – Foto aérea do Estádio Palestra Itália, nas Perdizes, zona oeste de São Paulo



(fonte: www.fussballtempel.net/ - acessado em 19/04/2009)

Figura 35 – Foto de divulgação do projeto da Arena Palestra Itália



(fonte: <http://i32.tinypic.com/> - acessado em 19/04/2009)

Essa “modernização”, que se desdobra em processo de valorização e desvalorização dos espaços em que se inscreve, tem como parceira a especulação imobiliária, que se vale do processo para atrair outras obras de grande porte e mesmo construir outros estádios. Estes “novos estádios”, ou “arenas”, “ (...) se convierten en nuevas centralidades. Alrededor de ellos se desarrollan las actividades de ocio. Son lugares percibidos de manera diferente. Se ofrecen diversas alternativas de consumo y de negocio. Hay locales comerciales, empresas de negocios, comercios, hostelería y por supuesto partidos de fútbol. Pero estos nuevos estadios, ubicados en la periferia, convierten a los asistentes a los partidos en meros ‘turistas’ del extrarradio de la ciudad. Tanto los promotores inmobiliarios como los constructores y los políticos defienden estas actividades alegando la necesidad de mejorar las áreas centrales de las ciudades y de paso, potenciar las actuales ubicaciones de los estadios” (DÍEZ, 2008). São projetos políticos que fragmentam ainda mais o espaço urbano e exacerbam a possibilidade de confronto (por tornar o espaço ainda menos pertencente, ainda menos valor de uso e ainda mais valor de troca), elitizam os espaços do torcer, da mesma maneira com que foi feito com o Carnaval e o sambódromo e as salas de cinema, hoje todas dentro de shoppings em São Paulo. E que não se resumem aos estádios: abarca aeroportos, hotéis, telecomunicações, segurança e diversas outras questões de política pública¹⁰³ que dizem respeito ao espaço urbano.

Um processo que foi visto na Alemanha para a Copa de 2006 e está sendo visto na África do Sul para a Copa de 2010. Que aparta ainda mais do urbano o morador da periferia. Que busca o negócio acima de tudo. E que pôde ser visto no processo de preparação do Rio de Janeiro para os Jogos Panamericanos de 2007, como colocam MASCARENHAS e BORGES: “vimos o quanto o Pan-2007 se encaixa no modelo empreendedorista de gestão urbana, ao articular em torno de si um conjunto de interesses privados com amplo apoio do poder público, conformando um projeto de

103 A revista Veja São Paulo n° 46, de 21 de novembro de 2007, traz matéria de capa intitulada “O que a cidade precisa fazer para receber a Copa de 2014” e que trata de todas essas questões. Em cada uma delas, a solução apontada pela revista é meramente técnica e de intervenção espacial – reiteração do projeto político liberal da própria Veja.

intervenção urbanística que, muito mais que se preocupar com a viabilidade do evento, voltou-se para a realização de grandes negócios, mormente desrespeitando a legislação ambiental e urbana. Outro aspecto do Pan-2007 foi a natureza autoritária de sua concepção, planejamento e execução, não abrindo canais de debate democrático sobre seus objetivos e impactos. Por fim, o Pan-2007 ratificou um modelo de desenvolvimento urbano segregacionista, ao concentrar suas intervenções no entorno da Barra da Tijuca” (2008, pp. 21-22).

Entretanto, continuam os autores, “(...) as resistências se fizeram notar, através da organização da sociedade civil. (...) O confronto entre dois modelos de gestão urbana se intensificou, e não permitiu, aos defensores do chamado planejamento estratégico, de cunho empreendedorista, ampliar a privatização e elitização do espaço urbano” (p. 22). E é com o foco neste confronto que eu gostaria de terminar este trabalho.

Estamos ainda há cinco anos da Copa, e até lá muito se pode organizar no que diz respeito a não permitir que o processo descrito aqui e confrontado no Rio se faça sem maiores resistências. As torcidas organizadas já estão em movimento. Há os novos movimentos de torcedores. Há o futebol de várzea, que se recria nas periferias. E há finalmente a academia, que nunca tratou o futebol como tema ou objeto de pesquisa sério, finalmente se interessando com força pela dimensão privilegiada de análise da sociedade e do mundo que este representa.

Penso que qualquer trabalho acadêmico deve servir como momento de análise e de reflexão sobre o mundo, sobre nossa posição no mundo. Nenhum trabalho é ou pode ser neutro. E sendo assim, finalizo minha graduação com um texto escrito em meio à ela, um texto que traz uma outra forma possível de se pensar um estádio enquanto um espaço do torcer, um lugar público, contraponto à decisão do Ministério Público de limitar a presença de torcida visitante nos grandes clássicos paulistas. Apresento meu outro estádio:

Meu outro estádio

Meu outro estádio seria público - e por isso meu.

Meu outro estádio seria uma obra executada a partir de uma pesquisa feita com quem iria usá-lo, os torcedores.

Meu outro estádio teria, no mínimo, 80.000 lugares.

Meu outro estádio ficaria perto de estações de metrô, teria ônibus gratuitos para as torcidas irem e voltarem dele, bicicletários pra incentivar o uso da bicicleta e conseqüentemente diminuir o trânsito em dias de jogos, ruas fechadas em seu entorno de duas horas antes a duas horas depois do jogo.

Meu outro estádio teria jogos em horários que fossem viáveis aos torcedores, consultados antes quanto a isso.

Meu outro estádio teria um espaço pras baterias das torcidas, teria disputa de baterias, faixas e bandeiras antes de jogos importantes, teria atrações que realmente interessassem e convidassem o torcedor antes e depois dos jogos - nada de cheerleaders americanóides.

Meu outro estádio teria ingressos a preços populares.

Meu outro estádio teria lugar pra quem quer ficar em pé, pra quem quer fazer avalanche, pra quem quer fazer porópopó, pra quem quer ficar na chuva, pra quem quer ficar sentado.

Meu outro estádio teria a renda de seus jogos revertida para sua própria manutenção.

Meu outro estádio teria praça de alimentação, com comida a preço acessível, sem superfaturamento.

Meu outro estádio teria torcidas igualmente divididas em clássicos, e pontos a menos na tabela do campeonato para os times cujas torcidas fizessem besteira.

Meu outro estádio não necessitaria de cacetetes e bombas de gás lacrimogêneo.

Porque meu outro estádio necessitaria, antes de mais nada, de uma outra legislação, mais severa

com os crimes de atentado ao bem-estar e ao patrimônio públicos, mais educativa e redistributiva de renda em relação à população que o utilizaria.

Meu outro estádio precisaria de uma outra cidade.

De um outro país.

De um poder que fosse, de fato, público.

E enquanto meu outro estádio está longe, meu estádio atual é cada vez menos meu.

Porque eu, dialeticamente, não consigo ser eu mesmo sem ter do outro lado o outro.

Que me arrancam aos poucos.

De dez em dez por cento.

5. Bibliografia

ALTOÉ, Sônia (org). *René Lourau: analista institucional em tempo integral*. São Paulo: Hucitec, 2004.

ASSUMPCÃO, Paschoalino. *História do futebol em Santo André*. Santo André: PUBLIC, 1990.

BACHEGA, Alexandre et al. *1975, a saga – a história do primeiro título do E. C. Santo André*. Santo André: Alfarrábio, 2006.

BENJAMIN, Walter. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. IN: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BORELLI, Viviane. *Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve revisão de estudos*. Campo Grande: XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Como é possível ser esportivo?* IN: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. *Novas contradições do espaço*. IN: *O espaço no fim de século: a nova raridade*. São Paulo: Contexto, 1999, pp. 62-74.

CARTA, Mino. *Histórias da Mooca (com a bênção de San Gennaro)*. Rio de Janeiro:

Berlendis&Vertecchia, 1982.

DAMIANI, Amélia Luisa. *A Geografia que desejamos*. IN: *Boletim Paulista de Geografia* n° 83 – *Perspectiva Crítica*. São Paulo: AGB, 2005, pp. 57-90.

DEBORD, Guy. *A sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DÍEZ, Jordi Blasco. *La especulación inmobiliaria de los clubs de fútbol en España*. IN: *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, Vol. XIII, n° 778, 15 de marzo de 2008. Acessado pela internet no sítio <http://www.ub.es/geocrit/b3w-778.htm> em 17/04/2009.

DUARTE, Orlando e TURETA, João Bosco. *Corinthians: o time da Fiel*. São Paulo: Nacional, 2008.

FARAH NETO, José Jorge e KUSSAREV JÚNIOR, Rodolfo. *Almanaque do futebol paulista 2000*. São Paulo: Panini, 2000.

FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo, Editora 34, 2004.

FLORENZANO, José Paulo. *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa, 1998.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HOBSBAWN, Eric. *A formação da cultura da classe operária britânica*. IN: *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. *Lógica Formal, Lógica Dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Espaço e Política*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MASCARENHAS de JESUS, Gilmar. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma Geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001 (tese de doutorado).

_____ e BORGES, Fátima Cristina da S. *Entre o empreendedorismo urbano e a gestão democrática da cidade: dilemas e impactos do Pan-2007 na Marina da Glória*. IN: *Esporte e Sociedade*. Rio de Janeiro: UERJ, Ano 4, n° 10, nov/2008/fev/2009.

_____ e GAFFNEY, Christopher. *O estádio de futebol como espaço disciplinar*. Florianópolis: Seminário internacional Michel Foucault – Perspectivas, 2004.

OLIVEIRA, Felipe Trafani de. *Setor 2: romantismo e loucura – uma análise etnográfica da barra do Setor 2 do C. A. Juventus*. Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais sob orientação da Profª Drª Mônica de Carvalho, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003 (tese de livre-docência).

_____. *Futebol: do ócio ao negócio*. Palestra proferida no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, setembro de 2006

SILVEIRA, María Laura. *Continente em chamas: Globalização e território na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

_____. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec, 2002.

Jornais

LANCE!, edições de 31/08/2007 a 01/12/2008.

Olé! (Argentina), edições de 16/03/2009, 23/03/2009, 12/04/2009.

Revistas

Carta Capital, edição de 12 de novembro de 2008, pp. 10-14.

Guia do Estado de São Paulo, edição de 16/11/2007 a 22/11/2007, pp. 6-12.

Veja São Paulo, edição de 21 de novembro de 2007, pp. 32-46.

6. Anexos

Anexo I

I Copa Autonomia

04 de setembro de 2005 no EE Rodrigues Alves
(Av. Paulista, 227) - das 18h às 22h

GRUPO A	GRUPO B
OsasCorinthians	Hermanos de Pelé
Restos de Nada	Tô Ti Vênu
MACD	Firmeza FC

Jogos:

18h - OsasCorinthians x Restos de Nada (juizes: Hermanos de Pelé)

18h30 - Hermanos de Pelé x Tô Ti Vênu (juizes: Restos de Nada)

19h - OsasCorinthians x MACD (juizes: Firmeza FC)

19h30 - Hermanos de Pelé x Firmeza FC (juizes: MACD)

20h - Restos de Nada x MACD (juizes: Tô Ti Vênu)

20h30 - Tô Ti Vênu x Firmeza FC (juizes: OsasCorinthians)

21h - **FINAL:** 1º Grupo A x 1º Grupo B (juizes: a definir)

Regulamento:

- 6 times participarão, em dois grupos de 3, fazendo na 1ª fase jogos de 1 tempo único de 20 minutos contra os outros times do mesmo grupo; o 1º do grupo A faz a final, que terá 2 tempos de 20 minutos, com o 1º do grupo B,;

- 2 cartões amarelos ou 1 vermelho suspendem o jogador do próximo jogo (se o próximo jogo for a final e houver acordo entre os finalistas, pode rolar um efeito suspensivo);

- em caso de empate na final, 3 pênaltis pra cada lado e depois cobranças alternadas;

- cada time precisa ter pelo menos um participante disposto a apitar um dos jogos da primeira fase (assim, todo time apita 1 jogo, sendo que os times do grupo A apitam no grupo B e vice-versa);

- tentem combinar uma cor de camiseta pro time e peçam aos

jogadores pra usá-la; se não rolar, rolará o velho e bom 'com camisa x sem camisa';

- os jogos da 1ª fase custarão R\$ 8 pra cada time, e a final custará R\$ 16 (pra cada finalista); sendo assim, o time que parar na 1ª fase gastará R\$ 16 (2 jogos), e o que for até a final, R\$ 32 (o preço da quadra é R\$ 32 a hora).

**contato, dúvidas e sugestões: amargo@gmail.com
(inscreva seu time para as próximas edições do torneio!)**

Anexo II

Regulamento – XI Copa Autonomia

1 - 12 times participarão, em 4 grupos de 3, fazendo na 1ª fase jogos só de ida contra os outros times do mesmo grupo, conforme a tabela divulgada; para a formação dos grupos, os times serão ranqueados da seguinte forma: 4 cabeças-de-chave, 4 times força 2 e 4 times força 3, sendo usadas como critério para esse ranqueamento as participações anteriores na Copa; os 2 primeiros de cada grupo se classificam para as quartas de final, em caráter eliminatório, seguidas de semifinais, decisão do 3º lugar e final; o emparelhamento das quartas será sorteado, respeitando os critérios de não haver repetência de jogos da primeira fase e nem enfrentamento entre dois campeões de grupo;

2 - os jogos da primeira fase ocorrerão no dia 31 de março, das 14h às 20h, sendo 2 grupos das 14h às 17h e 2 das 17h às 20h; a fase final ocorrerá no dia 06 de abril, das 14h às 21h; os times poderão indicar sua preferência por jogar a primeira fase no primeiro ou no segundo horário, mas se os interesses conflitarem e nenhum time abrir mão de sua preferência, tudo será decidido em sorteio;

3 - a fase final será precedida de um debate sobre futebol e autonomia e um show da banda Fora de Jogo; ao mesmo tempo, será lançado um zine com textos e fotos dos times participantes, sendo de responsabilidade de cada time escrever um texto de no mínimo 10 linhas e contribuir com R\$ 2,00 caso queira participar do zine; esta abertura será aberta e gratuita para todos os times, amigos e quem mais estes quiserem levar pra participar da festa;

4 - em caso de empate entre dois times em pontos na primeira fase, os critérios para desempate são, na ordem: número de vitórias, confronto direto, número de WOs (o time que tiver dado um WO perde), saldo de gols, gols pró, e disputa de pênaltis; se os três times do grupo terminarem empatados em tudo (CONFRONTO DIRETO NÃO CONTA), o time mais forte segundo o ranqueamento inicial (o cabeça-de-chave do grupo) estará eliminado;

5 - em caso de WO, o placar da partida será baseado na média da diferença entre os gols marcados e tomados do time vencedor (por exemplo: um time que venceu um jogo por 7 x 2 e teve seu segundo adversário vencido por WO terá média de gols marcados por partida de 7 e média de gols sofridos de 2; a diferença será de 5 (em caso de números quebrados, a diferença será arredondada sempre pra cima); se esta média for menor do que 3, o placar será 3 x 0;

6 - só será aceito WO de um time em seu primeiro jogo; se o time aparecer para o primeiro jogo e “sumir” na hora do segundo, será considerado desistente e conseqüentemente será eliminado da Copa, tendo todos os seus resultados anulados; se o motivo de um WO for a falta de jogadores, os 2 times poderão combinar uma forma alternativa de jogo (por exemplo, se um time só tem 3 jogadores e o outro time aceitar, o jogo poderá ser de 3 x 3 com gols apenas dentro da área - mas esta ou outra condição deverá ser aceita incondicionalmente pelos 2 times) ou o time com jogadores de menos poderá pegar algum jogador de outro time de fora emprestado, desde que seu adversário consinta, ou, em último

caso, o time com falta de jogadores poderá aceitar jogar assim mesmo, desde que tenha no mínimo 3 jogadores;

7 - só poderão participar da fase final os jogadores que tiverem sido relacionados nas súmulas da primeira fase, em qualquer um dos 2 jogos;

8 - todos os jogos terão 2 tempos de 10 minutos com 5 de intervalo;

9 - os jogos serão feitos sem arbitragem, desde que haja consenso entre os dois times; caso não haja, os lances polêmicos serão decididos por três pessoas determinadas pelos dois times e a mesa ANTES DO INÍCIO DO JOGO, não podendo ser essas pessoas jogadores dos times em questão, ou dos times do mesmo grupo, ou amigos da torcida de algum desses times;

10 - TODO JOGADOR QUE INICIAR OU PARTICIPAR DE QUALQUER CONFUSÃO ESTARÁ EXCLUÍDO AUTOMATICAMENTE DA COPA; nesses casos, será permitida a substituição do jogador expulso por outro do mesmo time;

11 - em caso de empate na fase final, teremos prorrogações de 1 tempo de 5 minutos; caso o empate continue, cobrança de 3 pênaltis pra cada lado seguidas de cobranças alternadas, se necessárias;

12 - os gols em disputa de pênaltis não contam para saldo de gols ou artilharia;

13 - tentem combinar uma cor de camiseta pro time e peçam aos jogadores pra usá-la; se não der, rolará o velho e bom 'com camisa x sem camisa';

14 - os jogos custarão R\$ 8,00 pra cada time por jogo, uma vez que o aluguel da quadra é de R\$ 32 por hora e haverão 4 times jogando a cada hora; o pagamento deve ser feito no início ou ao fim da partida a quem estiver de mesário na ocasião;

15 - cada time deverá contribuir com R\$ 10,00 para a compra de uma bola e 6 troféus (campeão, vice, terceiro colocado, artilheiro, goleiro menos vazado e supercampeão); a bola será do time campeão, assim como o troféu principal; os outros troféus caberão ao vice, terceiro colocado, artilheiro e goleiro menos vazado, sendo que para a contagem de artilheiro e goleiro menos vazado entrarão apenas aqueles que tiverem realizado no mínimo 3 jogos;

16 - o troféu de supercampeão será entregue ao campeão caso este consiga vencer o Autônomos FC, seleção dos melhores do campeonato escolhida por todos os times participantes seguindo critérios descritos abaixo; em caso de derrota, o troféu fica guardado para a próxima Copa Autonomia; o empate leva a decisão direto para os pênaltis;

17 - cada time receberá uma folha para escolher os 6 melhores jogadores (sendo 1 necessariamente goleiro) da XI Copa Autonomia, que formarão o Autônomos FC na disputa da Supercopa Autonomia; esta folha será entregue no início dos jogos e poderá ser devolvida até o último jogo da primeira fase, para o caso dos times que dela não passarem,

ou até o último jogo das quartas de final, para os classificados; não será permitido apontar jogadores da própria equipe para a seleção dos 6 melhores; caso o goleiro menos vazado e o artilheiro não estejam na lista dos 6 e nem no time campeão, serão incluídos na seleção; caso algum dos escolhidos não esteja presente ou não queira integrar a seleção, este será substituído por aquele imediatamente atrás de sua colocação, até completar um mínimo de 6 e um máximo de 8 selecionados, com no mínimo 1 goleiro;

18 - todos os times que tiverem possibilidade de levar uma bola, façam-no; se não o fizerem, correremos o risco de ficar sem bola, caso algo aconteça com a bola comprada para prêmio e usada durante toda a competição.

LEMBREM-SE: este é um campeonato independente, feito por todo mundo em parceria; não faz nenhum sentido arrumar confusões desnecessárias, uma vez que a copa não vale nada mais do que a diversão de estar jogando. Autonomia significa ter organização e responsabilidade suficiente pra conseguir construir coisas coletivamente, sem necessidade de chefes ou cartolas que mandem e desmandem como bem entenderem; sendo assim, é responsabilidade de todos os participantes a manutenção do espírito de confraternização coletiva a que a Copa se propõe – caso contrário, não haverá mais motivo para organizá-la num futuro próximo.

Anexo III

Bem vindos à Copa dos Campeões FutLiga Edição 08/09

Prezados amigos.

Sejam bem vindos à Copa dos Campeões FutLiga.

Este torneio é um evento idealizado e realizado pela [FutLiga](#), a 1ª liga 100% interativa da internet brasileira, desde janeiro de 2006, e com o apoio e a parceria da [Ônix Eventos](#) desde 2008.

O intuito desta competição é, antes de mais nada, reunir e integrar as diversas equipes e pessoas, associados e clientes, simpatizantes e amantes do futebol amador, em um evento onde as melhores equipes do [Ranking Anual FutLiga](#) se encontram em partidas eletrizantes.

Como o Ranking é dividido entre mandantes e visitantes, muitas vezes estas equipes não têm condições de se enfrentar. Daí surgiu a idéia de se organizar um campeonato de eliminatória simples, com uma chave de mandantes e outra de visitantes, onde os campeões de cada chave se enfrentam em uma grande final.

No seu quarto ano de realização, a Copa dos Campeões FutLiga já se consolidou como um grande evento, pois dá projeção aos participantes e mobiliza centenas de pessoas durante os dias de competição. Acompanhamos durante um ano inteiro a batalha das equipes para manter-se entre os primeiros lugares da tabela.

E este ano, não será diferente. Afinal de contas, pela primeira vez este evento será realizado na Zona Leste de São Paulo, mais precisamente no bairro do Jd. Anália Franco (Society) e Vila Matilde (FutSal).

Parabenizamos e desejamos boa sorte às equipes classificadas.

Para você, amigo associado, que não conseguiu se classificar, fica o convite para participar desta grande festa. Assim, nós da FutLiga teremos a oportunidade de conhecer os nossos clientes, os verdadeiros responsáveis pela grandeza e respeito que hoje o nome FutLiga carrega.

Estendemos este convite também às equipes que já foram associados e desejam retornar ao quadro, ou ainda para aqueles que têm interesse em ingressar na FutLiga. Será a oportunidade de conhecer um pouco do trabalho que realizamos pelo Futebol Amador.

Neste site, você poderá acompanhar os resultados de todas as partidas, além da disputa pela artilharia, suspensões e demais informações referentes à competição.

Para as equipes participantes da Copa, uma seção exclusiva para o

preenchimento da ficha de inscrição dos jogadores e comissão técnica. Para isto, basta você entrar com seu código e senha de acesso à liga e clicar novamente no link [Copa dos Campeões](#)

Sucesso a todos e bons jogos !!!

Sergio Menezes, Angelo Segatti e Ricardo Menezes
[Equipe FutLiga](#)

(fonte: <http://www.futliga.com.br/>, acessado em 12/08/2008)

Regulamento e Normas

REGULAMENTO

CAPÍTULO I

Das Finalidades

Artigo 1º - A **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**, organizada e dirigida pela **Evidência - Produção e Promoção de Eventos** e com apoio da **Federação Paulista de Futebol** e da **Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME)**, tem como finalidade promover o intercâmbio e o conagraçamento entre Atletas, Clubes e Entidades do futebol amador de São Paulo.

CAPÍTULO II

Da Participação

Artigo 2º - Serão convidadas 208 equipes para participar da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**, tendo prioridade, sempre a critério do **Comitê Dirigente** do evento, as equipes pré-selecionadas no ano de 2006 (**Copa Metropolitana**), juntamente com as equipes classificadas na **Seletiva Kaiser** realizada em 2006.

Único - As equipes somente terão condição de participação, se apresentarem no momento da devolução dos documentos exigidos, **ATA** de composição da **DIRETORIA**, com **REGISTRO** em cartório.

Artigo 3º - Poderão participar somente atletas amadores, no Estado de São Paulo, do sexo masculino, com idade mínima de 16 anos.

Artigo 4º - Toda equipe deverá apresentar relação de seus atletas, atestando a **condição de amador no Estado de São Paulo**, expedida pela **Federação Paulista de Futebol**.

Artigo 5º - O atleta poderá participar do evento somente por uma equipe.

Único - A duplicidade de participação será caracterizada pela súmula dos jogos, acarretando eliminação do atleta e sendo o fato encaminhado ao **Tribunal de Justiça Desportiva**, para apuração de responsabilidade da **Entidade**, a qual poderá também ser eliminada.

Artigo 6º - A equipe que iniciar ou incluir durante o decorrer do jogo, atleta que não conste da relação nominal ou que não atenda os requisitos exigidos por este **Regulamento**, tendo sua participação caracterizada através da súmula, será eliminada da competição através de ato administrativo, e seu caso será encaminhado ao **Tribunal de Justiça Desportiva** para possíveis outras punições.

Artigo 7º - Atletas participantes em dois ou mais eventos organizados pela **Evidência** e patrocinados pela **Kaiser**, se forem punidos pela **Justiça Desportiva**, poderão ter o cumprimento da pena disciplinar extensivo aos demais eventos, a critério do **COMITÊ DIRIGENTE**.

Artigo 8º - Está vetada a participação de atletas que estejam cumprindo pena disciplinar pela **Justiça Desportiva das Copas Kaiser (Guarulhos, ABCDRR, Zona Oeste e São Paulo)** e da **Copa Metropolitana (organizada pela Associação Paulista)**. Sua participação acarretará na eliminação da equipe, além de outras sanções aplicadas

pelo **Tribunal de Justiça Desportiva**.

CAPÍTULO III

Das equipes e atletas que participaram da Seletiva Kaiser

Artigo 9º - No mínimo **70%** do total de até 20 (**vinte**) atletas relacionados por uma equipe para a **SELETIVA**, isto é, 14 (**quatorze**) atletas deverão ser os mesmos a estarem relacionados para a **Copa Kaiser de Futebol Amador/07** em caso de a equipe ser classificada.

Primeiro - Os atletas de equipes classificadas na **SELETIVA** que forem substituídos (**6 no máximo**), poderão participar na **Copa Kaiser de Futebol Amador/07** por outras equipes, porém em equipes distintas e no máximo 1 (**um**) atleta por equipe.

Segundo - O atleta que integrar uma **EQUIPE NÃO CLASSIFICADA na SELETIVA**, poderá participar da **Copa Kaiser de Futebol Amador/07** por qualquer outra agremiação.

CAPÍTULO IV

Das Inscrições e Identificação

Artigo 10 - Só poderão participar da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07** os atletas previamente inscritos através de ficha específica (esta, acompanhada de uma foto recente e cópia do RG ou da nova carteira nacional de habilitação - com foto -), e com o respectivo atestado da Federação Paulista de Futebol, que deverá ser entregue na sede da Evidência (Rua Vergueiro, 2087 - 12º andar - conj. 1209/1210 - Vila Mariana - São Paulo - SP).

Primeiro - Atletas que já possuem "**Carteira de Atleta**", expedida

pela **Evidência** ou **Associação Paulista**, estão isentos da cópia do documento e da foto.

Segundo - Atletas que vieram da **Seletiva Kaiser/06** estão isentos de apresentar a cópia do documento exigido, porém devem trazer a foto ^{3/4}.

Artigo 11 - Os atletas deverão identificar-se ao mesário antes do início de cada partida. A **Carteira de Atleta Kaiser**, em poder do **Representante da Evidência**, é o documento legal para a condição de jogo do atleta inscrito.

Único - Na primeira participação do atleta, o mesmo deverá apresentar-se ao mesário munido da Cédula de Identidade (**RG**) **ORIGINAL**, emitida por Secretaria de Segurança Pública ou da nova **Carteira Nacional de Habilitação** - com foto - **ORIGINAL**. Não serão aceitos quaisquer outros documentos.

Artigo 12 - Cada equipe deverá inscrever para a **FASE "A"**, 22 (**vinte e dois**) atletas no máximo e 16 (**dezesesseis**) atletas no mínimo através de relação nominal, sendo vetado qualquer alteração (**troca ou complementação**) após a entrega, salvo julgamento do **Comitê Dirigente**.

Único - Na **FASE "C"**, as equipes poderão incluir ainda mais 03 (**três**) atletas.

CAPÍTULO V

Do Calendário/2007

Artigo 12 - As datas abaixo poderão ser alteradas pelo **Comitê Dirigente**. Fique atento ao Site www.copakaiser.com.br.

JANEIRO/2007

" INSCRIÇÃO DE EQUIPES

De 08 a a 31 de janeiro

(Para as 112 da Seletiva + 96 pré-selecionadas)

Entrega da Ficha de Inscrição + Termo de Compromisso (reconhecido firma)

FEVEREIRO/2007

" CONGRESSO TÉCNICO

Dias 12 (Zonas Norte, Sul e Oeste) e 13 (Zona Leste) de fevereiro
Salão Nobre do Estádio do Pacaembu

" ENTREGA DE DOCUMENTAÇÃO

De 01 de fevereiro a 2 de março de 2007

Entrega da Relação Nominal de Atletas com os documentos exigidos (uma foto recente e cópia do RG ou da nova carteira nacional de habilitação - com foto -) + Carta Consulta da FPF.

" DATAS LIMITES (POR ZONA) PARA ENTREGA DE DOCUMENTOS:

Zona Norte - 22 e 23 de fevereiro / 2007

Zona Sul - 26 e 27 de fevereiro / 2007

Zona Oeste - 28 de fevereiro / 2007

Zona Leste - 1 e 2 de março / 2007

MARÇO/2007

" CONGRESSO SOLENE

Dia 06 de Março - 20 horas

Salão Nobre do SC Corinthians Paulista

" INÍCIO DOS JOGOS

Dia 25 de Março

DEZEMBRO/2007

" JOGO FINAL

Dia 02 de Dezembro

CAPÍTULO VI

Da Forma de Disputa

Artigo 14 - A **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07** será disputada em 8 (**oito**) fases, a saber:

FASE "A"

FASE "B"

FASE "C"

FASE "D"

FASE "OITAVAS DE FINAL" (OF)

FASE "QUARTAS DE FINAL" (QF)

FASE "SEMIFINAL" (SF)

FASE "FINAL" (F)

Artigo 15 - As 104 (**cento e quatro**) equipes convidadas melhores classificadas no ano anterior comporão os grupos como **Cabeças-de-Chaves**.

Único - Os critérios para preenchimento de vagas tanto para complementação ou definição de novos **Cabeças-de-Chaves**, bem como para participação na competição, são de livre arbítrio do **Comitê Dirigente** do evento.

Artigo 16 - A **FASE "A"** será composta por 208 equipes convidadas, divididas em 52(**cinquenta e dois**) grupos de 4 equipes cada, classificando-se a campeã e vice-campeã de cada grupo, totalizando 104 (**cento e quatro**) equipes que passarão para a **FASE "B"**.

Único - Sofrerão o descenso as 40 (**quarenta**) equipes com o pior desempenho técnico/disciplinar nesta fase, a saber:

Zona Norte: 8 (**oito**) equipes;

Zona Sul: 8 (**oito**) equipes;

Zona Leste: 20 (**vinte**) equipes;
Zona Oeste: 4 (**quatro**) equipes.

CRITÉRIOS:

- 1- Menor número de pontos ganhos;
- 2- Menor número de vitórias;
- 3- Menor saldo de gols;
- 4- Menor número de gols marcados;
- 5- Critério disciplinar:
 - a) Maior número de cartões vermelhos;
 - b) Maior número de cartões amarelos;
- 6- Sorteio.

Artigo 17 - A **FASE "B"** será composta por 104 (**cento e quatro**) equipes divididas em 26 grupos de 4 equipes cada, classificando-se as campeãs e vice-campeãs, de cada um dos grupos + os 4 (**quatro**) melhores índices técnico/disciplinares dentre os 26 grupos, totalizando 56 equipes que passarão para a **FASE "C"**.

Único - Os 4 (**quatro**) melhores índices técnico/disciplinares (**repescados**), comporão grupos na **Fase "C"** em suas respectivas regiões. Caso, não seja possível a aplicação deste critério, proceder-se-á sorteio.

Artigo 18 - A **FASE "C"** será composta por 56 (**cinquenta e seis**) equipes, divididas em 14 grupos de 4 equipes cada, classificando-se as campeãs e vice-campeãs, de cada um dos grupos + os 4 (**quatro**) melhores índices técnico/disciplinares dentre os 14 grupos, totalizando 32 equipes que passarão para a **FASE "D"**.

Único - Os 4 (**quatro**) melhores índices técnico disciplinares (**repescados**), comporão grupos na **Fase "D"** em suas respectivas regiões. Caso, não seja possível a aplicação deste critério, proceder-se-á sorteio.

Artigo 19 - A **FASE "D"** será composta por 32 (**trinta e duas**) equipes divididas em 8 grupos de 4 equipes cada, classificando-se as campeãs e vice-campeãs de cada um dos grupos, totalizando 16 (**dezesesseis**) equipes, que passarão às **OITAVAS DE FINAL**.

Artigo 20 - A **FASE "OITAVAS DE FINAL"** será composta por 16 (**dezesesseis**) equipes, divididas em 4 grupos de 4 equipes cada, classificando-se as campeãs e vice-campeãs de cada um dos grupos, totalizando 8 equipes que passarão para a **FASE "QUARTAS DE FINAL"**

Artigo 21 - Os critérios para a repescagem dos melhores Índices Técnico/Disciplinares nas fases **B e C**, relativo aos artigos 17 e 18 serão:

1. Maior número de pontos ganhos após os jogos na respectiva fase;
2. Maior número de vitórias na respectiva fase;
3. Maior saldo de gols na respectiva fase;
4. Maior número de gols marcados na respectiva fase;
5. Critério Disciplinar:
 - a) Menor número de Cartões Vermelhos na respectiva fase;
 - b) Menor número de Cartões Amarelos na respectiva fase;
 - c) Se houver empate no Critério Disciplinar na respectiva fase, levar-se-á em consideração o Critério Disciplinar das fases anteriores.
6. Sorteio.

Artigo 22 - A **FASE "QUARTAS DE FINAL"** será composta por 8 equipes, divididas em 2 grupos de 4 equipes cada, classificando-se 4 equipes (campeã e vice-campeã de cada grupo), que passarão para a **"FASE SEMIFINAL"**.

Artigo 23 - Nas fases **"A", "B", "C", "D", "OITAVAS DE FINAL" e "QUARTAS DE**

FINAL", as equipes jogarão entre si dentro de seu respectivo grupo, obedecendo-se a seguinte tabela:

Tabela / Ordem dos Jogos

Jogo 1 - Equipe no. 1 x Equipe no. 4
Jogo 2 - Equipe no. 2 x Equipe no. 3
Jogo 3 - Vencedor do Jogo 1 x Perdedor do Jogo 2
Jogo 4 - Vencedor do Jogo 2 x Perdedor do Jogo 1
Jogo 5 - Perdedor do Jogo 1 x Perdedor do Jogo 2
Jogo 6 - Vencedor do Jogo 1 x Vencedor do Jogo 2

Único - Em caso de empate em alguma partida, apenas para seqüência de jogos, dentro do grupo, será considerada vencedora a equipe que estiver à esquerda da tabela.

Artigo 24 - A **FASE "SEMIFINAL"** será composta por 4 equipes que jogarão em sistema de cruzamento, levando-se em consideração a **FASE "QUARTAS DE FINAL"**.

Tabela:

1º do Grupo QF 1 x 2º do Grupo QF 2
1º do Grupo QF 2 x 2º do Grupo QF 1

Único - Em jogo único, apurar-se-ão as vencedoras, que passarão para a **"FASE FINAL"**.

Artigo 25 - Na **FASE "FINAL"**, a decisão do título será disputada pelas equipes vencedoras da **fase Semifinal**, em jogo único.

Único - Será considerada **TERCEIRA COLOCADA**, a equipe que obtiver o melhor Índice Técnico/Disciplinar, a partir da **FASE "D"**, dentre as perdedoras da **FASE SEMIFINAL**.

Artigo 26 - Havendo empate no tempo regulamentar nas fases **SEMIFINAL** e **FINAL**, a decisão será através de cobrança de tiros livres da marca do pênalti, de acordo com as regras estabelecidas pela IB (**Internacional Board**).

Artigo 27 - A vitória valerá 3 (**três**) pontos. O empate valerá 1 (**um**) ponto.

Artigo 28 - Os pontos de equipe eliminada da competição ou que desistir da mesma serão atribuídos aos demais componentes do grupo, atribuindo-se o placar de **1 a 0**, independente dos jogos já realizados, cujos resultados numéricos tornar-se-ão nulos, OU **NÃO**, a critério da **Comitê Dirigente** da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**.

Único - Os cartões vermelhos e amarelos, também tornar-se-ão nulos, OU **NÃO**, nas partidas realizadas por estas equipes, no tocante ao item **"Critério Disciplinar"**.

Artigo 29 - Em caso de empate na pontuação, obedecer-se-á os seguintes critérios para desempate, nas fases **"A", "B", "C", "D", "OITAVAS DE FINAL" e "QUARTAS DE FINAL"**:

a. Entre duas equipes:

1. Confronto direto na fase;
2. Maior número de vitórias na fase;
3. Maior saldo de gols na fase;
4. Maior número de gols marcados na fase;
5. Critério Disciplinar:
 - a) Menor número de Cartões Vermelhos na fase;
 - b) Menor número de Cartões Amarelos na fase;
 - c) Se houver empate no Critério Disciplinar na fase, levar-se-á em consideração o Critério Disciplinar das fases anteriores.
6. Sorteio.

- b. Entre três ou mais equipes:
 1. Maior número de vitórias na fase;
 2. Maior saldo de gols na fase;
 3. Maior número de gols marcados na fase;
 4. Critério Disciplinar:
 - a) Menor número de Cartões Vermelhos na fase;
 - b) Menor número de Cartões Amarelos na fase;
 - c) Se houver empate no Critério Disciplinar na fase, levar-se-á em consideração o Critério Disciplinar das fases anteriores.
 5. Sorteio.

Único - No Item "b", **ASSIM QUE SE CHEGAR A 2 (DUAS) EQUIPES EMPATADAS ENTRE SI, UTILIZAR-SE-Á PARA O DESEMPATE OS CRITÉRIOS DO Item "a"**.

Artigo 30 - Em todas as fases, o tempo de jogo terá a duração de **35 x 35 minutos**, com **10 minutos de intervalo**, exceto na fase **FINAL**, cujo tempo será de **40 x 40 minutos, com 10 minutos de intervalo**, e serão regidos pelas normas e regras da International Board (**FIFA**), adaptadas e respeitadas no que rege o presente **REGULAMENTO** deste evento.

CAPÍTULO VII

Da Premiação

Artigo 31 - As equipes Campeã, Vice-Campeã, Terceira e Quarta colocadas receberão troféus.

Primeiro - Os atletas das equipes Campeã e Vice Campeã, receberão medalhas.

Segundo - A critério da Coordenação Geral do evento, poderão ser instituídos outros prêmios.

CAPÍTULO VIII

Das Penalidades e Recursos

Artigo 32 - Serão aplicadas penas disciplinares e administrativas às pessoas de responsabilidade definida (técnicos, médicos, preparadores físicos, massagistas e dirigentes), atletas e torcidas pertencentes às entidades participantes, e às mesmas, em procedimento sumário, pelo **TJD - Tribunal de Justiça Desportiva** -, **não cabendo recurso à outra instância**.

Único - As penalidades a serem aplicadas pelo **Tribunal de Justiça Desportiva (TJD)** serão em grau de:

1. Advertência;
2. Perda de Pontos;
3. Perda de Pontos e/ou Vantagens conquistadas;
4. Suspensão por jogos ou prazo;
5. Eliminação; não necessariamente nesta seqüência.

Artigo 33 - A agressão física contra árbitros, assistentes, delegados, dirigentes e coordenadores da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07** importará na eliminação do agressor, sendo o caso, de imediato encaminhado ao **TJD**, para possíveis outras punições.

Artigo 34 - Ficarão impedidos de participar desta e no mínimo da próxima edição, a equipe e atletas que não comparecerem a um dos jogos (**WO**), sendo o caso, de imediato, encaminhado ao **TJD**, para possíveis outras punições.

Artigo 35 - Todos os recursos de ordem administrativa ou técnica deverão ser entregues na **Evidência** (Rua Vergueiro, 2087, 12º andar, conj. 1209 e 1210, Vila Mariana, São Paulo)

até às 17 horas do primeiro dia útil à realização da partida, devidamente instruídos e com provas documentais que justifiquem tal procedimento.

Artigo 36 - Caberá direito de recurso administrativo ou técnico contra irregularidades observadas durante a realização dos jogos, sempre que uma equipe comprovar o não cumprimento deste **Regulamento** por outra equipe, cabendo à interessada a coleta e apresentação de todas as provas.

Único - Será competente para interpor recurso administrativo ou técnico a autoridade máxima da entidade, ou seu representante legal, mediante o recolhimento da taxa de R\$ 300,00 (**trezentos reais**) a favor da **AACD - Associação de Assistência à Criança Deficiente** -, conta no. 19611-2, agência 0183, Banco Itaú ou conta no. 12450-8, agência 0495-2, Bradesco, sem o qual o recurso será considerado infundado.

Artigo 37 - Os atletas, dirigentes e membros da **Comissão Técnica** que forem expulsos do campo de jogo estarão automaticamente suspensos para o jogo subsequente de sua equipe e, de acordo com a gravidade da indisciplina cometida, poderão receber outras punições, julgadas pelo **TJD**.

Primeiro - Técnico reincidente no cumprimento de pena disciplinar, aplicada pela **Justiça Desportiva**, não poderá ser substituído.

Segundo - Independente de publicação na Internet o controle de cumprimento de penas disciplinares ou administrativas é de responsabilidade das equipes participantes

Artigo 38 - As equipes deverão se apresentar completas, ou seja, no mínimo com 11 (**onze**) atletas para iniciar a partida.

Primeiro - A não apresentação do número mínimo (**11 atletas**) exigido pelo presente **REGULAMENTO**, com a documentação em ordem e devidamente uniformizados, implicará automaticamente na eliminação da equipe, caracterizando desta forma o "**W.O.**".

Segundo - Cada equipe terá a tolerância de **UMA ÚNICA VEZ**, durante a **Copa**, de se apresentar para o início da partida com número inferior a 11 (**onze**) atletas. Neste caso, o número mínimo exigido será de 7 (**sete**) atletas.

CAPÍTULO IX

Das Disposições Gerais

Artigo 39 - As equipes participantes na **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07** são obrigadas a respeitar este **Regulamento, normas e boletins oficiais** expedidos pelo **Comitê Dirigente** e também as publicações no jornal "**Lance**" e Internet (**www.copakaiser.com.br**), que terão força de **Circulares Oficiais**.

Artigo 40 - CLÁUSULA COMPROMISSÓRIA

As equipes participantes ou que tenham participado da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**, desde já indicam e reconhecem o **TRIBUNAL DE JUSTIÇA DESPORTIVA**, como a única e definitiva instância para resolver as questões que surjam entre elas ou entre elas e o **Comitê Dirigente** da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**, desistindo ou renunciando, expressamente assim, de valer-se da **Justiça Comum** para esses fins.

Único - As equipes participantes, recorrendo à **Justiça Comum**, serão eliminadas da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07** por Ato Administrativo, além de outras sanções cabíveis.

Artigo 41 - No caso de estar presente em campo somente uma das equipes, esta será considerada vencedora do jogo, desde que esteja devidamente documentada e com o número mínimo de atletas (**onze**) devidamente uniformizados exigido pelo presente **REGULAMENTO**,

caracterizando desta forma o **WO**, levando-se em consideração o texto do # Segundo do **Artigo 38**.

Artigo 42 - Os Coordenadores de campo terão competência para decidir sobre o horário de início da partida, caso seja conflitante com o horário previsto na tabela ou outra anormalidade julgada pertinente.

Artigo 43 - As agremiações poderão completar a equipe a qualquer tempo do jogo, com referência ao # Segundo do **Artigo 38**.

Artigo 44 - CARTEIRA DE ATLETA KAISER: Este documento, resultado de verificação prévia, será a peça única para elaboração de súmulas e, sua guarda ficará por conta do **Comitê Dirigente**, durante o prazo de realização da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**.

Artigo 45 - No caso de coincidência na cor da camisa dos jogadores, caberá a troca à equipe que estiver à esquerda na tabela.

Artigo 46 - Poderão permanecer no banco de reservas o técnico responsável pela equipe, um preparador físico (**se apresentado CREF**), um massagista, um médico (**se apresentado o CRM**) e atletas suplentes, desde que uniformizados, devidamente documentados e não cumprindo pena disciplinar aplicada pela **Justiça Desportiva**.

Artigo 47 - A equipe que permanecer sem o número mínimo de 7 (**sete**) atletas, durante o transcorrer da partida, será considerada perdedora. O placar no momento da interrupção será mantido, OU **NÃO**, a critério do **Comitê Dirigente** e análise do **T.J.D.**

Artigo 48 - A **Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME)**, a **Federação Paulista de Futebol (FPF)**, o **Patrocinador** e a **Evidência Produção e Promoção de Eventos** não se responsabilizarão por acidentes ocorridos com participantes, atletas, dirigentes, torcedores e pessoas ligadas direta ou indiretamente ao evento, ou por estes causados a terceiros, antes, durante e após as partidas, bem como por indenizações, de qualquer espécie, oriundas de participação das equipes na **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**.

Artigo 49 - À equipe inscrita caberá a responsabilidade dos exames médicos e assistência médica aos seus atletas e dirigentes, antes, durante e após as partidas.

Artigo 50 - A equipe que causar a paralisação de uma partida poderá ser eliminada da competição.

Único - As causas do não prosseguimento de uma partida, serão analisadas pelo **T.J.D.**, que aplicará as sanções cabíveis.

Artigo 51 - O cartão amarelo não é cumulativo para efeito de suspensão automática. É cumulativo somente para efeito de desempate na classificação, no tocante ao item "**Critério Disciplinar**".

Artigo 52 - Os boletins oficiais a serem expedidos pelo **Comitê Dirigente** serão considerados como parte integrante deste **Regulamento**.

Artigo 53 - Serão permitidas 5 (**cinco**) substituições durante as partidas.

Artigo 54 - Nenhuma partida deixará de ser realizada pelo não comparecimento do árbitro e/ou de seus assistentes, cabendo aos dirigentes das equipes a indicação de pessoas que dirigirão a partida, de comum acordo com o coordenador da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**.

Único - Será considerada perdedora a equipe que obstruir o comum acordo e não participar da partida, sendo o caso, de imediato, encaminhado ao **TJD**, para as sanções pertinentes.

Artigo 55 - Não será permitida a utilização de uniformes e demais peças (**camisetas, agasalhos, faixas etc.**) que levem mensagem publicitária de empresa (s) concorrente (s) do patrocinador (**KAISER**).

Artigo 56 - As equipes deverão jogar com o uniforme cedido pela Kaiser, salvo outra determinação do **Comitê Dirigente**.

Artigo 57 - A bola oficial do jogo é da marca **NIKE**, não sendo permitida a utilização de quaisquer outras marcas durante a realização dos jogos.

Artigo 58 - Cada equipe deverá apresentar duas bolas oficiais, em condições de jogo, ao **Representante** antes do início da partida.

Único - O **COMITÊ DIRIGENTE** não será responsável pela perda de bolas ou demais materiais, antes, durante ou após a realização dos jogos.

Artigo 59 - Nenhuma equipe participante da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**, terá sua participação assegurada na **COPA de 2008**, cujos critérios serão definidos pelo **Comitê Dirigente**.

Artigo 60 - As interpretações e os casos omissos ou duvidosos deste **Regulamento** serão resolvidos pelo **Comitê Dirigente** da **COPA KAISER DE FUTEBOL AMADOR/07**.

MANUAL DE ORIENTAÇÕES E NORMAS

Este **Manual** é peça complementar do **Regulamento** e do **Caderno Técnico da Copa Kaiser de Futebol Amador/07**.

São informes que visam orientar dirigentes, atletas e torcedores das equipes participantes e tem como objetivo principal garantir o respeito a todas as normas técnicas, administrativas e disciplinares da competição.

Desta forma, os itens contidos neste **Manual de Orientação e Normas** são editados para que todos tenham uma melhor compreensão das regras a serem cumpridas. A qualquer tempo, mesmo com a **Copa Kaiser de Futebol Amador/07** em pleno desenvolvimento, poderão ser acrescentados novos itens a este **Manual**, que serão informados às equipes participantes através de correspondência, em reunião específica, e publicações na **Internet**, no Site: www.copakaiser.com.br

1) Projeto Violência Zero: Por este Projeto, condição de **Honra** para a **Kaiser**, a **Evidência - Produção e Promoção de Eventos**, a **Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação de São Paulo**, a **Federação Paulista de Futebol** e demais parceiros, criou-se um modelo disciplinar onde as punições são sumárias e em determinados casos independem de julgamento por parte do **Tribunal de Justiça Desportiva**. As decisões são administrativas, bastando as peças relatadas pelos membros do **Comitê Dirigente**. Agressão a árbitro, assistentes ou membros da organização, por parte de dirigentes, atletas ou torcedores, poderá resultar na imediata eliminação da equipe, sem que sejam dispensadas outras providências legais. A mesma pena de eliminação poderá ser determinada de forma administrativa quando for comprovado que atleta, dirigente ou torcedor de equipe participante da **Copa Kaiser de Futebol Amador/07** esteja portando arma de qualquer espécie nos locais dos jogos. Todos os atos das torcidas ou entre estas estarão diretamente interligados à ação das equipes em campo. Na **Copa Kaiser de Futebol Amador/07** o comportamento das torcidas é de responsabilidade das equipes participantes;

2) Em consonância com o **Regulamento** da competição, a participação de atleta que esteja cumprindo pena disciplinar poderá causar a eliminação do atleta e apuração de responsabilidade da equipe, que também poderá ser punida;

3) Os pontos de equipes eliminadas da competição ou que desistirem da mesma poderão ser

atribuídos aos demais componentes do grupo, definindo-se o placar de **1 a 0**, independente dos jogos já realizados, cujos resultados numéricos tornar-se-ão nulos, **OU NÃO**, a critério do **Comitê Dirigente da Copa Kaiser de Futebol Amador/07**;

4) Quando for caracterizado desinteresse de uma ou de ambas equipes no resultado de uma partida, objetivando escolha de adversário futuro ou com o intuito de causar benefícios ou prejuízos a terceiros, resultará em advertência ou até eliminação das equipes envolvidas;

5) A expulsão com cartão vermelho determina o cumprimento de no mínimo suspensão automática. Em caso de uma segunda expulsão, serão automáticas no mínimo 2 jogos de suspensão; terceira expulsão, suspensão de no mínimo 3 jogos; quarta expulsão, suspensão por 4 jogos no mínimo; quinta expulsão, suspensão no mínimo por 5 jogos e assim sucessivamente, de acordo com o julgamento dos **Senhores Juízes Membros do Tribunal de Justiça Desportiva**;

6) A critério do **Tribunal de Justiça Desportiva**, dependendo da gravidade motivadora da expulsão do atleta, técnico, massagista, preparador físico ou dirigente, a escala anterior perderá o valor. Os reflexos do ato do infrator e suas conseqüências poderão determinar a eliminação do envolvido a qualquer tempo e sem ordem de escala;

7) Tentativa de agressão por parte de atleta, dirigente ou torcedor, poderá provocar advertência, suspensão por número de jogos ou até eliminação dos envolvidos, com apuração de responsabilidade da equipe;

8) As equipes que provocarem atrasos no início das partidas poderão ser punidas, a critério do **Comitê Dirigente**. Nesse caso, quando a equipe vencedora for a causadora do atraso, perderá um ponto e, em caso de empate, não ganhará ponto algum. Quando perdedora, será advertida, podendo ainda sofrer outras sanções;

9) Todos os mandos de jogos pertencem ao **Comitê Dirigente da Copa Kaiser de Futebol Amador/07**. Cada equipe deverá estar no local do jogo com 30 minutos de antecedência do horário marcado, apresentando duas bolas oficiais (**NIKE**), em condições de jogo e com um uniforme reserva para o caso de coincidência na cor das camisas. Os atletas deverão assinar a súmula do jogo antes do horário marcado na tabela, podendo em não o fazendo, trazer punições para a sua equipe.

10) Todos os recursos administrativos ou técnicos deverão ser encaminhados ao **Comitê Dirigente**, obedecidos os procedimentos constantes em **Regulamento**. Local da entrega: Rua Vergueiro, 2087 - conj. 1208 (12º andar) - Vila Mariana - Capital, até às 17 horas do primeiro dia útil à realização da partida, devidamente instruídos e com as provas documentais que justifiquem tal procedimento, sem as quais os recursos serão considerados infundados.

11) Será levado em consideração, sempre que o **Comitê Dirigente**, em conjunto com o **Tribunal de Justiça Desportiva** assim entenderem, as decisões tomadas de forma continuada, caracterizando assim a Jurisprudência.

12) Todos os prazos e datas, quer para inscrição de equipes ou atletas ou ainda reuniões técnicas ou administrativas, serão determinados pelo **Comitê Dirigente**.

13) Substituição de atletas na **Relação Nominal** somente será permitida no caso de falecimento ou profissionalização.

14) Será exigido documento comprobatório de que o atleta é **amador no Estado de São Paulo**, fornecido pela **Federação Paulista de Futebol**;

15) Todas as solicitações feitas ao **Comitê Dirigente da Copa Kaiser de Futebol Amador/07** deverão ser enviadas à sede da "**Evidência**" por escrito, em papel timbrado e assinado por dirigente devidamente autorizado;

16) Fica definido que os jogos da **Copa Kaiser de Futebol Amador/07** serão realizados, aos domingos ou quando necessário à noite durante a semana. Qualquer adversidade o **Comitê Dirigente** decidirá.

17) O **WO** não é tolerado na **Copa Kaiser de Futebol Amador/07**. Essa prática resulta na imediata eliminação da equipe da competição em curso e, sendo o caso de imediato encaminhado ao **TJD**, para possíveis outras punições. A presença no local de jogo sem o número mínimo de atletas para o início de uma partida poderá ser definido, também, como **WO**, com as mesmas conseqüências. Casos específicos serão analisados pelo **Comitê Dirigente**;

18) As equipes deverão se apresentar completas, ou seja, no mínimo com 11 (**onze**) atletas para iniciar a partida. A tolerância será de **UMA ÚNICA VEZ**, durante a **Copa Kaiser**, de se

apresentar com número inferior a 11 (**onze**) atletas. Neste caso, o mínimo será de 07 (**sete**) atletas devidamente uniformizados e documentados.

19) As equipes que cederem seus **Estádios** para os jogos da **Copa Kaiser de Futebol Amador/07** terão, obrigatoriamente, o direito de jogar em seus domínios. Os mandos de jogos serão sempre do **Comitê Dirigente** que, poderá adotar critérios alternativos, com um determinado número de jogos "**em casa**", sem que isso seja transformado em direito. Essa fórmula pode ser alterada a qualquer momento, a critério do **Comitê Dirigente**;

20) Não serão toleradas interferências de qualquer espécie, especialmente políticas, nas decisões referentes à **Copa Kaiser de Futebol Amador/07**. Pressões políticas junto ao **Comitê Dirigente** ou ao **Tribunal de Justiça Desportiva** poderão agravar as sanções disciplinares;

21) Os locais de disputa da **Copa Kaiser de Futebol Amador/07** são definidos tecnicamente, devendo ser adotados, sempre que possível, os critérios de distância para que os jogos sejam marcados, de tal forma a que nenhuma equipe seja prejudicada. Isso dentro dos locais disponíveis e campos oficializados pelo **Comitê Dirigente**;

22) Cada local de jogo tem sua norma própria. Assim é que em alguns lugares, como nos **Estádios da Aclimação** e do **Centro Olímpico**, por determinação das **Secretarias do Meio Ambiente** e da **Secretaria da Saúde**, por sua localização estratégica, com hospitais ou fauna em suas proximidades ou dependências, está proibida a soltura de fogos de artifício e, em alguns casos, também instrumentos de percussão. Fogos são permitidos nos demais estádios diante de consulta prévia e somente antes do início da partida, através de baterias próprias, supervisionadas por empresa especializada;

23) Os jogos disputados em estádios também utilizados pela **FPF**, são regidos por normas e leis próprias, às quais nos submetemos, seguindo orientação da **Polícia Militar do Estado de São Paulo**;

24) Equipes que participem de Festivais, Torneios ou jogos amistosos e ao mesmo tempo façam parte de eventos organizados ou em parceria com a **Kaiser, Evidência e Associação Paulista das Entidades Promotoras de Eventos Esportivos, Culturais e de Lazer** estarão sujeitas à exclusão a partir do momento em que atos ou ações cometidos nestes jogos possam significar ameaça à ordem e disciplina nas **Copas** organizadas pela "**Evidência**";

25) A responsabilidade pelas ações de jogadores é de exclusiva competência das equipes que os inscreve;

26) A autenticidade da documentação fornecida para o **Comitê Dirigente da Copa Kaiser de Futebol Amador/07** é de responsabilidade exclusiva das equipes participantes;

27) O jogador que participar irregularmente poderá causar a eliminação da equipe, sendo atribuído, ou não, os pontos às demais equipes do grupo;

28) Não é dada a nenhuma equipe o direito de desconhecer a origem de seus atletas, cabendo às mesmas a responsabilidade por sua identidade e vida pregressa na área esportiva;

29) Sempre que houver dúvidas quanto à documentação de atletas ou membros da **Comissão Técnica**, o **Comitê Dirigente** dará prazo de no máximo 48 horas, independente de recurso formal, para entrega de originais ou demais documentos que possam elucidar o caso;

30) Quando houver dúvidas, a "**Evidência**" poderá prestar informações "**oficiosas**" por telefone. Porém só terão valor legal consultas e respostas feitas por escrito;

31) As punições do **Tribunal de Justiça Desportiva** continuam sendo em grau de Advertência; Perda de pontos; Perda de pontos e/ou vantagens conquistadas; Suspensão por jogos ou prazo e Eliminação (não necessariamente nesta seqüência). Contudo, as punições continuarão sendo por decisão administrativa sempre que as normas regulamentares, extra-campo, forem burladas;

32) Quando houver denúncia ao **Comitê Dirigente**, ou este for o denunciante de irregularidade de qualquer natureza, serão desprezados os trâmites burocráticos habituais;

33) Quando for constatada irregularidade e, esta ocorrer por falha ou erro do **Comitê Dirigente** ou por **Entidades** que prestam informações à **Organização do evento**, não caberá punição ao participante.

34) Não será permitida a utilização de uniformes e demais peças (**camisas, agasalhos, faixas etc.**) que levem mensagem publicitária de empresa (s) concorrente (s) do patrocinador(**KAISER**).

35) As equipes deverão jogar com o uniforme cedido pela **Kaiser**, salvo outra determinação do **Comitê Dirigente**.

36) A bola oficial do jogo é da marca **NIKE**, não sendo permitida a utilização de quaisquer outras marcas durante a realização dos jogos.

37) Cada equipe deverá apresentar duas bolas oficiais, em condições de jogo, ao **Representante** antes do início da partida.

38) O **COMITÊ DIRIGENTE** não será responsável pela perda de bolas ou demais materiais, antes, durante ou após a realização dos jogos.

39) As interpretações e os casos omissos ou duvidosos serão deliberados pelo **Comitê Dirigente da Copa Kaiser de Futebol Amador/07**.

(fonte: <http://www.simmm.com.br/copa2007/regulamento/default.asp>)

Anexo V

REGULAMENTO ESPECÍFICO DAS MODALIDADE

FUTEBOL DE CAMPO

Art. 1º - Cada equipe poderá inscrever no máximo 20 (vinte) atletas para disputar a Etapa Regional. Para a Etapa Municipal poderão ser inscritos até mais 05 (cinco) atletas.

§ 1º - Cada entidade somente poderá participar com uma equipe representativa.

§ 2º - Em cada partida poderão ser inscritos até 18 (dezoito) atletas na súmula de jogo.

Art. 2º - As partidas da Etapa Regional até as semi-finais terão a seguinte duração:

TEMPO INTERVALO OBSERVAÇÃO

2 x 30 minutos 10 minutos Tempo corrido

§ 1º - As finais e as disputas de 3º e 4º lugares da Etapa Regional terão a seguinte duração:

TEMPO INTERVALO OBSERVAÇÃO

2 x 35 minutos 10 minutos Tempo corrido

§ 2º - As partidas da Etapa Municipal terão a seguinte duração:

TEMPO INTERVALO OBSERVAÇÃO

2 x 35 minutos 10 minutos Tempo corrido

§ 3º - O jogo final da Etapa Municipal terá a seguinte duração:

TEMPO INTERVALO OBSERVAÇÃO

2 x 40 minutos 10 minutos Tempo corrido

Art. 3º - As equipes deverão apresentar-se à "mesa de controle" da partida com 15 (quinze) minutos de antecedência, devidamente munidos da documentação dos atletas.

§ Único - Haverá tolerância de 15 (quinze) minutos de atraso apenas para o início da primeira partida da rodada, após o que a equipe ausente será declarada perdedora (WO).

Art. 4º - Cada equipe deverá apresentar 2 (duas) bolas oficiais, em condições de jogo, ao Representante da SEME antes do início da partida.

Art. 5º - Nos casos de igualdade de uniformes, a equipe que estiver à esquerda na tabela deverá providenciar a troca no prazo máximo de 15 (quinze) minutos. Caso isso não ocorra a equipe será penalizada com a perda dos pontos da partida em favor do adversário, sendo considerado o placar de 0 x 1 para efeito de classificação.

Art. 6º - Poderão permanecer no banco de reservas durante o jogo, os atletas suplentes devidamente uniformizados e documentados, o técnico, o massagista (quando equipado), o

médico desde que credenciado (C.R.M.) e o preparador físico devidamente inscrito no Conselho Regional de Educação Física (C.R.E.F.).

Art. 7º - Estará automaticamente suspenso da próxima partida o atleta que receber cartão vermelho no jogo anterior, sendo encaminhado ao T.J.D. o relatório da arbitragem para os demais enquadramentos disciplinares se for o caso, sendo que os cartões amarelos serão computados para o critério de desempate, não tendo efeito cumulativo.

Art. 8º - Cada equipe poderá realizar até 5 (cinco) substituições de atletas durante as partidas.

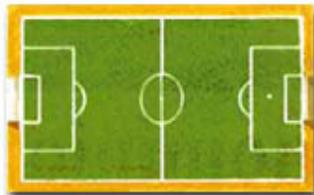
Art. 9º - As partidas que forem interrompidas após o transcurso de 3/4 (três quartos) de sua duração, serão consideradas encerradas, sendo mantido o resultado.

Art. 10º - A modalidade será regida pelas regras oficiais do esporte, salvo exceções contidas neste regulamento.

Art. 11º Não haverá restrições aos atletas profissionais.

(fonte: www.jogsdacidade.prefeitura.sp.gov.br)

Clubes Desportivos Municipais



Os Clubes Desportivos Municipais (CDM) são áreas de lazer construídas em terrenos cedidos pela prefeitura e gerenciadas por organizações da sociedade civil. A estrutura de cada CDM varia em função das melhorias, isto é, dos equipamentos construídos pelas entidades na área cedida. A maioria dos Clubes contam com quadras de futebol e vestiários, mas existem alguns que possuem campos, quadras poliesportivas e até piscina.

A diretoria de cada CDM é responsável pela inscrição dos sócios, atividades oferecidas e definição da mensalidade cobrada para a manutenção da área e das atividades.

(fonte: <http://nev.incubadora.fapesp.br/portal/culturalazer/clubesdesportivosmunicipais>)

Anexo VII

Seminário da RSJ

I – Seminário do Movimento Rua São Jorge – R.S.J.
SÃO PAULO – 13 E 14/03 – SINDICATO DOS BANCÁRIOS – RUA SÃO BENTO, 413
Sexta-feira – 13/03/09
19h – Abertura

Associados dos Gaviões da Fiel Torcida, lideranças de diversas torcidas organizada do Corinthians, torcedores não organizados, convidados e autoridades.

19h30min – História dos Gaviões da Fiel e a Verdadeira Ideologia

° Roberto Daga (Fundador dos Gaviões da Fiel)

° Wanda la Selva (irmã de Flávio la Selva, fundador e sócio n°1 dos Gaviões da Fiel).

° Julio Cezar de Toledo (Fundador dos Gaviões da Fiel)

Coordenador: Luiz Eduardo Dudu (ex- diretor dos Gaviões da Fiel)

Tempo da Mesa: 20 Minutos por expositor

21h30 – Término- Nós somos os Gaviões

Sábado dia 14/03

9h - Conjuntura Atual dos Gaviões da Fiel

Mesa: Pulguinha (ex - vice-presidente e conselheiro dos Gaviões da Fiel)

Orlando (ex-diretor e conselheiro dos Gaviões da Fiel)

Dinho (ex-diretor e conselheiro dos Gaviões da Fiel)

Coordenador: Wagner BO (Rua São Jorge Gaviões da Fiel)

Tempo da mesa: 20 minutos por expositor

Tempo do plenário: 30 minutos (10 intervenções de 3 minutos por pessoa)

11h – O porquê do Movimento Rua São Jorge e seus objetivos

Mesa: Zinho (ex-vice-presidente e conselheiro dos Gaviões da Fiel)

Viola (ex-diretor e conselheiros dos Gaviões da Fiel)

Metalheiro (ex- presidente e conselheiro dos Gaviões da Fiel)

Coordenador: J B (Rua São Jorge Gaviões da Fiel)

Tempo da mesa: 20 minutos por expositor

Tempo do plenário: 30 minutos (10 intervenções de 3 minutos por pessoa)

13h00 às 14h00 - Almoço

14h30m – As experiências e organização dos movimentos sociais brasileiros e a organização do movimento Rua São Jorge junto ao processo de extinção das torcidas organizadas e a elitização do futebol.

Mesa: Letícia Barqueta (Coordenadora nacional do Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra – MST)

Luis Cláudio Marcolino (Presidente do sindicato dos Bancários de São Paulo – CUT)

Alex Minduín (ex-diretor e conselheiro dos Gaviões da Fiel)

Coordenador: Mario B V (Rua São Jorge Gaviões da Fiel)

Tempo da mesa: 20 minutos por expositor

Tempo do plenário: 30 minutos (10 intervenções de 3 minutos por pessoa)

16h00- Corinthians a razão de nossa existência
Mesa: Andrés Sanches (Presidente do Corinthians)
Wladimir (ex-jogador e eterno ídolo do Corinthians)
à confirmar Juca Kfourri (Sociólogo e jornalista)
à confirmar Sócrates (ex - jogador e eterno ídolo do Corinthians)
Coordenadora Mariana Cordovani (sócia dos Gaviões da Fiel)
Tempo da mesa: 20 minutos por expositor

16h50m – Encerramento com hino do Corinthians.

A ENTRADA SERÁ 1 QUILO DE ALIMENTO NÃO PERECÍVEL.

(fonte: <http://vailateral.wordpress.com>)

Anexo VIII

Entrevista - Marcel Presidente Nucleo Ultras 1914

Choque Sp - Ola Marcel, como e quando Surgiu a Nucleo Ultras 1914 ?

Marcel - O Núcleo surgiu no ano de 2006 uma época difícil para as organizadas de SP, pois passávamos pela segunda proibição e material nenhum entrava. Em janeiro de 2007 as organizadas foram liberadas novamente, mas a FPF e a PM de SP, passaram a exigir CNPJ das torcidas para permitir a entrada das mesmas, por isso ficamos parados até o início do Brasileiro de 2007, já com tudo certo perante a FPF e a choque estreamos como torcida contra o Flamengo no Maracanã.

Choque Sp - Você já fez parte de outra Organizada do Palmeiras ? se sim porque saiu ?

Marcel - Sim, comecei na Mancha Verde quando tinha 14 anos e atravessávamos a primeira proibição de Organizadas em SP, era uma época difícil pois a Mancha estava recomeçando praticamente do zero, mas com o trabalho das lideranças conseguiram levantar a torcida e hoje ela ser o que é hoje, eu saí da Mancha porque por problemas familiares passei 2 anos no exterior e lá conheci outras formas de torcer e coisas que não conhecia aqui no Brasil, sabia que tinha espaço no Palmeiras para uma torcida diferente das tradicionais e já existia um buchicho muito grande sobre isso, então reunimos algumas pessoas interessadas e resolvemos tornar realidade esse sonho de todos.

Choque Sp - Como começou sua história Junto a torcida ?

Marcel - Sou um dos fundadores do Núcleo.

Choque Sp - Qual a Ideologia do Nucleo ?

Marcel - O Núcleo se define como Ultras, muita gente usa esse nome e não sabe o que quer dizer então vou explicar rapidamente.

Ser Ultra não quer dizer ter um jeito diferente de torcer fazer mosaico levar fogos etc. Muitas pessoas também associam o nome ultras ao movimento skin head e estão também completamente equivocados.

Ultra quer dizer radical é lutar contra o sistema não se calar quando você vê que as coisas estão erradas, lutar contra esse futebol moderno de pay per view e cadeiras nos estádios que está acabando com as organizadas, lutar contra a elitização do mesmo, que afasta o torcedor de classe mais humilde. Alguns exemplos de lutas nossas são: Somos a única torcida de SP que não cadastrou os integrantes na FPF (só a torcida é cadastrada integrante não), conseguimos junto com as outras organizadas do Palmeiras derrubar o setor de organizadas do Palestra, Fomos a única torcida que se manifestou contra o setor visa levando faixas e pichando o clube, fomos a primeira torcida de SP a poder entrar com um certo tipo de haste de bandeira o que é uma vitória para todas as Organizadas de SP entre outras coisas.

Choque Sp - Existe alguns integrantes dos Carecas do Abc e dos skin heads que Fazem parte da torcida ?

Marcel - Não existe isso na torcida, não vou mentir para você, alguns skin heads tentaram sim ingressar na torcida, mas como não seguiram a ideologia da mesma e tentaram implantar a deles

foram expulsos.

Choque Sp - Como é a relação do Nucleo com as outras organizadas do Palmeiras, Mancha, TUP, Savóia e Porks ?

Marcel - Temos ótima relação com as outras 4 torcidas do Palmeiras, inclusive já viajamos junto com todas. Acredito até que somos a única torcida que tem bom relacionamento com todas do Palmeiras, estamos para lutar pelo Palmeiras não contra nossos irmãos.

Choque Sp - Hoje em dia qual o Patrimonio que a torcida possui ? (Sede, Bandeiras, Faixas, Bateria, Etc...)

Marcel - O maior patrimônio do Núcleo são as pessoas que chegam com a gente, sede nunca foi nosso objetivo, investimos o dinheiro da torcida em materiais, temos aproximadamente 50 bandeiras 6 Estandartes, Faixa Oficial e das Filiais.

Choque Sp - o Nucleo Recebe alguma Ajuda do Palmeiras ?

Marcel - Nenhuma, A partir do momento que você recebe ajuda você perde o direito de reivindicar quando você vê coisas erradas no clube.

Choque Sp - o que mais se valoriza nos Ultras 1914 , Pista porrada ou festas nas arquibancadas ?

Marcel - O Palmeiras, mas não sou hipócrita porrada faz sim parte da nossa ideologia nascemos para defender o Palmeiras não importa como.

Choque Sp - Quantos associados a ultras 1914 tem hoje em dia ?

Não temos associados, até por isso não nos cadastramos na FPF, chega quem quer e a grande maioria que chega pela primeira vez acaba retornando então acredito que o trabalho está sendo bem feito.

Choque Sp - Quais os Projetos para os proximos anos ?

Marcel - Esse ano foi para estruturar a ultra com materiais, para o ano que vem o foco são as caravanas, pretendemos que a faixa vá para todos os jogos do Palmeiras não importa se for no Brasil ou Exterior outro foco para o ano que vem é o fortalecimento das filiais no interior, já possuímos em Sorocaba e Americana e já está encaminhado para começar em Marília e Blumenau SC.

Choque Sp - Existe Eleições na torcida ? Se sim explique para a gente como são se Integrantes participam também .

Marcel - Não existe eleição na torcida, a liderança se conquista com merecimento e dedicação a torcida.

Choque Sp - O Que os integrantes dos Ultras 1914 , podem esperar da diretoria nos proximos anos ?

Marcel - Podem esperar a continuação do trabalho que vem sendo feito, a concretização dos projetos propostos e uma liderança que nunca vai abrir mão de sua ideologia inicial a torcida crescendo ou não.

Choque Sp - vocês tem aliança ou amizade com alguma outra torcida organizada fora e dentro de

são paulo ?

Marcel - Não temos aliança com ninguém nossos aliados são as organizadas do Palmeiras e mais ninguém. Temos respeito pelas aliadas das outras organizadas do Palmeiras como as torcidas do Atlético MG e do Vasco, por exemplo, e uma amizade com a Guerreiros do Almirante, mas união não faz parte da nossa ideologia.

Choque Sp - a Torcida carrega o jeito Barra brava de torcer ?

Marcel - Nós temos nosso estilo próprio, adotamos muitas coisas das torcidas italianas, como músicas, batidas e estandartes, afinal o Palmeiras é um clube de raízes Italianas adotamos as bandeiras das Barra Bravas e algumas músicas como qualquer outra organizada brasileira.

Choque Sp - Marcel, considerações Finais . Mande um recado a todos os integrantes do Nucleo Ultras 1914 e aos Palmerenses em geral.

Marcel - Primeiro quero deixar bem claro para vocês que é proibido perante o estatuto da torcida, qualquer integrante da torcida dar entrevista em nome da torcida, afinal essa imprensa sensacionalista só denigre a imagem de nós torcedores organizados com matérias sensacionalistas e nunca mostra as belas festas que fazemos, portanto para nós a imprensa é sim um inimigo, abrimos essa exceção para vocês por não fazerem parte da imprensa podre e hipócrita e sim por sua comunidade ser formada por pessoas que vivem as organizadas e vocês lutarem pelas mesmas e por isso será um prazer sempre ajudá-los.

Quanto aos Palmeirenses aqueles que tem vontade de nos conhecer serão muito bem vindos na curva do Palestra e por ultimo, gostaria de agradecer o espaço e desejar sucesso para vocês

Abraços !

(fonte: <http://www.orkut.com.br/> - comunidade “Ultras” –
tópico “Núcleo Ultras 1914?”)

Anexo IX

Matéria da revista Placar sobre a briga entre as torcidas no primeiro turno do Brasileiro de 2007

TORCIDAS ORGANIZADAS

Ódio, ignorância, intolerância. Conheça os detalhes da invasão do quartel-general da torcida organizada Gaviões da Fiel pelos são-paulinos da Independente. Uma história que começou com uma bola de bilhar

Por Ivan Azevedo

No fim do jogo, os integrantes da Torcida Independente entraram no ônibus e pegaram a estrada para a capital. Já dentro da cidade, por volta da 1 da manhã, saíram da Marginal Tietê e pegaram a avenida Rudge, no bairro do Bom Retiro, em direção ao centro, de onde cada um acreditava que iria para casa. Pouco à frente, porém, cerca de 80 corintianos da torcida Gaviões da Fiel esperavam o ônibus são-paulino. Os alvinegros armaram a emboscada em frente à sede da instituição cristã Legião da Boa Vontade (LBV).

Quando avistaram o ônibus com os são-paulinos, os "gaviões" tentaram pará-lo colocando-se à frente do veículo. As boas-vindas foram dadas com uma bola de bilhar, que estourou o pára-brisa do ônibus. Dionísio, o motorista, levou uma chuva de estilhaços. Como havia poucos integrantes e mulheres entre os torcedores, líderes da Independente ordenaram a Dionísio que arrancasse com o veículo.

Poucos dias depois do incidente, um muro localizado em frente à bilheteria principal do estádio do Morumbi apareceu pichado com os seguintes dizeres: "LBV 24/01/2007 É NÓIS Q. TÁ!". A frase remete à chapa política que foi derrotada na última eleição à presidência da Gaviões da Fiel, informando assim qual grupo protagonizara o "feito". A mensagem com local e data da emboscada, acompanhado da frase cifrada, era uma provocação explícita aos são-paulinos. Um lembrete como quem diz: "Correram da briga!".

Dezoito dias depois do arremesso do caso LBV aconteceria o primeiro clássico do ano entre as equipes. A Independente queria vingança, mas o tempo era curto para planejar a ofensiva. Assim, a tropa de choque fixou a revanche para o dia do confronto seguinte: 14 de julho de 2007, um sábado.

A VINGANÇA

Na sexta-feira, véspera do clássico, integrantes da Independente discutiam na sede, localizada na Rua 24 de Maio, que o ataque aos corintianos seria ousado. Os são-paulinos escolheram enfrentar o maior "bonde" — como são chamados os grupos de torcedores brigões — da Gaviões da Fiel em seu próprio quartel-general. O local onde os alvinegros se encontram é em frente ao Sport Club Corinthians, mais precisamente no bar São Jorge.

O jogo estava marcado para as 20h30. Os "independentes" se juntaram no largo do Paissandu, no centro de São Paulo, por volta das 14h. Os líderes da operação ajustavam as últimas funções para os carros — eram pelo menos três veículos. Apesar de a maioria ir de metrô ao local da briga, os carros tinham papel fundamental. Eles passariam algumas vezes em frente ao bar para saber o número de "inimigos". Nos porta-malas estavam as armas: 20 barras de ferro e 30 cabos de enxada sem a parte de aço.

Às 16h20, o grupo de são-paulinos saiu do centro e pegou o metrô na estação República, seguindo em direção à zona leste. Eram aproximadamente 90 pessoas. O grupo se espalhou na plataforma da estação República do metrô. A intenção era não formar grandes grupos, para não atrair a atenção dos policiais — em dias de clássico, eles fazem patrulha preventiva no metrô.

Os automóveis chegaram primeiro e começaram a passar em frente ao bar São Jorge. Um carro da Polícia Militar estava estacionado no local. Segundo os "independentes", eram cerca de 80 corintianos no bar.

No metrô, os são-paulinos desceram na estação Carrão e tomaram a avenida Celso Garcia. Nesse trajeto, os carros carregados pararam e abriram os porta-malas para a torcida se armar. Algumas barras estavam pintadas de vermelho, branco e preto. Os "independentes" seguiram pela Rua São Jorge, chegando próximo à Rua Santa Elvira, onde fica o bar São Jorge.

NÃO É PRA MATAR"

Ao avistarem os são-paulinos, os corintianos começaram a gritar: "É os caras! É os caras!" (sic). O ataque começou. Alguns "gaviões" passaram a jogar garrafas de cerveja nos "independentes", outros entraram no bar para se proteger. A maioria, porém, correu. Os policiais que estavam no local chamaram reforços e começaram a disparar balas de borracha nos são-paulinos, sem muito efeito. A pancadaria teve início com um integrante da Gaviões que demorou a correr e acabou espancado. Quando os primeiros corintianos ficaram pelo chão, surgiu a ordem de um dos líderes da Independente: "Não é pra matar! Não mata!".

Muitos alvinegros começaram a pular o muro para dentro do clube do Corinthians. Outros carros da Polícia Militar chegaram rapidamente, já que o 8º Batalhão da PM fica próximo dali. Muitos tiros de borracha começaram a acertar os "independentes", que continuavam atrás dos corintianos.

Um são-paulino foi alvo de cinco balas de borracha no peito. Mas a polícia não conseguiu o efeito necessário. Segundo alguns "independentes", os policiais começaram a dar tiros de verdade para o alto, e só aí conseguiram efeito intimidador. Ao ouvirem os tiros, três são-paulinos entraram em uma academia de ginástica perto do bar. No início, os funcionários do local não queriam deixá-los entrar, até que um dos são-paulinos implorou: "Se eu sair, eu morro!" O grupo ficou dentro da academia até as 20h.

Os são-paulinos contam que sempre usam a mesma tática na hora de fugir. Logo após as brigas, se separam e cada um vai para um lado para tentar escapar da polícia. Alguns pegam táxi, outros entram no primeiro ônibus que aparece, outros pedem carona e alguns são resgatados pelos motoqueiros e pelos carros que, antes da briga, vigiavam os inimigos.

Dos cerca de 90 torcedores são-paulinos envolvidos na briga, 21 foram presos para averiguação. Outros 23 corintianos também foram detidos. Todos ficaram até quase 22h no 52º Distrito Policial. Quatro torcedores já tinham passagem pela polícia por outras brigas de torcida. Outros três corintianos foram levados ao Hospital Tatuapé, próximo ao local da briga. Apenas um deles, Piratini Tapejara de Salles Junior, conhecido como Pirata, foi internado em estado grave devido ao traumatismo craniano causado pelos golpes desferidos com barras de ferro.

Um são-paulino, Marcos Alves Afonso, foi autuado em flagrante. No dia 30 de julho, o promotor Raul de Godoy Filho denunciou-o por tentativa de homicídio duplamente qualificado — motivo fútil e agressão sem chance de defesa. "Se ele for condenado, pode pegar de oito a dez anos de prisão", diz Godoy Filho, que solicitou a permanência do são-paulino na cadeia enquanto responde

ao inquérito.

A polícia ainda investiga o caso e tenta enquadrar os torcedores que foram detidos na averiguação no dia 14 de julho em artigos como rixa, desordem e deprecação do patrimônio público. Enquanto isso não acontece, eles continuam indo aos estádios normalmente.

Nota da redação: a assessoria de imprensa da torcida Gaviões da Fiel se manifestou a respeito do incidente. De acordo com o comunicado enviado à Placar, os envolvidos não faziam mais parte da torcida na ocasião do confronto. Leia o comunicado na íntegra.

Grêmio Gaviões da Fiel Torcida - Força Independente

O Grêmio Gaviões da Fiel Torcida vem a público esclarecer que não tem envolvimento no caso relatado pela reportagem de Ivan Azevedo, na edição de outubro da revista "Placar". Desde sua fundação, em 1º de julho de 1969, nossa torcida tem como princípio único defender o Sport Club Corinthians Paulista e acompanhá-lo em suas partidas mundo afora. Princípio, esse, praticado em nosso dia-a-dia e amplamente divulgado para todos os associados. Não encorajamos a violência nem incentivamos confrontos, ataques ou emboscadas.

Pelo contrário. Além de nossas ações a favor do Corinthians, desenvolvemos em nossa sede inúmeros projetos esportivos e sociais, favorecendo associados e a comunidade.

É importante esclarecer que, diferentemente do que afirma a reportagem, o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida não tem um "quartel-general", mas sim uma sede, localizada no bairro do Bom Retiro - e não no Tatuapé. Se há corinthianos que se encontram em pontos diversos da cidade, isso acontece de forma independente, sem relação direta com os Gaviões. Nossos eventos, reuniões e festas são sempre realizados em nossa quadra, na rua Cristina Tomás, 183.

Como é de conhecimento de todos, após a derrota da chapa "É nós q. tá" na disputa pela presidência da torcida, seus integrantes se afastaram dos Gaviões –inclusive o torcedor Piratini Tapejara de Salles Junior, conhecido como Pirata. Desde então, eles não frequentam mais nossa quadra e, inclusive, têm organizado suas próprias caravanas para os jogos do Corinthians. Portanto, as ações desse grupo não dizem mais respeito aos Gaviões da Fiel. Se estão se organizando em "bondes", não sabemos. Se marcam brigas e planejam emboscadas, ignoramos.

Claro que nos preocupamos com a violência que atualmente circunda o futebol, e nesse contexto fazemos a nossa parte, divulgando entre os associados nosso ideal de Lealdade, Humildade e Procedimento, e trabalhando em parceria com a polícia em todas as iniciativas que visam diminuir os índices de violência, inclusive acatando as orientações do Ministério Público Estadual, com o qual há frequentes reuniões para se estabelecerem formas eficientes ao combate conjunto da violência que assola os estádios.

Já assumimos publicamente o compromisso de afastar de nossa agremiação integrantes que possam se envolver em confrontos. Mas entendemos que o controle da violência nas ruas, assim como a punição dos envolvidos, é responsabilidade da polícia. Por tudo isso, não permitiremos mais que o nome dos Gaviões da Fiel seja associado a toda e qualquer notícia sobre brigas entre torcedores que, vestindo uma camisa com nossas cores e símbolos, passe a impressão à sociedade de que a "Gaviões", que por ele não (nunca foi) representada, seja a responsável pelos lamentáveis episódios de violência que vitimam diversas pessoas.

(fonte: <http://placar.abril.com.br/materias/organizadas.htm>)

Anexo X

Amantes e Apaixonados pelo Futebol 7 Society

Um minuto da atenção de vcs..... (gostaríamos que lessem e respondessem , pois nossos PEQUENINOS não merecem isso)

Vejam a que ponto Chegamos.....

Todos sabem, que no último dia 02 de Novembro, a **FEDERAÇÃO PAULISTA DE CLUBES DE FUTEBOL 7 SOCIETY**, proporcionou as Famílias, Torcedores e Admiradores do **FUTEBOL 7 SOCIETY**, uma grandiosa festa de encerramento das finais do Campeonato Paulista de Clubes de Futebol 7 Society, das Principais Divisões (1ª e 2ª), quem esteve presente pode conferir de perto a Festa. As mais de 500 pessoas que estiveram presentes, puderam acompanhar **um maravilhoso espetáculo na preliminar**, onde jogando o verdadeiro **FUTEBOL 7 SOCIETY** nas **REGRAS OFICIAIS**, os atletas eram todos **anões** onde os mesmos representavam as equipes finalistas da 1ª Divisão, a alegria tomou conta das arquibancadas, e mesmo dos atletas que fariam a grande final, a emoção contagiou a todos, a Federação mostrou a todos que através do esporte, qualquer que seja a modalidade, e qualquer que seja os praticantes devem ser respeitados e aplaudidos de pé, pois todo ser humano sem distinção merece todas as oportunidades e igualdades que o mundo proporciona e acreditamos que nossos queridos **anões** são um espelho de força, vontade, seriedade, competência e alegria, portanto frisamos que eles, além de serem sempre campeões, merecem com certeza absoluta o nosso e de todo mundo muito respeito. Nós da **FEDERAÇÃO** ficamos honrados de ter ao nosso lado **PEQUENOS GRANDES HOMENS** e salientamos que foi uma de nossas maiores alegrias em 2008.





(veja a alegria deles, olhem o sorriso)

O intuito desse meu email, é mostrar que ainda tem pessoas **PRECONCEITUOSAS** no meio do Futebol 7 Society, pessoas que não se enxergam, e estão dizendo por ai, que nós da **FEDERAÇÃO DE CLUBES**, estamos acabando com o **FUTEBOL 7 SOCIETY**, por causa dessa nossa iniciativa, só que realmente quem quer acabar com o **FUTEBOL 7 SOCIETY** são eles, divulgando por ai, um **TAL EVENTO** que foi realizado no **MEXICO**, como **FUTEBOL 7 SOCIETY**, isso para as equipes **FILIADAS** a essa **TAL ENTIDADE** é uma falta de respeito. É uma pena que no meio do **FUTEBOL SOCIETY**, tem pessoas sem caráter, pois, para fazer isso, **DESCRIMINAR PESSOAS É UM ABSURDO.....**

Vejam abaixo o e-mail enviado a nosso parceiro.

Mensagem encaminhada de geral@fpfs.com.br -----

Data: Tue, 11 Nov 2008 14:29:54 -0200

De: Federação Paulista de Futebol Society <geral@fpfs.com.br>

Endereço para Resposta (Reply-To): Federação Paulista de Futebol

Society <geral@fpfs.com.br>

Assunto: Re: BOLETIM UMBRO SOCCER CENTER

Para: Umbro Soccer Center <contato@umbrosc.br>

Cc: Paulo - Umbro <p.verardi@umbro.br>

Parabéns pelo Futebol de anão, não sabemos se rimos ou choramos por vocês estarem acabando com o esporte.

Visite www.fpfs.com.br

VEJA SE ISSO É FUTEBOL SOCIETY



(ISSO SIM É ACABAR COM O FUTEBOL SOCIETY)

Federação Paulista de Clubes de Futebol 7 Society (á verdadeira)

Alexandre Tibellio

Diretor Técnico

" Levando o Futebol 7 Society á Sério "

Sem medo de se identificar

Anexo XI

São Paulo fecha parceria com tradicional clube da Zona Leste

Relacionamento com Botafogo de Guaianases servirá para atrair jovens da região

Juca Pacheco - 21/9/2007

De olho em jovens revelações da Zona Leste, região ainda pouco explorada pelo clube, o São Paulo fechou nesta sexta-feira uma parceria com o Botafogo de Guaianases, tradicional clube amador da capital paulista que atende cerca de 500 crianças por dia.

Com 52 anos de tradição, o Grêmio Botafogo FC faz um trabalho social na Escola Comunitária de Futebol, atraindo centenas de jovens entre 7 e 16 anos do bairro Guaianases e redondezas, região que conta com cerca de 1 milhão de habitantes.

A idéia da parceria é revelar talentos. Enquanto até hoje o Botafogo revelava jogadores sem ser gratificado (empresários tiravam de lá os mais promissores garotos se um rumo certo), agora com a parceria os jovens da Zona Leste saberão que junto a eles estará um clube especializado em revelar jogadores do mais alto padrão no futebol mundial.

(fonte:

http://www.saopaulofc.net/spfc/noticias2NOVO2.asp?PLC_map_001_c=02.01&PLC_cng_ukey=39346203449ZCGIWGT)